
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

SÉRGIO DE OLIVEIRA SANTOS

**Para além de um pedaço de pano triste:
*uma educação heroica ou...***



**Rio Claro
2018**

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

SÉRGIO DE OLIVEIRA SANTOS

**Para além de um pedaço de pano triste:
*uma educação heroica ou...***

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação do Instituto de Biociências da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – Campus de Rio Claro – SP, como parte dos requisitos para obtenção do título de Doutor em Educação.

Orientador: PROF. DR. CÉSAR DONIZETTI PEREIRA LEITE

**Rio Claro
2018**

370.15 Santos, Sérgio de Oliveira
S237p Para além de um pedaço de pano triste: uma educação
heroica ou... / Sérgio de Oliveira Santos. - Rio Claro, 2018
118 f. : il.

Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista,
Instituto de Biociências de Rio Claro
Orientador: César Donizetti Pereira Leite

1. Psicologia educacional. 2. Educação. 3. Formação. 4.
Civilização. 5. Amor. 6. Medo. I. Título.

CERTIFICADO DE APROVAÇÃO

TÍTULO DA TESE: Para além de um pedaço de pano triste: uma educação heroica ou...

AUTOR: SERGIO DE OLIVEIRA SANTOS

ORIENTADOR: CESAR DONIZETI PEREIRA LEITE

Aprovado como parte das exigências para obtenção do Título de Doutor em EDUCAÇÃO, pela Comissão Examinadora:


Prof. Dr. CESAR DONIZETI PEREIRA LEITE
Departamento de Educação / UNESP - Instituto de Biociências de Rio Claro - SP

Prof. Dr. OSWALDO GIACÓIA JÚNIOR
Departamento de pós graduação em Filosofia / UNICAMP - Universidade Estadual de Campinas - SP


Prof. Dr. DANIEL OMAR PEREZ
Departamento de Filosofia - Instituto de Filosofia e Ciências Sociais / Universidade Estadual de Campinas - SP

Prof. Dr. CAMILO FLORIANO RIANI COSTA
Curso de Publicidade e Propaganda / Universidade Metodista de Piracicaba - SP

Prof. Dr. RODRIGO PELLOSO GELAMO
Departamento de Didática e Programa de Pós-Graduação em Educação / UNESP - Faculdade de Filosofia e Ciências de Marília - SP

Rio Claro, 08 de março de 2018

DEDICATÓRIA

Para minha mãe que soube esperar...

AGRADECIMENTOS

Àqueles que me amaram e foram meus amores nessa jornada! Em especial:

Meus familiares mais próximos: meu pai Sérgio Maurício, minha mãe Vera Lúcia, meu irmão Marcelo (Guga), minha gostosura em forma de namorada Letícia Sara e o mais “grude” de todos: meu filho canino Joseph Nietzsche.

Ao meu orientador, César Leite, pela experiência e forte orientação companheira... sempre muito mais competente, vívida e visceral do que qualquer frieza acadêmica.

A UNESP, campus Rio Claro, por me abrigar e acolher minhas doces loucuras, nas pessoas (e no carinho, atenção, respeito e profissionalismo que recebi) da Sueli e da Eliana do Departamento de Educação e do Luiz e da Ivana da Seção Técnica de Pós-Graduação.

Aos meus queridos amigos da UNICAMP em nome do professor Daniel Omar Perez, do professor Ângelo Marinucci, do professor Oswaldo Giacoia Júnior e sua esposa Sirlei.

Aos amigos da Clínica Psyché. E a peculiar acolhida das queridas Sônia, Leda e Lucy que vibraram junto de minhas conquistas, angústias e questionamentos.

Aos meus estimadíssimos pacientes – fonte e objeto das intensidades do meu amor.

Aos amigos Vinícius Leite, Ninho Seghese, Lucas Galli, Maurício Augusti, Fabrício Félix, Reginaldo Porpetta e novamente ao meu irmão Guga por produzirem comigo os mais lindos sons e (des)harmonias junto do Projeto SubjetivAções Musicais e tantos outros!!

Aos amigos das famílias Banda Opus e Rotary Clube Piracicaba – Cidade Alta.

A Eva que cuidou de minha casa, de minha bagunça, do meu “rango” e de meus trapinhos sempre com muito carinho.

Enfim, a todos que não nomeei aqui, mas que me auxiliaram e/ou estiveram comigo na realização deste e de tantos outros trabalhos e momentos felizes.

GRATIDÃO!

Além disso, nem sequer teremos que correr os riscos da aventura sozinhos; pois os heróis de todos os tempos nos precederam; o labirinto é totalmente conhecido. Temos apenas que seguir o fio da trilha do herói. E ali onde pensávamos encontrar uma abominação, encontraremos uma divindade; onde pensávamos matar alguém, mataremos a nós mesmos; onde pensávamos viajar para o exterior, atingiremos o centro da nossa própria existência; e onde pensávamos estar sozinhos, estaremos com o mundo inteiro.

Joseph Campbell

RESUMO

PARA ALÉM DE UM PEDAÇO DE PANO TRISTE: UMA HEROICA EDUCAÇÃO OU...

A presente tese tem como objetivo trazer à baila que desde os textos do início de sua obra, Nietzsche destacou a indissociabilidade entre educação, civilização e cultura. No entanto, no que tange ao aumento da abrangência e das capacidades sensíveis e cognoscíveis dos seres humanos, o psicólogo/filósofo alemão designou uma disparidade entre os processos de formação (*Bildung*) e educação (*Erziehung*) ao pressupor que estes tenham no seio da civilização e da cultura finalidades e utilidades também díspares que, por sua vez, mobilizam disposições afetivas (psicofisiologias) distintas que fazem eclodir nos seres humanos, em seus processos de subjetivação, distintas *necessidades* e, assim, diferentes modos de pensar, conhecer e se relacionar com outrem. Assim, apesar de *semelhantes* em alguns aspectos, formação e educação são processos desiguais, pois a gama de afetos ou o sentimento predominante em cada um deles é diferente: na formação, o medo; na educação, o amor. E, nesse sentido, a formação visaria ao fomento e/ou à manutenção da civilização enquanto que a educação alargaria o espírito humano e propiciaria o (des)envolvimento da cultura (*Kultur*) e o cultivo (*Zucht*) de afetos diversos que condicionam a economia global da Vida – algo para além do “sentimento” de *moralidade*. Uma educação heroica neste tipo de cultivo é a *arte* e o poder de assimilação e de transfiguração de um corpo – de um ser humano e suas *necessidades*. “Quanta verdade suporta e *ousa* um espírito?”, questiona Nietzsche. Mas o que é a verdade se não um movimento autocontraditório entre um *impulso à verdade* e uma capacidade de incorporação de *erros fundamentais* (a presunção de que existam objetos, sujeitos, a substância, o igual etc.)? A fim de melhor problematizar e vivenciar tais perspectivas, a presente tese foi desenvolvida em três atos nos quais, o **primeiro**, a *parte escrita*, traz, grosso modo, a discussão até aqui apresentada. O **segundo**, a *apresentação musical*, tem como objetivo transfigurar o texto construído como “primeiro ato” de modo a realizar dois pontos de virada (de transvaloração) neste: primeiro trazer à superfície aquilo que costumeiramente fica oculto num texto: a dinâmica das forças e experiências de seu autor; e, também, fazer com que o texto saia da dimensão da *formação* (institucional na qual foi constituído) e caminhe para o campo da *educação* – a fim de que não se restrinja a ser mais *um pedaço de pano triste*, mas, sim, que sirva de *solo* para o cultivo de novas experiências e novas relações que fomentem a cultura: aquela *fina pele* que envolve a civilização e que na qual são projetadas e realizadas as mais fantásticas brincadeiras (e conquistas) humanas. É deste último intento que nasce o **terceiro ato**: a *partilha das experiências* vividas durante a apresentação do segundo ato – como um arranjo de *forças criativas e espontâneas* (encharcadas de afetos e afetações); um ato de *criação conjunta*, de perspectivismo ampliado no qual se faz possível uma ruptura com os modos tradicionais de produção (de um doutoramento) que são mais calculistas, racionalistas e necessários para se atingir certas “finalidades” do processo.

PALAVRAS-CHAVE: Educação. Formação. Civilização. Amor. Medo.

ABSTRACT

BEYOND A SAD PIECE OF CLOTH: A HEROIC EDUCATION OR...

The present thesis aims to bring forward that from the texts of the beginning of his work, Nietzsche emphasized the inseparability between education, civilization and culture. However, as regards the increase in the range and the sensitive and knowable capacities of human beings, the German psychologist/philosopher has designated a disparity between the processes of formation (*Bildung*) and education (*Erziehung*) by presupposing that they have within civilization and culture, which are also disparate purposes and utilities which, in turn, mobilize different affective dispositions (psychophysiologicals) that hatch in human beings, in their processes of subjectivation, different needs and thus different ways of thinking, knowing and relating to others. Thus, although similar in some respects, formation and education are unequal processes, because the range of affects or the predominant feeling in each of them is different: in formation, fear; in education, love. And in that sense, formation would aim at the promotion and/or maintenance of civilization, while education would broaden the human spirit and foster the (un)development of culture and the cultivation (*Zucht*) of diverse affections that condition the global economy of Life – something beyond the "feeling" of morality. A heroic education in this kind of cultivation is the art and power of assimilation and transfiguration of a body – a human being and his needs. "How much truth does it bear and dare a spirit?" Nietzsche asks. But what is truth if not a self-ruin movement between an impulse to truth and an ability to incorporate fundamental errors (the presumption that there are objects, subjects, substance, the equals etc.)? In order to better problematize and experience such perspectives, the present thesis was developed in three acts in which the first, the written part, brings roughly the discussion hitherto presented. The second, the musical presentation, aims to transfigure the text constructed as a "first act" in order to realize two turning points (of transvaluation) in this: first bring to the surface what is usually hidden in a text: the dynamics of forces and experiences of its author; and also to move the text out of the dimension of formation (institutional in which it was formed) and to move to the field of education - so that it is not restricted to being another piece of sad cloth, but rather that serves as a soil for the cultivation of new experiences and new relationships that foster culture: that fine skin that surrounds civilization and in which the most fantastic human humor (and conquests) are projected and performed. It is from this last attempt that the third act is born: the sharing of the experiences lived during the presentation of the second act - as an arrangement of creative and spontaneous forces (drenched with affections and affectations); an act of joint creation, of extended perspectivism in which a rupture with the traditional modes of production (of a doctorate) is possible that are more calculating, rationalist and necessary to achieve certain "purposes" of the process.

KEY WORDS: Education. Formation. Civilization. Love. Fear.

Sumário

PRÓLOGO	10
INTRODUÇÃO	15
I – UMA PERSPECTIVA ACERCA DO SER HUMANO	22
1 – Os desconhecidos de si próprios.....	22
2 – O cultivo de si	31
3 – As tipologias humanas a partir das vicissitudes do medo.....	38
4 – Uma experiência (de)formativa	49
II – O CONHECIMENTO COMO AQUILO QUE AO MESMO TEMPO EM QUE CEGA TRAZ UMA NOVA VISÃO	56
1 – O conhecimento como autossupressão: entre amor e medo, a lei da vida.....	56
2 – A dinâmica dos erros e dos erros fundamentais	63
3 – A incorporação dos erros fundamentais	67
4 – O eterno retorno e a mais fraca forma de conhecimento	71
5 – A riqueza dos antagonismos	78
III – UMA EDUCAÇÃO HEROICA	84
1 – O deserto se adensa.....	84
2 – Pensar de outra forma para sentir de outra forma.....	89
3 – Uma travessia.....	94
4 – A espera criança.....	101
CONCLUSÃO	107
REFERÊNCIAS ÁUDIO-VÍDEO-BIBLIOGRÁFICAS	112
ANEXO I	116
ANEXO 2	118

PRÓLOGO

Minha vida...

Quando eu era pequeno eu achava a vida chata como não devia ser. Os garotos da escola só a fim de jogar bola e eu queria ir tocar guitarra na TV. Ai veio a adolescência e pintou a diferença. Foi difícil de esquecer: a garota mais bonita também era a mais rica [e] me fazia de escravo do seu bel-prazer.

Quando eu sai de casa minha mãe me disse “Baby, você vai se arrepender, pois o mundo lá fora num segundo te devora”. Dito e feito, mas eu não dei o braço a torcer.

Hoje eu vendo sonhos, ilusões de romance. Te toco minha vida por um troco qualquer. É o que chamam de destino e eu não vou lutar com isso. E que seja assim enquanto é.¹

Quando Lulu Santos lançou esta canção eu tinha sete anos de idade e estava no primeiro ano do ensino fundamental. De lá para cá, muitas canções me tocaram e tantas outras eu toquei e cantei. Eu continuo na escola, mas ainda não fui tocar guitarra na tv. Entretanto, talvez, muitas vezes já tenha sido uma cigarra na tv. Essa é uma das vezes que muito além da adolescência “pintou” em mim a diferença. Daqui, quiçá, o sorriso menino que tantas vezes vi e vejo no espelho refletido.

Por mais clichê que pareça, “quem sou? como e onde estou?” são questionamentos que desde muito cedo mobilizaram os modos de me relacionar com as pessoas e coisas. Eles me colocaram em movimento e compartilharam comigo *o sentido da terra*, ou seja, me fizeram pensar (experimentar e viver) aquilo que não sou sozinho – encerrado em minha *pequena razão*. Aos poucos aprendi que boas relações nos fazem mais fortes, felizes e saudáveis, pois, tal como dizia o poetinha, “a vida é arte do encontro, embora haja tanto desencontro pela vida”². Nesse sentido, aprendi que sofrer pode não ser um problema, mas sofrer à toa, sim.

Na busca por bons encontros graduei-me em Psicologia, sou mestre em Direito e mestre e, agora, doutor em Educação. Atuei/atuo como docente e discente em universidades/faculdades como UNESP, UNIMEP, UNICAMP e FAM. Tornei-me psicólogo clínico (2006), mas jamais abandonei meu relacionamento com a música – a companheira que me ensina e me inspira nesses mais de trinta e três anos de palcos e estúdios como cantor e compositor.

¹ SANTOS, L. Minha vida. Em: Lulu Santos. Álbum: *Lulu*. Gravadora: RCA Records, 1986.

² MORAES, V.; POWELL, B. Samba da benção. Em: Baden Powell. Álbum: *Le génie de Baden Powell*. Gravadora: Musidisc (França), 1990.

Junto de alguns (des)encontros deparei-me com diversos exercícios de saberes e poderes que tristemente determinam os rumos e as formas que certas vidas têm de seguir. Notei, então, que resistir a tais exercícios é imprescindível. Foi por esse motivo que o Projeto SubjetivAções foi criado. Afinal, é somente junto de subjetividades potentes e em movimento que se pode enfrentar e evitar os maus encontros, favorecendo a Vida e fazendo da própria vida que se vive, singular e coletivamente, uma obra de arte. O Projeto SubjetivAções é formado pelas seguintes atividades: Arte, Amor & Sexualidade, Subjetivações Musicais, Viagem Criativa e Uma dose de música.

Na tentativa de compor(-me), nas fronteiras ou fora das linhas que separam “corpo e alma”, bem como, psicologia e arte, em que pese minhas leituras e estudos de filosofia alemã, sobretudo Nietzsche e Freud por mais de uma década, a música popular brasileira me acompanha a quase quatro. E é inegável que eu me constitua e atue mais, enquanto psicólogo clínico, docente, discente e *crooner* de banda-baile, por meio dos “toques”, das experiências e vivências trazidas pela MPB, nos bailes e bares da vida, do que, propriamente, com aquilo que está nos livros de filosofia, psicologia etc. Afinal, como cantava “Raulzito”: “enquanto Freud explica as coisas, o Diabo fica dando os toques”³.

Se bem que, apesar de Raul Seixas e Zé Ramalho afirmarem em suas canções que “Freud explica”⁴, pode-se compreender que a obra do alemão mais *implica* do que explica. Assim são as canções que, para além de experiências que trazem, permitem vivências outras, perspectivas outras que não se restringem a ideias e a des(harmonias). Elas trazem uma possibilidade outra de distender e condensar o tempo; de rasgar sentimentos... de *recordar, repetir e elaborar* o que foi vivido ou que se imaginou viver, o que se vive e aquilo que se espera viver um dia. Elas são meus remédios e meus narcóticos! Meu principal veio de descarga e retomada de energias. São também parte do “meu ganha pão”, parte dos meus processos de liberdade e de minha molecagem...

Após passar por vários concursos para professor substituto nas dependências da UNESP – Rio Claro, o “toque” dado ao meu orientador a meu respeito em tais concursos era o seguinte: “O Serginho precisa entender que ele não está num palco, mas, sim, numa sala de aula”. Mal sabiam que, justamente, o palco é o lugar no qual, socialmente, eu menos atuo. Ali,

³ SEIXAS, R.; COELHO, P. Rock do Diabo. Em: Raul Seixas. Álbum: *Eu Raul Seixas*. Gravadora: Philips Records, 1991.

⁴ RAMALHO, Z. Chão de giz. Em: Zé Ramalho. Álbum: *Zé Ramalho*. Gravadora: Epic, 1978.

afinal, sempre estive (desde os meus 6 anos de idade – cantando “Mamãe eu quero” numa matinê de carnaval) e está minha maior complexidade afetiva e perspectiva! Por esse motivo, talvez, desde o primeiro dia como docente nenhum plano de ensino, nenhuma *grade* curricular me prendeu! Algo sempre me inquietou! Mas, talvez ainda, não tenha me prendido devido a um misto de displicência, imaturidade e/ou incompetência! Ou...

Enfim, eu fui, sou e serei as próximas páginas que lerão. Mas posso lhes garantir, com toda probidade intelectual e afetiva que me é possível, que melhor encontrarão dos meus fragmentos, poemas e tolices que me constituem num palco. Afinal, como diz a canção: “cantando me des/faço e não me canso de viver, nem de cantar”. Nos últimos quatro anos fiz mais que frequentar salas de aulas, ler livros e realizar outros rituais que fazem parte de um percurso de doutoramento. Escrevi alguns textos, sim. Mas também compus canções, fui a muitos shows, cinemas e teatros. E se Nietzsche está fortemente certo ao dizer que só há credibilidade nas palavras escritas com sangue é porque não existe separação entre pensamento e vida. Um texto não tem confiabilidade e fertilidade se não souber dançar!

Estar nos palcos cantando é muito mais que trabalho, que empatia, mimese, consolação, entretenimento ou compaixão com aquele que compôs, que já cantou ou que apenas assiste aquilo que se canta. É um processo de sedução! Mas não apenas do outro. O outro, aquele que ouve, muitas vezes, não importa. Não é ele que se quer seduzir – nem muito menos desprezar. Nós seduzimos o nosso próprio corpo, a nossa psicofisiologia: fazemos barulho e somos movimento. É algo como espessa Djavan: “Cantar é mover o dom do fundo de uma paixão – seduzir as pedras, catedrais, coração. Amar é perder o tom nas comas da ilusão [e] revelar todo o sentido. Vou andar, vou voar, pra ver o mundo. Nem que eu bebesse o mar encheria o que eu tenho de fundo”.⁵

A quem canta e ama é dado o poder de brincar com seus afetos, de mergulhar neles e lhes convidar para regar o mundo ou devastá-lo. Entretanto, a fim de não se afogar naquilo que se tem de fundo, de completamente se evaporar no quanto se pode voar e não ressecar as flores e os espinhos da vida é preciso experimentar artisticamente, com uma incrível força de assimilação e criação, Poseidon! Mas, também, Hades e Zeus. Essa, talvez seja “a força estranha que me leva a cantar” a minha tese de doutorado. Mas, antes disso, é preciso lhes deixar algo escrito – afinal, no geral, este exercício é um doutorado institucionalmente

⁵ DJAVAN. Seduzir. Em: Djavan. Álbum: *Seduzir*. Gravadora: EMI Brazil, 1981.

situado. Por esse motivo, cumpre destacar, que a presente tese será realizada em três atos, nesta sequência apresentados e nominados como:

- I) **Parte Escrita:** A praça das moscas: entre vacinas e sorvetes;
- II) **Apresentação Musical:** O leão que ri: uma heroica psicofisiologia brasileira;
- III) **Vivência das experiências:** Acontecência ou riscos e rabiscos do amor.

O **primeiro ato**, a *parte escrita*, apresentará estrategicamente a diferenciação e os possíveis usos dos conceitos *formação (Bildung)* e *educação (Erziehung)* a fim trabalhar, enquanto tese, a hipótese de que as relações criadas por tais conceitos, os processos de subjetivação premidos e efetivados a partir deles, ensejam duas psicofisiologias diferentes que fomentam, por sua vez, a civilização e a Cultura, respectivamente. Sendo que, a civilização atua em prol da formatação e domesticação do animal humano e a Cultura seu cultivo (*Zucht*).

Nossa inferência é a de que a *formação* tenha seus pressupostos mais atrelados ao sentimento *medo* e vise, junto à civilização, objetivar processos de subjetivação que se dirijam mais à *conservação* de si, algo e/ou alguém, de modo a produzir e/ou evitar o sofrimento, restringindo a possibilidade do florescimento de perspectivas mais prenes de Vida. Já a *educação* está mais atrelada ao *amor* e a Cultura, justamente, por incitar processos de subjetivação que percebem, assimilam e multiplicam as possibilidades existenciais das pessoas e suas relações para além dos costumes e dos tipos de conservação por eles propostos atuando, desse modo, junto de dois movimentos característicos da abundância da Vida: o “eterno criar-se a si mesmo” e o “eterno destruir-se a si mesmo”.

Os pressupostos teóricos encontram-se decididamente respaldados na psicofisiologia e/ou filosofia nietzschiana, sobretudo, junto de conceitos como vida, vontade de poder, impulso à verdade, eterno retorno etc., em um (sutil) diálogo com a psicanálise freudiana e, claro, com a música popular brasileira. Portanto, não há aqui nenhum trabalho de exegese.

O percurso, grosso modo, busca destacar uma perspectiva acerca de como os seres humanos vão se (re)inventando e estabelecendo relações, “singular” e coletivamente, a partir das vicissitudes do amor e do medo. Firma-se também que tais vicissitudes demarcam fortemente os modos e as funções das produções de conhecimento na vida humana podendo, dentre outras, por um lado, produzir uma dissidência, um cisma entre conhecimento e vida e, por outro, possibilitar que todo conhecer seja um experimento de si no seio da Vida.

O objetivo do **segundo ato**, a *apresentação musical*, é transfigurar, mudar a figura do texto construído como “primeiro ato” de modo a, paulatinamente, ir realizando dois pontos de virada (de transvaloração) neste, sobretudo, para que, “por dentro”, por um lado, aquilo que costumeiramente fica oculto num texto – a dinâmica das forças e experiências de seu autor – venha à superfície como uma espécie de metalinguagem na qual texto e autor se imbricam vividamente e, por outro lado, para que o texto saia da dimensão da *formação* e caminhe para o campo da *arte-educação* – a fim de que não seja mais *um pedaço de pano triste*, mas, sim, que sirva de *solo* para o cultivo (*Zucht*) de novas experiências, experimentos e relações humanas que conformam aquilo que se nomeia como Cultura (*Kultur*): a *finha pele* na qual são projetadas e realizadas as mais fantásticas brincadeiras, conquistas e horrores humanos.

É deste último intento que nasce o **terceiro ato**, a *partilha das experiências* vividas durante a apresentação do segundo ato, como uma possibilidade de arte, de *criação conjunta*, de um *Creative Commons* ou, usando uma expressão psicanalítica, de circulação do Desejo. E é, justamente, nesse momento, para nós que a tese frisa a sua perspectiva de diferenciação entre formação e educação, tendo em vista, que, ao contrário dos dois atos anteriores que são pensados, calculados, esquadrihados para que uma finalidade última seja atingida, o terceiro ato não tem! Ele é *um risco* de fluir com coproduções numa nova Torre de Babel, numa nova “praça das moscas” ou num jardim de silêncios. Ele é um experimento cultural no qual é possível desafiar a afirmativa da canção djavaniana que diz que “não existe amor sem medo”.⁶

Resta destacar que nos anexos I e II o leitor poderá ter contato a dinâmica da apresentação do segundo ato que foi a seguinte: durante 30 minutos em média, o grupo, composto por seis elementos (vocalista/mediador, guitarrista, tecladista, baterista, técnico de áudio e técnico de iluminação e projeção), apresentou uma trama transfigurativa do primeiro ato (do texto), junto de alguns disparadores (sonoridades e conceitos advindos da música popular brasileira) e de conceitos advindos da psicologia, filosofia e áreas afins. Cumpre destacar que, por motivos protocolares do ritual de defesa da tese, o terceiro ato ficou restrito às considerações da banca.

Por oportuno destaca-se que se os anexos não estiverem disponíveis junto desta versão impressa poderão ser acessados no site www.subjetivacoes.com ou em nosso canal do YouTube: Projeto Subjetivações – onde estarão também os desdobramentos desta produção.

⁶ DJAVAN. Boa noite. Em: Djavan. Álbum: *Coisa de acender*. Gravadora: Sony Music Entertainment, 1992.

INTRODUÇÃO

Algo nasce. Algo é puxado e/ou conduzido de um espaço para outro: o mundo. Mas isso que nasceu já não estava antes no mundo? Já não era mundo? Sim, já era. Desde que prevaleça a hipótese de que o mundo seja *vontade de poder*: “uma imensidão de força, sem começo, nem fim, uma firme, brônzea grandeza de força, que não se torna maior, nem menor, que não se consome, apenas se transforma, inalteravelmente grande como totalidade”¹. Nesse sentido, dizer que algo nasceu corresponde a enunciar que algumas forças se efetivaram, se configuraram ou foram conduzidas de dado modo.

Em latim o verbo conduzir corresponde a *ducere* que, somado à partícula *ex* (fora), dá ensejo em português ao verbo educar – que remete a guiar, instruir, trazer, levar para fora, levar a alcançar algo, a criar algo (do latim *creare*: fazer crescer, dar a luz, produzir). Sendo assim, o verbo educar e o substantivo educação abrangem os atos humanos de levar e elevar algo ou alguém. No idioma alemão a correspondência é quase análoga. Educar advém do prefixo de reforço *Er* e o verbo *Ziehen* (puxar), portanto, *Erziehen* – par e passo com *Aufziehen*: elevar, levantar.²

Por sua vez, tanto em português como no idioma alemão, a palavra *formação* (dar forma, formar, conformar; emprestar uma figura, configurar) é frequentemente utilizada como correspondente à palavra educação. A formação (*Bildung*) é parte fundamental dos processos civilizatórios e/ou de produção e administração da Vida em sociedade (nas *biopolíticas* e economias). Portanto, a formação direciona, articula e, em certas circunstâncias, atribui sentido a quantidades, qualidades e efetivações de forças.

Em que pese a semelhança entre os termos educação e formação toma-se aqui uma significativa diferença entre estes quando pensados a partir de suas funções no seio das sociedades, sobretudo, no cultivo (*Zucht*) do ser humano. Desde os textos situados no início de sua obra (1872 - 1874), respectivamente, “O futuro de nossos estabelecimentos de ensino”, “Da utilidade e desvantagem da história para a vida” e “Schopenhauer como Educador”,

¹ NIETZSCHE, F. Fragmento póstumo nº 38 [12], junho-julho de 1885. Em: GIACOIA JUNIOR, O. *Nietzsche x Kant: uma disputa permanente a respeito de liberdade, autonomia e dever*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra; São Paulo: Casa do Saber, 2012, p. 265.

² Cumpre destacar que o autor do presente texto não é versado nem “em bom português” – tanto menos em latim, alemão, grego, etimologia etc. Nesse sentido quando menciona palavras/conceitos em outros idiomas, sobretudo, os advindos de Nietzsche e Freud, o faz a fim de contextualizá-los nas obras dos referidos autores.

Nietzsche situava essa diferença ao deflagrar na sociedade alemã *processos educativos antinaturais* que, a seu ver, vulgarizavam e cerceavam as possibilidades humanas de cuidar de si, de conhecer, criar e cultivar afetos diversos, em favor da produção de cidadãos domesticados, obedientes, manipuláveis afetivamente, dóceis e rentáveis economicamente.

Não existe, para Nietzsche, dissociabilidade entre educação, civilização e cultura. Para ele o animal humano, a fim de, minimamente, sobreviver em sociedade, necessita trabalhar *em si* certos hábitos, princípios e esquemas de conhecimento e avaliação para assimilar o aquilo que lhe seja útil no espírito gregário de seu tempo. No entanto, para ir além desse estado de sobrevivência, tal animal deve realizar um *exercício de si no pensamento*, um *cultivo* de possibilidades outras para si e para outrem, ou seja, elevar-se ao campo da Cultura (para além de funções pré-determinadas) no qual os modos de conhecer cientificista, historicista e artístico se coadunam em uma dança – de assimilação e esquecimento. Afinal,

não somos daqueles que só em meio aos livros, estimulados por livros, vêm a ter pensamentos – é nosso hábito pe nsar ao ar livre, andando, saltitando, subindo, dançando, preferivelmente em montes solitários ou próximo ao mar, onde mesmo as trilhas se tornam pensativas. Nossas primeiras perguntas, quanto ao valor de um livro, uma pessoa, uma composição musical, são: “É capaz de andar? Mais ainda, é capaz de dançar?”.³

A partir, então, do pressuposto da indissociabilidade entre educação, civilização e cultura pode-se dizer que a gama de processos que nomeamos como *pensamento* é muito mais que a utilização racional e racionalizante de esquemas e estruturas formais de línguas e linguagens. Ele é um beijo que jamais se esqueceu, pois no corpo se escreveu – como um instante de sublime intensidade no qual tudo festeja *a sua* verdade daquele momento. Pensar pode ser tido como o manifestar de cada *impulso celular* em uma dança que tem como marca a abundância, a possibilidade e a necessidade. O pensamento é a expressão do Inconsciente, de uma paz e uma guerra permanente entre perspectivas diferentes, espelhada ou traduzida de modo incompetente naquilo que julgamos ser o nosso estado consciente. É sempre assim! Mas a qualidade do que é pensado e também do que é *sentido* e escrito depende, diretamente, se ela provém de um “literato” ou de um “erudito”. Destes “*typus*” diz Nietzsche que:

Nós lemos pouco, mas por isso não lemos pior – oh, como rapidamente adivinhamos de que modo alguém chegou a seus pensamentos, se o fez sentado em frente ao tinteiro, com o estômago apertado, a cabeça curvada sobre o papel: oh, como também rapidamente acabamos seu livro! As vísceras contraídas se revelam, pode-se

³ NIETZSCHE, F. *A gaia ciência*. 5ª reimpr. Tradução, notas e posfácio: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2009a, p. 267.

apostar, e igualmente o ar abafado, o teto do quarto, a estreiteza do quarto. – Estes foram agora os meus sentimentos, quanto fechei um honesto livro erudito, grato, muito grato, mas também aliviado... No livro de um erudito há quase sempre algo opressivo, oprimido: em algum lugar vem à luz o “especialista”, seu zelo, sua gravidade, sua ira, sua sobrestimação do canto no qual fica e tece, sua corcunda – todo especialista. Um livro erudito sempre espelha igualmente uma alma entortada: todo ofício entorta. (...) Não se pense que é possível contornar essa deformação com alguma arte da educação. Toda espécie de *mestria* tem um alto preço nesse mundo, onde tudo talvez saia muito caro; quem é senhor do seu mister paga o preço de ser também sua vítima. Mas vocês querem que isto seja diferente – “mais justo”, sobretudo mais cômodo – não é verdade, caros contemporâneos? Muito bem! Mas logo vocês obtêm outra coisa, ou seja, em vez do artesão e mestre o literato, o hábil e “polídestro” literato, que certamente não tem corcunda – salvo aquela que ele faz ante vocês, como balconista do espírito e “portador” da cultura –, o literato que nada é propriamente, mas “represente” quase tudo, que faz o papel do conhecedor e o “substitui”, que em toda modéstia cuida de fazer-se pago, respeitado e festejado no lugar daquele.⁴

“De tudo escrito, amo apenas o que se escreve com o próprio sangue. Escreve com sangue: e verás que sangue é espírito”⁵. Quem escreve com o próprio sangue não atua: é ato! Não representa, mas sim, apresenta um novo horizonte, uma nova manhã, uma nova e amável perspectiva de si enquanto abundância de vida, pois, afinal, ama tudo o que é vida – até mesmo a sua corcunda... e o formato quadrado de sua bunda! Aquele que ama *sabe* prezar e desprezar. E que fique vividamente esclarecido: o desprezo oriundo do *medo* e do *temor* é diametralmente diferente ao desprezo advindo do *amor*!

É necessário muito saber desprezar, especialmente aos “literatos e parasitas da cultura”⁶ e, de certo modo, a si *mesmo* em dado ponto amável de (re)viragem (*Umkehrung*) de sua vida, para poder *criar do alto*. “É verdade: amamos a vida não por estarmos habituados à vida, mas ao amor”⁷. E, nesse sentido, não é possível ir ao encontro do *sabor* da canção que diz que “qualquer maneira de amor vale a pena”⁸. Afinal,

Não falo do amor romântico, aquelas paixões meladas de tristeza e sofrimento. Relações de dependência e submissão. Paixões tristes. Algumas pessoas confundem isso com amor. Chamam de amor esse querer escravo e pensam que o amor é alguma coisa que pode ser definida, explicada, entendida, julgada. Pensam que o amor já estava pronto, formatado, inteiro – antes de ser experimentado. Mas é exatamente o oposto, para mim, que o amor manifesta. A virtude do amor é sua

⁴ NIETZSCHE, 2009a, pp.267-8.

⁵ NIETZSCHE, F. *Assim falou Zaratustra: um livro para todos e para ninguém*. 2ª reimpressão. Tradução, notas e posfácio de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2015, p. 40. #Do ler e do escrever.

⁶ NIETZSCHE, 2009a, p.268.

⁷ NIETZSCHE, 2015, p.41.

⁸ NASCIMENTO, M. e VELOSO, C. Paula e Bebeto. Em: Milton Nascimento. *Álbum: Minas*. Gravadora: EMI Odeon Brazil, 1975.

capacidade potencial de ser construído, inventado e modificado. (...) O amor quer ser interferido, quer ser violado, quer ser transformado a cada instante. A vida do amor depende dessa interferência.⁹

“Há sempre alguma loucura no amor. Mas também há sempre alguma razão na loucura”¹⁰. Mas qual é “a loucura que faz o cara dar um tiro na cabeça”?¹¹ Qual é a *necessidade constringente* em tal corpo, em tal pensamento suicida? Era necessário sucumbir ali? Por quê? Não mais havia “amor para recomeçar”?¹² Qual era o poder de sua *força de assimilação*? Ainda mais, qual era o poder de sua *força criadora* (*Schöpferische Kraft*)? Como e quais verbos nele se fizeram carne? Como a indissociabilidade entre educação, civilização e cultura assujeitou, formou, educou, enfraqueceu ou fortaleceu aquela vida? Que tipo de *necessidade*, que tipo de *psicofisiologia* tal indissociabilidade propiciou?

Tal como agora nos educam, adquirimos primeiro uma *segunda natureza*: e a temos quando o mundo nos considera maduros, maiores de idade, utilizáveis. Alguns poucos são cobras o bastante para um dia desfazer-se dessa pele: quando, sob seu invólucro, sua *primeira natureza* tornou-se madura. Na maioria, o gérmen dela ressecou¹³.

No cotidiano, a pessoa considerada educada, utilizável para um determinado plano ou “quadro social”, é o “cidadão civilizado”¹⁴. E funciona assim: “Você deve notar que não tem mais tutu e dizer que não está preocupado. Você deve lutar pela xepa da feira e dizer que está recompensado. Você deve estampar sempre um ar de alegria e dizer: tudo tem melhorado. Você deve rezar pelo bem do patrão e esquecer que está desempregado”¹⁵. E nessa esfera civilizada, segundo um dos maiores e mais intrigantes vilões da história, O Coringa (*The Joker*), “loucura é igual a gravidade: só precisa de um empurrãozinho [para acontecer]”¹⁶. E,

⁹ MOSKA, P. Venus / Do amor. Paulinho Moska. Álbum: *Eu falso da minha vida o que eu quiser*. Gravadora: EMI Brazil, 2001a.

¹⁰ Ibidem.

¹¹ ESCANDURRA, E. Flerte fatal. Em: Ira! Álbum: *MTV ao VIVO – IRA!* Gravadora: AbrilMusic, 2000.

¹² Em alusão à música “Amor para recomeçar” cantada por Frejat, na qual se ouve: “Quando você ficar triste que seja por um dia e não um ano inteiro. E que você saiba que rir é bom, mas que rir de tudo é desespero. Desejo que você tenha a quem amar. E quando estiver bem cansado que encontre amor pra recomeçar, pra recomeçar”.

¹³ NIETZSCHE, F. *Aurora: reflexões sobre os preconceitos morais*. 1ª ed. Tradução, notas e posfácio de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia de Bolso, 2016, pp. 208-9. #455.

¹⁴ ANTUNES, A.; BRITTO, S.; REIS, N. Bichos escrotos. Em: Titãs. Álbum: *Cabeça dinossauro*. Gravadora: Warner Music Brasil, 1986.

¹⁵ GONZAGA JÚNIOR, L. Comportamento geral. Em: Gonzaguinha. Álbum: *Luiz Gonzaga Jr.* Gravadora: EMI, 1973.

¹⁶ THE JOKER. Diálogo com Batman. Em: *Batman: Dark Night*. (filme) Direção Christopher Nolan, 2008.

de acordo com este mesmo personagem, autointitulado como “agente do caos”, em diálogo com Harvey Dent,

Ninguém entra em pânico enquanto tudo prossegue como o planejado. Mesmo se o plano for horripilante. Se amanhã eu veicular na imprensa que um desordeiro vai ser baleado ou que um caminhão com soldados vai explodir ninguém entra em pânico. Porque tudo isso faz parte do plano. Mas quando eu digo que um prefeitinho de merda vai morrer, todos ficam loucos!¹⁷

A loucura é apenas uma força gravitacional no pensamento, ao menos nessa forma de pensar trazida supra. Uma gama de afetos que exerce seu poder, que subjuga tantos outros afetos e afetações e diz aquilo que é *necessário* ao corpo. Aquele que *cria do alto* tem aos seus pés as nuvens negras que geram as tempestades àqueles que rastejam, que escrevem, que criam e interpretam a partir de perspectivas restritas, rasteiras, empobrecidas. “Já não sinto como vós: essa nuvem que vejo abaixo de mim, essa coisa negra e pesada da qual eu rio – justamente isso é a vossa nuvem de tempestade. Olhais para cima quando buscais a elevação. Eu olho para baixo, porque estou elevado”¹⁸, diz Zaratustra que, também poderia dizer que se hoje contempla a beleza de sua flor de lótus foi porque a que cultivou naquilo que por muitos é considerado deplorável: a lama, o lodo resultante de muitos outros organismos apodrecidos. Zaratustra insiste e persiste numa força gravitacional que faz satelizar junto de si e em si aquilo que há de mais pesado e também de mais sublime no pensamento. Assim assimila as maiores alturas e as profundezas mais abissais da Vida, pois as deseja em suas belezas.

Heroica é a arte da assimilação e da transfiguração. “Quanta verdade suporta, quanta verdade *ousa* um espírito? Cada vez mais se tornou para isto mim a verdadeira medida de valor”¹⁹, diz Nietzsche. No campo da moral essa arte é a transvaloração de todos os valores (*Umwertung aller Werte*): um triunfo da coragem sobre o *medo*. Afinal, para ser herói é imperioso saber honrar a guerra e a paz do seu próprio pensamento (de sua psicofisiologia): aquilo que se faz *corpo* em breves momentos de paz... e guerras quase que constantes aos dogmatismos ou aos exercícios ancestrais e unilaterais de poder. Este é um heroico poder: cultivar/educar a si mesmo, na abundância das perspectivas e das *forças criadoras* que vivem

¹⁷ THE JOKER. Diálogo com Harvey Dent no hospital. Em: *Batman: Dark Night*. (filme) Direção Christopher Nolan, 2008. (Tradução livre)

¹⁸ NIETZSCHE, 2015, pp. 40-1.

¹⁹ NIETZSCHE, F. *Ecce Homo: como alguém se torna o que é*. 1ª reimpress. Tradução, notas e posfácio de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia de Bolso, 2009b, p. 16.

e falam em si e que demandam um tipo de *amor* que sabe prezar e desprezar. Esta é a jornada do herói; a heroica travessia. Este é o caminho do criador.

Quem tem de ser um criador sempre destrói. Criadores foram primeiramente os povos, somente depois os indivíduos; em verdade, o indivíduo mesmo é ainda a mais nova criação. Outrora mantinham os povos uma tábua de valores acima de si. O amor que quer dominar e o amor que quer obedecer criaram juntos essas tábuas. Mais antigo é o prazer no rebanho que o prazer no Eu; e, enquanto a boa consciência se chamar rebanho, apenas a má consciência dirá: Eu. (...) Em verdade, um monstro é o poder desse louvar e repreender. Dizeis, ó irmãos, quem o subjugará?²⁰

Não há hominização sem Cultura (*Kultur*) e sem incorporação de costumes (*Sitte*). A Cultura está voltada aos propósitos de *cultivo* (*Zucht*) de possibilidades e também tem relação com as paulatinas assimilações e transformações (transvalorações) que ensejam diferentes processos de subjetivação e tipologias humanas. A civilização (*Zivilisation*) nasce no momento em que o animal falante vislumbra melhores condições de sobrevivência no seio de determinado bando que, por sua vez, a partir de então, buscará tornar-se cada vez mais forte e coeso, sobretudo, a partir do estabelecimento e manutenção de costumes (que prefiguram sua tábua de valores).

Por mais absurdo e supersticioso que possa parecer, “qualquer costume é melhor do que nenhum costume”²¹ – “e a morte leva aquele que infringe tais coisas”.²² É por esse veio que se supõe que tenha início uma determinada *regra de ouro* de uma civilização, junto da qual todos, mas, principalmente, os recém-chegados (recém-nascidos ou estrangeiros) têm de se afeiçoar – se *conformando* a tais costumes. “É assim que entra, na noção do ‘homem mais moral’ da comunidade, a virtude do frequente sofrer, do duro viver, da privação, da cruel mortificação”, pois as possibilidades de cultivos de possibilidades outras estão cerceadas.

Via de regra é sempre o *medo* que baliza a *formação* das virtudes do cidadão: sua moralidade (*Sittlichkeit der Sitte*). O que se **destrói**, portanto, de saída nesse processo são as possibilidade de *felicidade individual*, de amplificação e atualização dos costumes que, em geral, são os modos por meio dos quais, junto aos seres humanos, a Vida manifesta sua abundância, seu esplendor. O problema maior da *formação* pode estar na adoção de um pensamento único, de uma perspectiva única, de uma *finalidade* única para a Vida, e, nesse

²⁰ NIETZSCHE, 2015, pp. 58-9. (grifos nossos)

²¹ NIETZSCHE, 2009b, p. 23.

²² Idem, p. 22.

sentido, se *pensamento é corpo*, há diretamente um comprometimento da psicofisiologia do animal humano nesse processo – no sentido de seu enfraquecimento, do direcionamento de suas necessidades, do ressecamento de sua *primeira natureza* e a possível diminuição das possibilidades do *cultivo*, da cultura de outras tipologias humanas.

O costume representa as experiências dos homens passados acerca do que presumiam ser útil ou prejudicial – mas o *sentimento do costume* (moralidade) não diz respeito àquelas experiências como tais, e sim à idade, santidade, indiscutibilidade do costume. E assim este sentimento é um obstáculo a que se tenham novas experiências e se corrijam os costumes: ou seja, a moralidade opõe-se ao surgimento de novos e melhores costumes: ela torna estúpido.²³

Diante do exposto, o presente texto, enquanto tese, escolhe utilizar os conceitos *formação* (*Bildung*) e *educação* (*Erziehung*) como processos díspares, sobretudo, ao pressupor que estes mobilizem diferentes disposições afetivas nos seres humanos, diferentes psicofisiologias, que fazem eclodir distintas *necessidades constringentes* (*Notwendigkeit*) em tais seres. Nesse sentido, suas finalidades e utilidades, apesar de *semelhantes* em alguns aspectos, tornam-se também desiguais, pois a gama de afetos ou o sentimento predominante em cada um deles é diferente: na formação, o *medo*; na educação, o *amor*.

Pretende-se dar sustentação a essa tese tendo como parâmetro inicial a perspectiva nietzschiana da indissociabilidade entre educação, civilização e cultura. Deste ponto, ao diferenciarmos os conceitos educação e formação, inferimos que as vivências do animal humano nos processos formativos têm como finalidade o fomento e/ou a manutenção da civilização. Enquanto que suas experiências nos processos educativos visem ao (des)envolvimento²⁴ da cultura. Resta destacar que se supõe que a psicofisiologia engendrada pela formação seja dimensionada pelo *medo* por, entre outros, ser mobilizada pela *moralidade*: a defesa do costume pelo costume – sua funcionalidade conservativa. Já a psicofisiologia da educação pauta-se pelo *amor*, justamente, por não ser atrelada à sacralidade da moralidade podendo assim ir ao encontro do *cultivo* de possibilidades outras, junto do “eterno criar-se a si mesmo” e do “eterno destruir-se a si mesmo”, característico da Vida.

²³ NIETZSCHE, 2016, p. 25.

²⁴ A palavra “desenvolvimento” esta grafada deste modo com o propósito de salientar que os processos educativos ao mesmo tempo em que envolvem o ser humano na cultura abrem possibilidades para que ele se desenvolva dela – no sentido de deixar de ser envolvido, circunscrito, limitado por ela. A consequência lógica deste processo é o alargamento do poder e da potência tanto do sujeito, como também, da cultura.

I – UMA PERSPECTIVA ACERCA DO SER HUMANO

Porque não somos só intuição. Nem só pé-de-chinelo, pé no chão. Nós temos violência, sim, e perversão, mas temos o talento e a invenção. Desejos de beleza em profusão, ideias na cabeça, coração. A singeleza e a sofisticação, o choro, a bossa, o samba e o violão. Ecos do ão.

Lenine¹

Os desconhecidos de si próprios

A canção soa, vibra, inquieta e pede “calma”. Afinal, segundo ela:

Não somos mais que uma gota de luz, uma estrela que cai, uma fagulha tão só na idade do céu. Não somos o que queríamos ser. Somos um breve pulsar em um silêncio antigo om a idade do céu.

Calma! Tudo está em calma. Deixe que o beijo dure. Deixe que o tempo cure. Deixe que a alma tenha a mesma idade que a idade do céu.

Não somos mais que um punhado de mar, uma piada de Deus, um capricho do sol no jardim do céu. Não damos pé entre tanto tic-tac, entre tanto Big Bang. Somos um grão de sal no mar do céu

Calma! Tudo está em calma. Deixe que o beijo dure. Deixe que o tempo cure. Deixe que a alma tenha a mesma idade que a idade do céu.²

Algo nasceu! Calma... É um punhado de mar, uma nova poesia, um pedaço de natureza sensível, um novo rebento que durante algum tempo basta-se em si e para si. Nada lhe *falta*... Ele é abundância: uma *necessidade* no seio da Vida. A eternidade é o seu momento, o seu agora, o seu instante. Mas tal estado começa esvanecer na relação com outrem (com possibilidades, expectativas e afetações) que lhe imprimem outra condição: o desamparo (*Hilflosigkeit*).

Demarcando uma perspectiva teórica para o presente trabalho, pode-se dizer que *Isso*³ que nasceu é a resultante de um intrincado movimento plástico de forças com quantidades e qualidades diversas. Desses movimentos surge aquilo que nominamos *Vida*. Para tal

¹ LENINE; RENNÓ, C. Ecos do ão. Em: Lenine. Álbum: *Falange canibal*. Gravadora: Sony BMG, 2002.

² MOSKA, P. A idade do céu. Em: Paulinho Moska. Álbum: *Tudo novo de novo*. Versão em português da música “La edad del cielo” do uruguaio Jorge Drexler. Gravadora: EMI E, 2004.

³ Tal palavra foi grafada assim, remetendo diretamente a uma das instâncias do aparelho psíquico delineado por Freud, a fim de demarcar algumas possíveis correspondências entre os pressupostos nietzschianos e os da psicanálise.

surgimento foi necessário um *quantum* de força para que certas condições e configurações *pudessem* ser mantidas. Junto da multiplicidade de formas de vida que hoje existem, dentre elas os seres humanos, é plausível inferir que haja nesses jogos de forças um *querer*, um princípio para além da vontade de conservar um estado de coisas, de forças, e, nesse sentido, uma possibilidade de superar tal estado, diferir dele e dar margem a novas formas de vida, novas criações.

A esse *querer* Nietzsche dá o nome de *Vontade de Poder* e é partir dessa vontade que podemos (inferir e) perceber, como uma provável dinâmica da Vida, as cíclicas experiências de conservação e superação, ascensão e declínio, nascimento e morte que partem “do mais imóvel, rígido, frio, para o mais ardente, selvagem, em contradição consigo mesmo; e regressando, então, novamente, da plenitude ao simples, do jogo das contradições de volta ao prazer do uníssono”⁴ – retornando eternamente. Nesse sentido, a Vida nunca é indigente ou decadente, mas, sim, dependendo das circunstâncias e dos jogos de forças, pode ser ativa ou reativa, bem como, afirmativa ou negativa. Afinal, “onde há declínio e queda de folhas, vê, a vida aí se sacrifica – pelo poder”⁵. Ela é, tal qual confia a Zarathustra, “aquilo *que sempre tem de superar a si mesmo*”.⁶

Como mais uma experiência da Vida, o ser humano nasce como um instante de plenitude demarcado por específicas relações de forças que fazem dele algo organizado e com determinadas funções: um organismo. Mobilizado pela *vontade de poder* e no contato com outras forças constituintes e oriundas do meio ambiente em que se encontra, o referido estado de plenitude (de *natureza sensível*, de natureza primeira) vai paulatinamente sendo afetado e tais afetações possibilitam ao organismo o desenvolvimento de um tipo de *consciência* de sua condição singular de vivente que, enquanto *uma* variação da Vida permanece plena em si-própria, mas que, em relação quantitativa e qualitativa com outras forças, pode agir ou reagir, dominar ou ser dominada – a fim de superar, de início, sua *incapacidade de autossuficiência* para permanecer viva após o instante de seu nascimento.

⁴ NIETZSCHE, F. Fragmento póstumo nº 38 [12], junho-julho de 1885. Apud: GIACOIA JÚNIOR, 2012, p.265.

⁵ NIETZSCHE, 2015, p. 110. #Da superação de si mesmo.

⁶ Ibidem.

A palavra utilizada por Freud⁷ para a condição que *coloca* o ser humano mais uma vez⁸ na dependência do cuidado e perspectivas de outrem e o *desloca* de um estado de natureza sensível para o âmbito da cultura, das morais, das produções humanas é *Hilflosigkeit* que na língua portuguesa pode corresponder a *desamparo*. Na literatura pesquisada, sobretudo em artigos que dissertam sobre assunto, encontramos várias considerações dispendo o *desamparo* como um *sentimento* humano. Nós, em consonância com outros entendimentos, tomamos o *desamparo* como um estado: uma condição humana anterior às afetações e constituição de afetos/sentimentos⁹. Por essa perspectiva, fome, frio, sede, raiva, angústia, dor, amor etc. estariam mais bem situados como derivativos de tal condição e/ou como modos de “tamponar o *desamparo*”, de encontrar recursos/respostas para suprir as carências advindas de tal condição.

Admitido, sem muitos pormenores¹⁰, o complexo arranjo de forças biofísicas (advindas da água, do carbono, do cálcio, enxofre etc.) que possibilita a vida humana faz-se também necessário admitir, pela lógica da *vontade de poder*, acima destacada, que cada força atua unilateralmente para manifestar-se em prol de certas condições para sua conservação e superação. Assim, diante do *desamparo*, pode-se dizer de modo rápido e generalizado, mas possivelmente lógico, que é provável que no corpo humano cada célula lute pela afirmação do seu *querer*. Portanto, como *vontade de poder*, o *corpo* humano é simultaneamente *um e muitos*.

Nesse sentido é justo esclarecer que o Si-Próprio (*Selbst*) não é o estado de *desamparo* (*Hilflosigkeit*). Embora possam ser compreendidos como partes inconscientes da constituição

⁷ O pressuposto de que o ser humano recém-nascido necessita de amparo para permanecer vivo pode ser observado nos textos de Freud desde 1895, no *Projeto para uma psicologia científica*, ao dissertar acerca da “experiência de satisfação”, até textos mais tardios como o de 1926 (*Inibição, Sintoma e Angústia*).

⁸ A expressão “mais uma vez” está colocada no texto a fim delimitar que mesmo antes de seu nascimento o ser humano já se encontra na dependência de cuidados de outro ser humano, sobretudo, de sua mãe ou daqueles que cuidam da placenta no laboratório de reprodução humana. Nesse sentido, na literatura psicanalítica pesquisada foram encontradas expressões que remetiam a ideia da *criação de vínculos*, de *laços* com o outro/Outro ou com o “desejo do outro” de modo que o desenvolvimento do ser humano ocorre alocado no “desejo” do outro/Outro.

⁹ Cumpre destacar que no presente trabalho não entraremos nos méritos precisos acerca da diferença entre *sentimentos* e *afetos*. Entretanto ressaltamos que o termo *afeto* será utilizado como resultante das afetações sofridas pelo corpo, pelo Si-Próprio (daquilo que o toca, o acomete, que o aflige, que o contagia). Já por *sentimento* entenderemos a comunicação, partilha e/ou consenso social acerca de um afeto ou afetação do corpo. O *sentir* (*Fühlen*) é parte da consciência.

¹⁰ Não nos é possível, mesmo porque não se faz objetivo do presente trabalho, pormenorizar o desenvolvimento biofísico dos seres humanos no transcorrer da história. O que reafirmamos é que o organismo humano que vivenciamos no século XXI foi sendo constituído ao longo dos tempos por diferentes órgãos com diferentes funções. Como “diferentes funções” leiam-se também os impulsos, instintos e/ou informações contidas em seu DNA para sua adaptação ao meio-ambiente em que vivem.

do corpo humano, o primeiro denota a complexidade de forças que perfazem tal corpo; que é o corpo humano. O segundo é uma *conditio sine qua non* da existência desse corpo: sua fragilidade, sua hipossuficiência em ser autossustentável e, assim, manter-se vivo sem o auxílio de outrem. Respectivamente, um pode ser rearticulado, mobilizado de modos diferentes (visto que sente, que sofre afetações, que *quer*, que é um excedente de forças), o outro, por sua vez, não, posto que seja uma condição inexorável de existência.

O Si-mesmo sempre escuta e procura: compara, submete, conquista, destrói. Domina e é também o dominador do Eu. Por trás dos teus pensamentos e sentimentos, irmão, há um poderoso soberano, um sábio, desconhecido – ele se chama Si-mesmo. Em teu corpo habita ele, teu corpo é ele. Há mais razão em teu corpo do que em tua melhor sabedoria. E quem sabe por que teu corpo necessita justamente de tua melhor sabedoria? Teu Si-mesmo ri de teu Eu e de seus saltos orgulhosos. “Que são para mim esses saltos e voos do pensamento?”, diz para si. “Um rodeio até minha meta. Eu sou a andadeira do Eu e o soprador dos seus conceitos”. O Si-mesmo diz para o Eu: “Sente dor aqui!”. E esse sofre e reflete em como não mais sofrer – e justamente para isso *deve* pensar. O Si-mesmo diz para o Eu: “Sente prazer aqui”. E esse se alegra e reflete em como se alegrar mais – e justamente para isso *deve* pensar.¹¹

Se há pouco trouxemos a perspectiva do desenvolvimento de *um tipo de consciência* no corpo humano esta só *pode* existir após o manifestar de todas essas *vontades/impulsos* que compõem o Si-próprio. O Si-próprio é, justamente, aquele que, a partir das afetações e afetos¹² que o acometem e o constituem, diz à consciência, ao “Eu”, o que deve sentir em dada situação e/ou (des)encontro com outrem – principalmente no que tange a dor e ao prazer. Entretanto, julga-se de extrema valia atentar, mesmo que *en passant*, ao lance de que junto da expressão da dor e do prazer na consciência, o Si-próprio espelha nela aquilo que é *necessário* para manter-se vivo e *querer*. E é, precisamente, de acordo aquilo que o corpo expressa como necessário e consciência assim capta que um tipo de compreensão de si, dos outros e das coisas pode acontecer. Assim, de acordo com Nietzsche¹³, o compreender humano é, no final de um longo processo, a exposição de uma perspectiva acerca de nós mesmos e das nossas necessidades.

Non ridere, non lugere, neque detestari, sed intelligere! [Não rir, não lamentar, nem detestar, mas compreender!] disse Spinoza, da maneira simples e sublime que é sua. No entanto, que é *intelligere*, em última instância, senão a forma na qual justamente aquelas três coisas tornam-se de uma só vez sensíveis para nós? Um resultado dos

¹¹ NIETZSCHE, 2015, p. 35. #Dos desprezadores do corpo.

¹² Cumpre ressaltar que os *afetos* são resultantes de afetações vividas pelo corpo.

¹³ Cf. NF, 1885 39 [14]. No qual originalmente se lê: “Das menschliche Begreifen — welches zuletzt immer ein Auslegen nach uns und unseren Bedürfnissen ist — steht im Verhältniß zum Range, den der Mensch in der Ordnung aller Wesen einnimmt”. Obtido via internet em: <http://www.nietzschesource.org/#eKGWB/NF-1885,39> [14]. Acesso em: janeiro de 2018.

diferentes e contraditórios impulsos de querer zombar, lamentar, maldizer? Antes que seja possível um conhecer, cada um desses impulsos tem de apresentar sua visão unilateral da coisa ou evento; depois vem o combate entre essas unilateralidades, dele surgindo aqui e ali um meio-termo, uma tranquilização, uma justificação para os três lados, uma espécie de justiça e de contrato: pois é devido à justiça e ao contrato que esses três impulsos podem se afirmar na existência e conservar mutuamente a sua razão. A nós chega à consciência apenas as últimas cenas de conciliação e ajustes de contas desse longo processo, e por isso achamos que *intelligere* é algo conciliatório, justo, bom, essencialmente contrário aos impulsos; enquanto é apenas *uma certa relação dos impulsos entre si*.¹⁴

O aforismo supra traz elementos que, grosso modo, dão as primeiras dimensões daquilo que podemos nomear como uma *psicofisiologia*¹⁵ a partir da obra nietzschiana. Nela tem-se que “a atividade de nosso espírito ocorre, em sua maior parte, de maneira inconsciente e não sentida por nós”.¹⁶ E, ainda mais, a própria ideia de alma, espírito, pensamento consciente ou, propriamente, a Consciência (*Eu, Ego, Ich*), enquanto instância do psiquismo humano, “é apenas uma palavra para um algo no corpo”.¹⁷ Afinal, “o corpo é uma grande razão, uma multiplicidade com um só sentido, uma guerra e uma paz, um rebanho e um pastor”.¹⁸ A consciência tornou-se um problema. E, justamente,

O problema da consciência (ou, mais precisamente, do tornar-se consciente) só nos aparece quando começamos a entender em que medida poderíamos passar sem ela: e agora a fisiologia e o estudo dos animais nos colocam neste começo de entendimento (necessitaram de dois séculos, portanto, para alcançar a premonitória suspeita de Leibniz). Pois nós poderíamos pensar, sentir, querer, recordar, poderíamos igualmente “agir” em todo sentido da palavra: e, não obstante, nada disso precisaria nos “entrar na consciência” (como se diz, figuradamente). A vida inteira seria possível sem que, por assim dizer, ela se olhasse no espelho; tal como, de fato, ainda hoje a parte preponderante da vida nos ocorre sem esse espelhamento – também da nossa vida pensante, sensível e querente, por mais ofensivo que isto soe para um filósofo mais velho.¹⁹

Contrariando uma tradição filosófica que creditou o “Eu” como causa do pensar humano, Nietzsche destaca o Si-Próprio²⁰ (*Selbst*) como a *grande razão* da qual deriva a

¹⁴ NIETZSCHE, 2009a, pp. 220-1.

¹⁵ Restando claro que tal palavra seja resultante da junção entre duas outras (psicologia e fisiologia) resta-nos esclarecer que, em nosso entendimento, nela também está contida um tipo de filosofia marcadamente “escrita com sangue” – valendo-se aqui de um preceito nietzschiano –; uma filosofia que brota das entranhas daquele que escreve; que é corpo, que é pensamento amplo, que é vivência, experiência, experimento.

¹⁶ Idem, p. 221.

¹⁷ NIETZSCHE, 2015, p. 35. #Dos desprezadores do corpo.

¹⁸ Ibidem.

¹⁹ NIETZSCHE, 2009a, pp. 247-8.

²⁰ “Sim-mesmo” na tradução de Paulo César de Souza.

consciência – a *pequena razão*. Neste mesmo veio aponta que a compreensão da constituição humana a partir da dicotomia substancial entre *corpo* e *alma* é uma fabulação infantil, no sentido pejorativo da expressão, que não possui consistência filosófica – a não ser como dogma ou um jogo de palavras e perspectivas que dão margem a um encanto gramatical que captura, seduz e enche de vaidades o ser humano²¹. “‘Eu’, dizes tu, e tens orgulho dessa palavra. A coisa maior, porém, em que não queres crer – é teu corpo e sua grande razão: essa não diz Eu, mas faz Eu”.²²

Através desta perspectiva, o processo de feitura desse “Eu” é, justamente, a guerra, o embate, a luta entre impulsos e diversas perspectivas que constituem o corpo humano. De modo que “pode haver no nosso interior em luta muito **heroísmo** oculto, mas certamente nada de divino, nada repousando eternamente em si”²³ – tal como uma quintessência, uma essência última e mais pura dos seres humanos. O que há são forças lutando pela afirmação do seu querer. A consciência é apenas o espelhamento, o reflexo e a superfície de tais batalhas.

Para que então consciência, quando no essencial é *superflua*? (...) parece-me que a sutileza e a força da consciência estão sempre relacionadas à *capacidade de comunicação* de uma pessoa (ou animal), e a capacidade de comunicação, por sua vez, à *necessidade de comunicação*. (...) Consciência é, na realidade, apenas uma rede de ligação entre as pessoas – apenas como tal ela teve que se desenvolver: um ser solitário e predatório não necessita dela. O fato de nossas ações, pensamentos, sentimentos, mesmo movimento nos chegarem à consciência – ao menos parte deles –, é consequência de uma terrível obrigação que por longuíssimo tempo governou o ser humano: ele *precisava*, sendo o animal mais ameaçado, de ajuda, proteção, precisava de seus iguais, tinha de saber exprimir seu apuro e fazer-se compreensível – e para isso tudo ele necessitava antes de “consciência”, isto é, “saber” o que lhe faltava, “saber” como se sentia, “saber” o que pensava. Pois, dizendo-o mais uma vez: o ser humano, como toda criatura viva, pensa continuamente, mas não o sabe; o pensar que se torna *consciente* é apenas a parte menor, a mais superficial, a pior, digamos: – pois apenas esse pensar consciente *ocorre em palavras, ou seja, em signos de comunicação*, com o que se revela a origem da própria consciência.²⁴

É possível inferir que a consciência raia no ser humano como uma necessidade (*Not*) constringente de comunicação de sua condição de *desamparo* (*Hilflosigkeit*) – condição esta que, dentre outros, tal como expresso no excerto supra, faz deste ser um animal ameaçado, em apuros, que precisa do auxílio de outro ser humano para sobreviver. A “consciência não faz

²¹ Dentre as seduções e vaidades historicamente demarcadas podemos destacar o pressuposto do contínuo *progresso* da humanidade que se destina a uma suprema realização do ser humano ou o encontro/conquista de uma finalidade última para tal ser.

²² NIETZSCHE, 2015, p. 35. #Dos desprezadores do corpo.

²³ NIETZSCHE, 2009a, p. 221. (grifos nossos)

²⁴ Idem, pp. 248-9.

parte realmente da existência individual do ser humano, mas antes daquilo que nele é natureza comunitária e gregária”.²⁵ A nosso ver é desse ponto que há neste ser mais fortemente uma disrupção com a natureza sensível, com sua *primeira natureza* – mais plena, *impulsiva*, afetiva ou mesmo *instintiva (Instinktiv)*. A consciência gregária aporta no ser humano, nesse sentido, como sua *segunda natureza*; como algo que visa ao útil – sobretudo a utilidade comunitária ou da comunidade.

Todas as nossas ações, no fundo, são pessoais de maneira incomparável, únicas, ilimitadamente individuais, não há dúvida; mas, tão logo as traduzimos para a consciência, *não parecem mais sê-lo...* Este é o verdadeiro fenomenalismo e perspectivismo, como *eu* o entendo: a natureza da *consciência animal* ocasiona que o mundo de que podemos nos tornar conscientes seja só um mundo generalizado, vulgarizado – que tudo o que se torna consciente por isso mesmo torna-se raso, ralo, relativamente tolo, geral, signo, marca de rebanho, que a todo tornar-se consciente está relacionada uma grande, radical corrupção, falsificação, superficialização e generalização.²⁶

A consciência, por meio das palavras e gestos comuns, também agrega afetos ou, melhor, a resultante dos embates entre eles. Ela é a superfície destes. Entretanto essa aglutinação é verossímil, é sombra, reflexo, névoa desses embates, posto que se expresse por meio das palavras, das linguagens, daquilo que é comum, gregário e, portanto, insuficiente à riqueza e singularidade organizativa da multiplicidade polifônica (e intraduzível) das forças que compõem o corpo humano.

As consequências diretas dessa má tradução é que: a) “cada um de nós, com toda vontade que tenha de *entender* a si próprio da maneira mais individual possível, de ‘conhecer a si mesmo’, sempre traz à consciência justamente o que não possui de individual, o que nele é ‘médio’”.²⁷ b) Decorre disso que o erro, o engano, o autoengano, torna-se o fundamento das valorações humanas. Nenhuma perspectiva de valor cunhada por tal ser pode ser tida como indelével e inquestionável. c) Se tudo é perspectivo e variável surge o risco (paralisante, niilista reativo) do contato com a ideia de que tudo na vida seja “em vão” (*Umsonst*) – em decorrência da possibilidade de ruptura com os ideais de progresso e de uma finalidade para a vida humana. d) Um ser humano pode determinar, julgar, manipular, conduzir, avassalar, empobrecer diametralmente as possibilidades de vida de uma pessoa ou grupo de pessoas (sobretudo com suas panaceias absolutistas e intransitivas como forma de tamponamento da

²⁵ Idem, p. 249.

²⁶ Idem, p. 250.

²⁷ Idem, p. 249.

condição de desamparo humano) a partir de imputes, zombadores e destruidores exercícios de poder.²⁸ e) Um ser humano pode potencializar e enriquecer as possibilidades de vida de uma pessoa ou grupo de pessoas.

É possível dispor que boa parte da problemática suscitada a partir do “Eu”, do compreender humano, semelhante à trazida supra, se bem assimilada, ou seja, se tida como um *erro fundamental*, do qual, mesmo que insuficiente, dele não se pode prescindir, há que o ter não como um intrínseco empecilho à vida humana, mas, sim, como uma via através da qual a humanidade pode ser *nobre*: criadora – experiência e experimento – de novas e *necessárias* possibilidades da Vida.

No entanto, de modo oposto, pode-se inferir que o “Eu” torna-se predominantemente aviltante quando quer ser *bom*, quando insiste na conservação de algo, sobretudo a conservação de si e de alguma condição de vida que o favoreça (sob o covarde e não honroso detrimento de outros), ao fechar-se num *fantasma*, abstração, ficção, numa restritiva perspectiva de si, do outro, do mundo, da Vida. O prejuízo direto à humanidade desse tipo vil de “Eu” é uma *segunda natureza* ou *civilização* doentia na qual, mesmo aquilo que vem com o nome de “mudança”, permanece como a qualidade de uma força doente, fraca e decadente.

A grande maioria dos homens, não importa o que pensem ou digam do seu “egoísmo”, nada faz durante a vida por seu *ego*, mas apenas pelo fantasma de *ego* que sobre eles formou-se nas mentes à sua volta e lhes foi comunicado – em consequência, vivem todos numa névoa de opiniões impessoais e semipessoais e de valorações arbitrárias, como que poéticas, um na mente do outro, e essa mente em outras: um estranho mundo de fantasmas, que sabe mostrar uma aparência tão sóbria! Essa névoa de opiniões e hábitos cresce e vive quase de forma independente das pessoas que envolve; dela depende o enorme efeito dos juízos universais sobre o “homem” – **todos esses homens desconhecidos de si próprios** acreditam na exangue abstração “homem”, ou seja, numa ficção; e toda mudança realizada nessa abstração pelos juízos de indivíduos poderosos (como príncipes e filósofos) influi extraordinariamente e em medida irracional sobre a grande maioria – tudo pela razão de que nenhum indivíduo dessa maioria é capaz de contrapor à pálida ficção universal um *ego* real, a ele acessível e por ele examinado, e assim aniquilá-la.²⁹

Conquanto que convenhamos que o corpo humano congregue e ordene em si uma multiplicidade de características (forças e funções) herdadas no decorrer dos tempos e que, como já destacado, em muito essas características prescindem da *pequena razão* para atuarem, não podemos deixar de distinguir e ressaltar que a partir do desenvolvimento deste

²⁸ Tornar-se impudente, zombador e destruidor é o maior perigo que corre um homem nobre, para Zaratustra. São aqueles que perderam as esperanças em si e desde então caluniam as outras possíveis nobres esperanças.

²⁹ NIETZSCHE, 2016, pp. 70-1. Aforismo 105. (grifos nossos)

último órgão do corpo humano (a consciência) as forças alteraram suas qualidades e destinos de modo a tirar esse animal do campo das forças mais basais ou instintivas. Assim sendo, o homem tornou-se o “animal não fixado”, um animal que não é determinado unicamente por seus instintos, por sua *primeira natureza* – a exemplo dos outros animais que contam primordialmente com seus instintos para permanecerem vivos e se reproduzirem.

De acordo com Nietzsche³⁰, o homem tem em si, ao contrário do animal, uma imensa riqueza de pulsões e impulsos em oposição. E é precisamente essa oposição, ou melhor, as resultantes dos embates dessa oposição, que fez dele o “senhor da Terra”, que o fez reinar sob os demais animais que, por sua vez, mantiveram em seus atos os desígnios preponderantes de sua herança genética. Por outro lado, pode-se inferir que essa não-fixidez, essa não-determinação do animal humano pelos instintos também abriu precedentes para inseguranças, dúvidas, ansiedades etc. que, dependendo do modo como são trabalhadas, podem limitar demasiadamente essa plasticidade conquistada ou, pior, ser o “calcanhar de Aquiles” da humanidade – ao torná-la passível de sedução, de captura, cooptação por uma autoridade moral.

É notório que não dominamos e nem dominaremos todas as lutas que constituem o nosso corpo, o nosso pensar, o nosso querer. E é devido a essa guerra constante³¹, no qual o corpo é um campo de batalhas entre pulsões³² e impulsos, que a luta pela perspectiva de uma

³⁰ Cf. NF, 1884, 27 [59]. No qual originalmente se lê: “Der Mensch hat, im Gegensatz zum Thier, eine Fülle gegensätzlicher Triebe und Impulse in sich groß gezüchtet: vermöge dieser Synthesis ist er der Herr der Erde.”. Obtido via internet em: [http://www.nietzschesource.org/#eKGWB/NF-1884,27\[59\]](http://www.nietzschesource.org/#eKGWB/NF-1884,27[59]). Acesso em: janeiro de 2018.

³¹ Essa oposição entre pulsões e impulsos não é algo intrínseco ou natural na espécie humana. Ela é uma conquista dessa espécie; é algo **cultivado** por ela. Não por acaso Nietzsche, no fragmento em questão (NF, 1884, 27 [59]), faz uso do termo *gezüchtet* (culto) que com o verbo *züchtet* remete ao criar, ao cultivar – uma planta ou um animal, por exemplo. E nesse âmbito que podemos começar a nos familiarizarmos com a ideia de *cultura* humana. Afinal, o ser humano é um animal que não nasce com a maioria das suas faculdades e características em estado embrionário e por isso devem ser cultivadas para que se desenvolvam. Entretanto, outra perspectiva, é tomar esse processo no veio de um transbordar e/ou de uma *virada* (*umkehrung*) de forças para além das determinações genéticas.

³² A pulsão (*Trieb*) é uma representação de uma via de satisfação na consciência e não apenas mais uma ideia (*Vorstellung*) nesta. Ela é uma inscrição do somático no psíquico, ou seja, ela é, em linhas fronteiriças, corpo e ideia, bem como, nenhum dos dois. Em Freud, pareada à noção de Desejo, que pode ser, grosso modo, entendida como o movimento de retorno aos registros mnêmicos de afetações satisfatórias percebidas pelo corpo, a pulsão ou as pulsões estão relacionadas à plasticidade de experiências e de objetos de satisfação vivenciadas pelo corpo nos encontros com o outro. É válido destacar que desde os *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905) Freud apontava as pulsões como aquilo com maior plasticidade na sexualidade humana. É claro que esse conceito foi sendo trabalhado ao longo de sua obra, mas é a partir de 1920 que ele tem uma mudança mais significativa ao trazer à baila como *pulsão de vida* as pulsões sexuais, do Eu e de autoconservação e as contrapõe a *pulsão de morte*, destacando, de maneira geral, que tais pulsões têm como preceito voltar a um estado/momento anterior de satisfação.

não fixação e empobrecimento da vida humana, diante do combate aos exercícios de poderes estéreis e de morais doentias, torna-se, na experiência de estar vivo, um **ato heroico**.

Precário, provisório, perecível; Fálvel, transitório, transitivo; Efêmero, fugaz e passageiro, eis aqui um vivo, eis aqui um vivo! Impuro, imperfeito, impermanente; Incerto, incompleto, inconstante; Instável, variável, defectivo, eis aqui um vivo, eis aqui...

E apesar do tráfico, do tráfego equívoco; Do tóxico, do trânsito nocivo; Da droga, do indigesto digestivo; Do câncer vir do cerne do ser vivo, da mente o mal do Ente coletivo, do sangue o mal do soro positivo. E apesar dessas e outras... O vivo afirma firme afirmativo: o que mais vale a pena é estar vivo! É estar vivo. Vivo. É estar vivo...

Não feito, não perfeito, não completo; Não satisfeito nunca, não contente; Não acabado, não definitivo, eis aqui um vivo, eis-me aqui!³³

O cultivo de si

Flávio Venturini relata que, certa vez, enquanto a banda 14 Bis ensaiava para entrar no estúdio e tocavam um tema, Renato Russo chegou, perguntou se aquele tema tinha letra e, caso não tivesse, ele gostaria de compor uma para ele. Começava aí uma parceria entre os dois que resultou na canção “Mais uma vez” que, segundo Flávio, Renato dizia que eram as palavras de um pai para um filho durante uma tempestade. Eis a letra:

Mas é claro que o sol vai voltar amanhã, mais uma vez, eu sei.
Escureidão já vi pior, de endoidecer gente sã. Espera que o sol já vem.

Tem gente que está do mesmo lado que você, mas deveria estar do lado de lá.
Tem gente que machuca os outros, tem gente que não sabe amar.
Tem gente enganando a gente. Veja a nossa vida como está.
Mas eu sei que um dia a gente aprende
Se você quiser alguém em quem confiar confie em si mesmo
Quem acredita sempre alcança!

Mas é claro que o sol vai voltar amanhã, mais uma vez, eu sei.
Escureidão já vi pior, de endoidecer gente sã. Espera que o sol já vem.

Nunca deixe que lhe digam que não vale a pena acreditar no sonho que se tem
Ou que seus planos nunca vão dar certo, ou que você nunca vai ser alguém.
Tem gente que machuca os outros, tem gente que não sabe amar.
Mas eu sei que um dia a gente aprende...
Se você quiser alguém em quem confiar, confie em si mesmo
Quem acredita sempre alcança! Quem acredita sempre alcança!³⁴

³³ LENINE, RENNÓ, C. Vivo. Em: Lenine. Álbum: *In Cité (ao vivo)*. Gravadora: Sony BMG, 2000.

³⁴ RUSSO, R.; VENTURINI, F. Mais uma vez. Em: Renato Russo. Álbum: *Presente*. Gravadora: EMI, 2003.

Espera... No final do prefácio de 1886 para *Aurora*, Nietzsche explicita que para lê-lo bem, como “leitores e filólogos perfeitos”, é necessário “pôr-se de lado, dar-se tempo, ficar silencioso, ficar lento – como uma ourivesaria e saber da *palavra*, que tem trabalho sutil e cuidadoso a realizar, e nada consegue se não for *lento*”. Mas eis que nós, aeronautas e mergulhadores das profundezas e alturas do século XXI, bem como, herdeiros de longas tradições filosóficas, não somos perfeitos. Somos *décadent* feitos de carne e osso e...

A alegria do pecado às vezes toma conta de mim e é tão bom não ser divina. Me cobrir de humanidade me fascina e me aproxima do céu. E eu gosto de estar na terra cada vez mais. Minha boca se abre e espera... o direito ainda que profano do mundo ser sempre mais humano, pois perfeição demais me agita os instintos. Quem se diz muito perfeito na certa encontrou um jeito insosso pra não ser de carne e osso, pra não ser...³⁵

Mas o que podemos esperar da possibilidade de conquistarmos o “direito, ainda que profano, do mundo ser sempre mais humano” ao conciliarmos o céu e a terra, o corpo e a alma? Será possível atravessar a solidão da rua e o medo da “mata escura”³⁶ acreditando em si; na assimilação das contradições que há em si? São questões intrigantes que para o ensaio de alguma resposta faz-se necessária uma postura semelhante à de Cazuzá³⁷ que, mesmo “perdido, sem pai nem mãe, bem na porta da sua casa” tem que “raspas e restos” interessam; “mentiras sinceras” interessam!”. Interessa não a verdade, mas *as veracidades* inventadas acerca daquilo que um dia nominou-se humano.

Existem inúmeras perspectivas, atalhos e resumos para as veracidades a respeito do ser humano. Talvez uma filosofia que se faz a partir de uma psicofisiologia. Afinal, “em todo filosofar, até o momento, a questão não foi absolutamente a ‘verdade’, mas algo diferente, como saúde, futuro, poder, crescimento, vida...”³⁸. Quiçá possamos chamar de *ato filosófico o traçado* mais condizente numa pessoa daquilo que lhe seja mais próprio – suas afetações e seus afetos; seus modos de agir e ser agida.

Aonde quer chegar esta filosofia, com todos os seus rodeios? Faz ela mais que traduzir em razão, digamos, impulso por sol mais brando, ar mais claro e renovado,

³⁵ DUNCAN, Z.; MOSKA, P. Em: Zélia Duncan. Álbum: *Pré-Pós-Tudo-Bossa-Band*. Gravadora: Universal Music, 2005.

³⁶ Aqui uma alusão ao trecho da canção *Caçador de mim* (“fugir às armadilhas da mata escura”) como metáfora aos conteúdos inconscientes constituintes dos seres humanos.

³⁷ FREJAT, R.; NETO, A. Maior abandonado. Em: Barão Vermelho. Álbum: *Maior abandonado*. Gravadora: WEA Music, 1984.

³⁸ NIETZSCHE, 2009a, p. 12, Prólogo 2.

vegetação meridional, alento ao mar, ligeira alimentação de carne, ovos e frutas, água quente como bebida, silenciosas caminhadas de dia inteiro, poucas falas, raras e cuidadosas leituras, morada solitária, hábitos limpos, simples, quase soldadescos, em suma, por todas as coisas que mais são de meu gosto, que justamente para mim são as mais adequadas? Uma filosofia que, no fundo, é o instinto para uma dieta pessoal? Um instinto que busca meu ar, minha altura, meu clima, minha espécie de saúde, pelo rodeio de minha mente? Há muitas outras, e certamente muitas mais altas sublimidades da filosofia, não apenas aquelas que são mais sombrias e mais exigentes que as minhas – talvez elas também não sejam outra coisa que rodeios intelectuais de semelhantes impulsos pessoais?³⁹

Para Nietzsche, filosofia e vida são inseparáveis, posto que mantenham relação direta ao “gosto”, à dieta, às afetações, às escolhas, à implicação visceral de alguém junto àquilo que lhe soa e lhe toca como *o mais adequado*. Aliás, aquilo que é tido como o mais adequado para uma pessoa lhe é *um juízo de valor* decorrente de suas vivências com (des)prazeres, (in)felicidades, (im)permanências e (des)construções de si a partir de suas experiências e experimentos na Vida, como vida: como algo que vibra, que ecoa, que impulsiona, que se efetiva e se torna *corpo*; como algo que se fecha num lampejo, que se resume num grito aturdido como carne que se dilui em verbo e se faz sabor de palavras... um termo, às vezes ermo, para o final de um acordo multilateral de forças, de perspectivas: uma *pequena razão*. Nesse sentido, a expressão “rodeio” trazida no excerto supra é uma espécie *traçado* de experiências e experimentações comunicáveis de uma pessoa.

Esses experimentos, passíveis a certos tipos de pessoas, que são modos de pensamentos, afetos e afetações, têm características processuais que remetem a ideia de *cultivo-de-si*, de *cultura*, de cuidado, de força para suportar algo, para deixar algo chegar, para deixar algo *acontecer*, para compor e decompor – à semelhança dos traços de um jardim oriental no qual não se distingue com exatidão a beleza da *natureza sensível* da arte criada por um heroico jardineiro – talvez de nome Trofônio⁴⁰ e sobrenome Reluzente⁴¹.

Enxergo com novo olhar os furtivos e solitários volteios de uma borboleta, no alto das rochas à margem do lago, onde cresceram tantas boas plantas: ela adeja para um lado e para o outro, despreocupada de viver apenas um dia, de que a noite será fria

³⁹ NIETZSCHE, 2016, pp. 245-6. #553.

⁴⁰ Em nota, Paulo César Souza destaca que Trofônio é um “personagem mitológico, arquiteto responsável por várias construções importantes na Grécia antiga; depois de um episódio em que teria roubado o tesouro de um rei, foi engolido pela terra e passou a habitar, como oráculo, uma câmara subterrânea”.

⁴¹ No sentido de que a vivência das sombras, das profundezas, não *necessariamente* torna uma pessoa sem brilho, mórbida, malograda, doente.

demais para a sua alada fragilidade. Para ela também se poderia encontrar uma filosofia: embora certamente não seria a minha⁴².

Sendo assim, certas condições de vida propiciam a existência de jardins e jardineiros outros. Filosofias de um dia e as de *uma vida*. Processos de subjetivação fortes, saudáveis e raros e outros fracos, doentes e rasos. Deste modo existe monocultura, o olhar, o cultivo rasteiro e as plantas que mal se elevam do chão – existe a *formação*. E existem *outras plantas* que desafiam os cumes das montanhas e o congelante frio delas apenas pelo *prazer* de superarem aquilo que dizia: “aqui não” – existe a *educação*. Existem *amores*⁴³ que ao invés de amar “mar, mar e mar” (ou seja, o infinito) preferem o leito de um rio: com início, meio e fim⁴⁴. Portanto, existem diversas formas de vida e diversas formas de avaliação, mas, se o poeta tem de tudo (até razão), “só existe um caminho: aquele no qual está o seu coração”.

O coração é um órgão do corpo do ser humano que carrega do imaginário popular ocidental contemporâneo a insígnia de ser o centro dos afetos humanos. Os afetos, por sua vez, são os resultantes das afetações (topadas, encontros e desencontros, sabores e dissabores, alegrias e tristezas com outrem) em certos momentos e condições de uma vida humana. Se mantivermos a perspectiva já trazida à baila de que *Vida é vontade de potência* a teremos como o impulso fundamental que mobiliza os seres humanos. Nesse sentido, uma possibilidade de compreensão de quem seja, em geral, o ser humano, é a interpretação de que este é um animal falante com uma estrutura ordenada de impulsos e pulsões que se dinamiza em dadas condições de vida e experiências com outrem.

Nesse sentido, aquilo que nomeamos por processos de subjetivação ou espírito humano é, justamente, esta *estrutur-ação* (estrutura + ação/ato/movimento). Nos trabalhos nietzschianos existe a seguinte expressão para tal *estrutur-ação*: *Rangordnung* – uma singular ou característica ordenação escalonada de impulsos e afetos. Vale aqui destacar, tal como pretendemos melhor delinear no presente trabalho, que os afetos possuem graus de força e é o mais poderoso dentre eles aquele que ordena a organização dos mesmos e que coordena os direcionamentos de suas manifestações.

⁴² NIETZSCHE, 2016, p. 246, #553.

⁴³ Cumpre destacar que “o amor”, enquanto contraponto aos medos incutidos pelas morais, será tido como uma peça chave para as problematizações deste trabalho.

⁴⁴ Alusão ao poema “Do amor” de Paulinho Moska.

Cairia, assim, por terra, sob a égide de tal compreensão, a ideia da existência de um *sujeito natural* ou *substancial*, portador de um *livre-arbítrio*, destinado essencialmente a fazer o que *deve* ser feito ou naturalmente inclinado a fazer o mal. Ou seja, boa parte dos preceitos filosóficos (religiosos e penais também) de certa tradição da civilização ocidental é colapsada a partir de tal interpretação, posto que para fazer sentido pressupunha o ser humano como aquele ser possuidor de uma subjetividade neutra, que dá suporte e abriga o arbítrio e pode, por consequência e decorrência de seus atos, pensamentos e omissões, ser imputado pela deliberação de suas vontades e/ou conseqüentes escolhas. Assim, para além da ideia de arbítrio, o que se tem vigente no ser humano é uma multiplicidade de afetos e é o afeto mais poderoso ou o conjunto dos afetos mais poderosos que mobiliza aquilo que comumente denomina-se *sujeito*.

Para muitos a escuridão da noite e o medo da tempestade se adensam tendo em vista essa derrocada de perspectivas firmadas em longa tradição filosófica acerca dos modos de compreensão do ser humano (a *imutabilidade do caráter* é uma delas). E por esse viés, quando retomamos o conselho do pai para o filho de *confiar em si mesmo* caso precise confiar em alguém, pertencente à canção inicial deste percurso, podemos inferir que em tal conselho resida a afirmação de que o ser humano não seja um “fato consumado”, já determinado, com origem, fins e finalidades imutáveis, um homúnculo a ser realizado, mas, sim, algo em processo, algo que deva ser cuidado no sentido de que a maior amplitude possível de suas características psicofísicas sejam cultivadas e que algumas marcas nele deixadas pelo espírito do seu tempo (*Zeitgeist*) e suas singulares condições de vida (sua herança genética, seu lugar na economia mundial, seus anseios, suas situações traumáticas e alegres etc.) sejam assimiladas e des/envolvidas – criando condições para transformar em poder perspectivas ainda em potência e nesse intento e labor ser cada vez mais feliz ao estabelecer bons encontros que lhe permita conquistar a sua liberdade.

O que estamos livres para fazer [cf. OGJ.]. – Pode-se lidar com os próprios impulsos como um jardineiro, e, o que poucos sabem, cultivar os germens da ira, da compaixão, da ruminção, da vaidade, de maneira tão fecunda e proveitosa como uma bela fruta numa latada. Pode-se fazer isso com o bom ou mau gosto de um jardineiro, e como que ao estilo francês, inglês, holandês ou chinês; pode-se também deixar a natureza agir e apenas providenciar aqui e ali um pouco de ornamentação e limpeza, pode-se, enfim, sem qualquer saber ou reflexão, deixar as plantas crescerem com suas vantagens e empecilhos naturais e lutarem entre si até o fim – pode-se mesmo ter alegria com esta selva, e querer justamente essa alegria, ainda que traga também aflição. Tudo isso está livre para fazermos [cf. OGJ.]; mas quantos sabem que temos essa liberdade? Em sua maioria, as pessoas não *creem* em si mesmas como em *atos inteiramente consumados*? Grandes filósofos não

imprimiram sua chancela a este preconceito, com a doutrina da imutabilidade do caráter?⁴⁵

Acredita-se que um ponto importante disto que vem sendo construído nesse trajeto de escrita é o de que a *confiança do ser humano em si* só pode advir depois de um processo de implicação consigo, ou seja, após uma caminhada, um sobrevoo e um mergulho naquelas características que têm feito de um sujeito *este* sujeito e não aquele – este jardim, com esta jardinagem, e não aquele em determinado estilo; não aquela selva. Implicar jardim e jardineiro: *é isso que está livre* para nós contemporâneos do século XXI ou de séculos vindouros fazermos.

O que está em jogo aqui com a noção de implicação nos processos constitutivos de si é uma *inversão de perspectivas existenciais passivas/ressentidas/negativas*, semelhantes as da frase “a vida me fez assim”, para “eu quis assim” ou “agora assim eu quero!”. Neste jogo a inversão é uma força decisiva, pois “posições extremas não são substituídas por posições moderadas, mas novamente por posições extremas, porém *inversas*”⁴⁶. Assim, quando se retira de cena uma antiga e reiterada noção de indivíduo ou de sujeito essencial/substancial de uma filosofia vem à tona uma espécie de *cultivo-de-si* no tocante as configurações das forças (impulsos) e representações daquilo que nos é tido como *necessário (Notwendigkeit)* para que a nossa vida seja satisfatória, diante das (im)possibilidades de se constituir deste ou daquele modo mediante as suas peculiares condições de vida.

Implicar-se com suas afetações e afetos é colocar-se como *corresponsável* por aquilo que lhe acontece e se constituir, em decorrência, como *sua* vida singular. Nesse sentido o trágico e o caos têm importância fundamental em tal processo, posto que escapem às maquinações e possibilidades de cálculos e controles de uma vida ou de várias vidas humanas. Vale destacar que é, justamente, o modo como um ser humano internaliza e se identifica com tais *acontecimentos* e como ele atua e o que produz a partir destes que forja os seus processos de subjetivação e sua dinâmica ao direcionar seus modos de conhecer e estar no mundo.

Junto do ultimo excerto nietzschiano trazido à baila o processo de implicação pode ser apreendido nas posturas do jardineiro em adotar um *estilo*, deixar a natureza agir e

⁴⁵ NIETZSCHE, 2016, pp. 247-8. #560.

⁴⁶ NIETZSCHE, F. Fragmento póstumo nº 5 [71] 3, Verão de 1886-Outono de 1887. Em: GIACOIA JUNIOR, O. *Friedrich Nietzsche: A “Grande Política” – fragmentos*. Clássicos da filosofia: Cadernos de tradução nº 3. Campinas: IFCH/UNICAMP – Setor de publicações, 2002, p. 57.

transformar o jardim numa selva ou deixar a natureza agir e apenas limpar e ornamentar alguns pontos. A questão do *gosto* vem novamente à baila. Entretanto, como já destacado noutra momento, o *gosto* para ser próprio (do jardineiro, do ser humano) tem de atravessar a moral e esvaziar-se ao máximo daquilo que nele é coletivo, gregário, ressentido e aferrado a dados conceitos e perspectivas. O caminho para si, para Si-Próprio, se (re)vela como uma aventura, uma caçada... Um “Eu” caçador de mim.

Por tanto amor, por tanta emoção a vida me fez assim: doce ou atroz, manso ou feroz; Eu, caçador de mim... Preso a canções, entregue a paixões que nunca tiveram fim vou me encontrar longe do meu lugar; Eu, caçador de mim... Nada a temer, senão o correr da luta. Nada a fazer, senão esquecer o medo. Abrir o peito à força numa procura; Fugir às armadilhas da mata escura... Longe se vai sonhando demais, Mas onde se chega assim? Vou descobrir o que me faz sentir! Eu, caçador de mim.⁴⁷

E qual é a fórmula para depurar o gosto? Ora, tal como indica a canção, (des)cobrir o que lhe faz sentir – o que faz alguém sentir de tal ou tal modo ou simplesmente não sentir nada. Saborear⁴⁸, saber, conhecer, (re)construir os processos com os quais alguém se tornou o que é, com o quê se identificou, com o quê se implicou e o quê deixou passar ao largo de sua vida. O problema é que, primeiro, difícil é percebermos e nos desalienarmos dos ardises sedutores da moral e, segundo, é necessário um turbilhão de coragem para nos enveredarmos e bendizermos em um exercício de *supressão da moral* que, por consequência, nos levará à nossa *autossupressão*.

Enquanto o gênio habita em nós, somos arrojados, como que loucos até, e não atentamos para a vida, saúde e honra; cruzamos o dia mais livres que uma águia, e temos mais segurança na escuridão que uma coruja. Mas repentinamente ele nos deixa, e da mesma forma súbita somos acometidos de profundo temor: já não compreendemos a nós mesmos, sofremos de tudo o que vivemos e do que não vivemos, achamo-nos como entre rochas nuas antes de uma tormenta, e, ao mesmo tempo, como pobres almas infantis que temem o ruído e uma sombra. – Três quartos de todo mal que se faz no mundo ocorre por temor: e este é, antes de tudo, um processo fisiológico⁴⁹.

Mas o que é possível fazer a fim de que não irrompa uma repentina alternância da soberania ou dinâmica expressiva dos afetos em nós? Cultivar-se: assimilar, domar as

⁴⁷ SÁ; MAGRÃO, S. Caçador de mim. Em: 14 Bis. Álbum: *14 Bis ao vivo*. Gravadora Sony BMG, 2007.

⁴⁸ Do latim vulgar *sapere*, ter sabor, ter bom paladar, sentir os cheiros, de onde migrou para designar o sábio; Donde do latim advém *sabidus* – aquele que percebe o mundo de modo organizado, usando os sentidos, a intuição. Cf. Dicionário etimológico. Obtido via internet em: www.dicionarioetimologico.com.br. Acesso em maio de 2017.

⁴⁹ NIETZSCHE, 2016, p. 233, #538.

paixões, os afetos. Afinal, na plasticidade dos afetos há também certa alternância de poderes entre eles. Sendo assim, cabe a cada ser humano fazer uma *procura implicativa* a respeito do afeto de maior poder em sua psicologia – naquilo que se singularmente se é; em Si-Próprio. No entanto, neste mesmo aforismo Nietzsche destaca que o principal afeto dominante nos atos e seres humanos é o *temor* e que três quartos dos males que acometem o mundo é fruto de tal afeto.

As tipologias humanas a partir das vicissitudes do medo

Se, como já exposto, para Nietzsche, não existe separação entre psique e corpo, quem sofre, justamente, da instabilidade dos afetos são os *malogrados fisiologicamente* que foram ensinados (literalmente) a sentir algo desprazeroso como aprazível (como virtude), visto que, “a moral ensinou, da maneira mais profunda, a odiar e a desprezar”⁵⁰ – e isso se tornou o principal *modus operandi* de sua *vontade de poder*. Sim! Que não paire dúvidas: também há vontade de poder naquele que obedece! Entretanto, a questão principal é que:

a moral protegeu do niilismo os *malogrados*, ao conferir a *todos* um valor infinito, um valor metafísico, e inseri-los numa ordenação que não está de acordo com aquela do poder e hierarquia mundana: ele ensinou a resignação, a humildade etc. *Suposto que perece a crença nessa moral*, então os fracassados não teriam mais seu consolo e *pereceriam*⁵¹.

De certo, nesse sentido, que uma crença protege e legitima os atos de dada tipologia humana. Assim foi com a moral cristã e tantos outros tipos de morais que deram sentido a determinadas condições de vida e processos de subjetivações humanos ao longo dos tempos. Entretanto, quando os *extremos artigos de fé* caem, irrompe gritando o desespero e eis que o *niilismo* com suas forças *reativas* surge como um sintoma “de que os fracassados não têm mais nenhum consolo: que eles destroem, para serem destruídos, que eles, desligados da moral, não têm mais motivo algum para ‘se resignar’”⁵².

E eu nem atino, mas, todos os dias, calmamente, assassino meu vizinho de cima. E, pela cidade, sem qualquer maldade, mato, tranquilamente, quem se me ponha na frente – através dos suores, humores e gestos e olhares (atitudes que a barra da vida põe em nossas mentes). E, assim, de repente, deixei de ser gente. Sou mais um bicho

⁵⁰ NIETZSCHE, F. Fragmento póstumo nº 5 [71], junho de 1887. Em: GIACOIA JUNIOR, 2002, p. 59, #9.

⁵¹ NIETZSCHE, F. Fragmento póstumo nº 5 [71], junho de 1887. Em: GIACOIA JUNIOR, 2002, p. 60. #10.

⁵² Idem, p. 61, #12.

na rua pra vencer qualquer batalha. Um novo Cristo se malha num poste, amarrado, pra lavar nossas dores desses dias tão pesados. Mais um pacifista se iguala a policia e ao ladrão, um pai de família: pacato cidadão que não nota que o filho só ouve e repete, simplesmente, palavra não.⁵³

“E, assim, de repente, deixei de ser gente. Sou mais um bicho na rua pra vencer qualquer batalha”⁵⁴, canta Gonzaguinha. Vale lembrar, como já destacado supra, o ser humano é o *animal não fixado* e, assim sendo, sua existência, seu modo de existir e se relacionar com outrem, depende de um exercício implicativo e, ao mesmo tempo, inventivo de si em tais relações. Mas essa não é uma tarefa fácil. Afinal, ao distanciar-se de sua *primeira natureza* o ser humano fica sem seus principais *guias* para cunhar a sua existência e encontrar legitimidade do seu pensar e agir.

Como se deve agir? Para que se deve agir? – Nas necessidades mais imediatas e mais grosseiras do indivíduo, essas questões são facilmente respondidas, mas quanto mais sutis, vastas e relevantes as esferas de ações que penetramos, tanto mais insegura, e portanto mais arbitrária, será a resposta. Mas justamente aqui o arbitrário deve ser excluído das decisões! – é o que exige a autoridade moral: um confuso temor e veneração deve, sem demora, guiar o homem justamente nas ações cujos fins e meios não lhe são *imediatamente* claros! Essa autoridade da moral impede o pensamento em coisas nas quais poderia ser perigoso pensar de maneira errada –: assim costuma ela justificar-se diante de seus acusadores. “Errada” significa aqui “perigosa” – mas perigos para quem? Geralmente não é o perigo daquele que age que os detentores da autoridade moral têm em mente, mas *o seu* perigo, sua possível perda de poder e influência, tão logo seja concedido a todos o direito de agir arbitrária e totalmente, segundo a própria razão, seja grande ou pequena: pois para si mesmos não hesitam em utilizar o direito à arbitrariedade e à tolice – eles *ordenam*, também quando as perguntas “Como devo agir? Para que devo agir?” mal e dificilmente podem ser respondidas.⁵⁵

Como já apontado as morais cumprem um papel fundamental na vida dos homens a fim de que não sucumbam ante o *nonsense* da Vida ou a sua condição fundamental de desamparo (*Hilflosigkeit*). No entanto, o preço cobrado pela inquestionável assimilação das práticas e prédicas de tais morais é relativamente alto, pois, se por um lado exigem posturas existenciais diferentes, sobretudo mais fracas, que as daqueles mais poderosos nos domínios aristocráticos desta Terra, por outro, nenhuma delas conseguem tamponar de modo pleno o *desamparo* e nem dar cabo do *Real* – daquilo que escapa ao cálculo, previsão e controle do caos – que atravessa, mais hora menos hora, todo tipo de crença.

⁵³ GONZAGA JÚNIOR, L. Pacato cidadão. Em: Gonzaguinha. Álbum: *Coisa mais maior de grande – pessoa*. Gravadora: EMI, 1991.

⁵⁴ Idem.

⁵⁵ NIETZSCHE, 2016, p. 72.

Mas por que a moral tornou-se um problema? Eis o problema! Ela quase nunca é percebida como um problema. Por quê? Porque a moral *encanta*, seduz, persuade, coage e induz. “Desde sempre, desde que se usa palavra e persuasão nesta terra, a moral revelou-se a grande mestra da sedução”⁵⁶, afirma Nietzsche e continua (no aforismo 3 do prólogo para *Aurora* escrito em 1886):

Até agora, foi sobre o bem e o mal que se refletiu da pior maneira: sempre foi um tema demasiado perigoso. A consciência, a boa reputação, o inferno, às vezes até a polícia não permitiam e não permitem a imparcialidade; na presença da moral, como diante de toda autoridade, não se *deve* pensar, menos ainda falar: aí – *se obedece!* Desde que o mundo é mundo, autoridade nenhuma se dispôs a ser alvo de crítica; e criticar a moral, toma-la como problema, como problemática: o quê? Isso não era – não é – imoral? Mas a moral não dispõe somente de toda espécie de meios de apavoramento para conservar longe de si as mãos críticas e os instrumentos de tortura: sua segurança repousa mais ainda em certa arte do encanto, na qual é entendida – ela sabe “entusiasmar”. Frequentemente consegue paralisar a vontade crítica com um único olhar e até atraí-la para o seu lado, havendo ocasiões em que sabe fazê-la voltar-se contra si mesma: de modo que, tal como o escorpião, ela crava o ferrão no próprio corpo⁵⁷.

Percebe-se que no centro do fragmento trazido acima há um questionamento no qual Nietzsche interpela os preceitos, condutas e instrumentos morais, justamente, a partir da característica *imoral* de todos eles. Afinal, ali não é permitido pensar. Apenas obedecer; subtrair-se de si. Qual a vantagem de tal obediência para o sujeito? A conservação de si e/ou de sua “boa reputação” é uma delas, posto que na primeira parte do aforismo aparece a via repressora da moral, seus “meios de apavoramento” para fazer perigoso afastar-se dela ou mesmo criticá-la. Essa forma de submissão paralisa um princípio cabal (que perfaz uma das principais apreciações de Nietzsche na obra “Genealogia da Moral”): sem a crítica não há como perquirir acerca da gênese do valor e, em consequência, sem esta não se faz possível criticar o valor da gênese. A legitimidade da moral, a legitimidade do valor que constrange, está resguardada em uma “autoridade superior”.

Em relação ao modo de vida de milênios inteiros da humanidade, nós, homens de hoje, vivemos numa época muito pouco moral: o poder do costume está espantosamente enfraquecido, e o sentimento de moralidade, tão refinado e posto nas alturas, que podemos dizer que se volatilizou. Por isso vêm a ser difíceis para nós, que nascemos tardiamente, as percepções fundamentais sobre a gênese da moral; se apesar disso as alcançamos, elas nos ficam presas à garganta e não querem sair: porque soam grosseiras! Ou porque parecem caluniar a moralidade! Assim, por exemplo, este *axioma*: a moralidade não é outra coisa (e, portanto, *não mais!*) do que obediência a costumes, não importa quais sejam; mas costumes são a maneira

⁵⁶ NIETZSCHE, 2016, p. 10. Prólogo 3.

⁵⁷ *Ibidem*.

tradicional de agir e avaliar. (...) O que é a tradição? Uma autoridade superior, a que se obedece não porque ordena o que nos é útil, mas porque *ordena*⁵⁸.

Atribui-se um resvalo na obra *Confissões* de Agostinho de Hipona (354 – 430) o seguinte diálogo: “O que fazia Deus antes de criar este mundo?”, pergunta alguém que, de pronto, recebe a ferrenha resposta: “Preparava o Inferno para quem faz perguntas como esta”. Resta claro que a moral exige obediência, resignação e submissão incondicionais. Haveríamos de supor, então, devido a tal imoralidade, que irrompessem cotidianamente contra ela alguns modos de insurgência. Entretanto, isso não ocorre. O motivo, tal como já disposto, é que a moral é mestre indelével nos artifícios da sedução. Ela sabe *entusiasmar* e nisso desenvolve seus ardises de cooptação da *vontade* humana a ponto de, além de usá-la a favor de seus interesses, fazer com que a mesma seja paralisada e até mesmo voltada contra o próprio ser humano – a ponto deste matar seu semelhante e se sacrificar por ela, ou seja, desejar e suportar tudo aquilo que é da ordem da penúria, da dor, do sofrimento, da vida doente e malograda como o principal valor ou o tipo de condição humana a ser venerada.

Mas eis que resta a dúvida: “*como se torna agradável algo desagradável?*”⁵⁹. Para Nietzsche a moral empreende uma *economia da virtude* na qual o ser humano é seduzido a inventar-se como engrenagem de uma máquina e almejar, por consequência, fazer parte dela, de tal maquinalismo, de ter e ser as suas virtudes – sentindo-se bem, gratificado e amparado em tal condição. *Nota bene*: o movimento de sedução da moral, para além de prover uma narcose do pensamento e rarefazer as impossibilidades e vontades da crítica, torna-se carne! Ou seja, é incorporada e é ela quem dá sentido (e forma) àquilo que nasceu e foi nominado como ser humano.

A tarefa consiste em fazer o homem tanto quanto possível e, na medida em que isso de algum modo importa, aproximá-lo de uma máquina infalível: para essa finalidade, ele tem que ser equipado com *virtudes de máquina* (- ele tem que aprender a sentir os estados nos quais ele trabalha de maneira maquinalmente utilizável como os de supremo valor: para tanto é necessário que os *outros* [estados OGJ.] sejam tornados tanto quanto possível penosos para ele, tanto quanto possível perigosos e suspeitos..). Aqui está a primeira pedra de tropeço, o *tédio*, a *uniformidade*, que traz consigo toda atividade maquinal. Aprender a suportar *isso* [uniformidade e tédio, OGJ.] e não somente suportar, mas aprender a ver o tédio envolto por um estímulo superior: essa foi até agora a tarefa de todo sistema de ensino superior. Aprender algo que não nos interessa, reconhecer justamente aí seu “dever”, nessa atividade “objetiva”; aprender a avaliar separados um do outro o

⁵⁸ Idem, pp. 16-7.

⁵⁹ NIETZSCHE, F. Fragmento póstumo nº 10 [10], outono de 1887. Em: GIACOIA JUNIOR, 2002, p. 41.

prazer e o dever – essa é a inestimável tarefa e realização do sistema de ensino superior⁶⁰.

A formação, o sistema de ensino superior (*Höheren Schulwesens*) ensina *o superior*, a autoridade superior, a virtude, a perspectiva (por ela tida como a melhor perspectiva) para apreender o mundo e empreender um sentido ao mundo. Ver, sentir e tomar as coisas (afetos e estados) como apartados de uma totalidade é o principal *caminho* para tanto. Nesse sentido, a moral aparta aquilo que, enquanto *vontade de poder*, é único segundo seus interesses e faz destes seus interesses *o sentido*, a unidade unificadora dos estados e afetos que apartou – “como prova de força, poder, autossuperação, (...) senso comum, senso para o próximo, senso de patriotismo, para nossa ‘humanização’, ‘altruísmo’, ‘heroísmo’”⁶¹. É assim que o mundo se torna conhecido para alguém: através da seleção e incorporação de determinados estados e afetos.

O legislador (ou o instinto da sociedade) seleciona um número de estados e afetos, com cuja atividade fica garantido um rendimento regular (um maquinismo, como consequência das necessidades regulares daqueles afetos e estados). Suposto que esses estados e afetos suscitem ingredientes penosos, então há que ser inventado um meio de superar esse penoso por meio de uma representação de valor, fazer sentir o desprazer como valoroso, portanto como prazeroso em sentido mais elevado⁶².

É possível pressupor que o movimento de transformação (afetação) de um estado de desprazer em virtude sirva de anteparo para o cultivo (velado ou não) de uma crença: a tradição deve prevalecer a todo custo. De tal pressuposição nota-se a possibilidade de inferirmos a respeito de que o afeto principal que mobiliza a moral e, particularmente nesta tese, os processos de subjetivação, seja o medo. Mas, não um medo “natural”, por exemplo, o medo da morte advindo de instintos/impulsos de autoconservação, e, sim, o medo de perder a própria tradição vigente. Tal inferência pode ser articulada a mais um trecho do aforismo 9 de Aurora em que, justamente, Nietzsche questiona e aponta a diferença entre uma veneração ou árduo respeito a um *sentimento ante a tradição* e o *sentimento geral de medo*. A diferença seria a fundamentação do medo moral em uma superstição.

Wodurch unterscheidet sich diess Gefühl vor dem Herkommen von dem Gefühl der Furcht überhaupt? Es ist die Furcht vor einem höheren Intellect, der da befiehlt, vor

⁶⁰ NIETZSCHE, F. Fragmento póstumo nº 10 [11], outono de 1887. Em: GIACOIA JUNIOR, 2002, pp. 41-2.

⁶¹ NIETZSCHE, F. Fragmento póstumo nº 10 [10], outono de 1887. Em: GIACOIA JUNIOR, 2002, p. 41.

⁶² NIETZSCHE, F. Fragmento póstumo nº 10 [10], outono de 1887. Em: GIACOIA JUNIOR, 2002, pp. 40-1.

einer unbegreiflichen unbestimmten Macht, vor etwas mehr als Persönlichem, — es ist Aberglaube in dieser Furcht⁶³.

Ao levarmos em conta aqui a fábula freudiana do início de uma civilização (o *passo cultural decisivo* em que alguns seres humanos de pouca força se unem para vencer outro mais forte que eles) temos que o suposto *estado* de bem-estar aferido com tal ato torna-se o seu direito fundamental. Desde então se tem como sentimento de *justiça* manter tal direito a todo custo no sentido de que a moral vigente não possa ser violada em prol dos prazeres e vontades de nenhum indivíduo. Eis, então, que a moral elege o seu *afeto* mais potente: o medo. A partir daí a civilização e sua maquinaria (o Estado, a polícia, as religiões e as instituições de saúde e ensino) são tidos como a principal condição de coisas a serem mantidas a fim de que o medo daquilo que é estranho e inquietante, seja aplacado – mesmo que o custo disso seja a experiência de uma vida rebaixada, posto que os demais afetos, tais como ódio, raiva e agressividade, tenham de ser reprimidos e, como já apontado, voltados contra o próprio indivíduo.

Para Freud a civilização ou, mais especificamente, a cultura é de grande importância para o estabelecimento de vínculos entre os seres humanos, posto que seja ela quem medeie as relações interpessoais e busque mantê-las criando afinidades e interesses para além de um inimigo comum situacional⁶⁴. Diz ele que:

Não havendo essa tentativa, tais relações estariam sujeitas à arbitrariedade do indivíduo, isto é, aquele fisicamente mais forte as determinaria conforme seus interesses e instintos. Nada mudaria, caso esse mais forte encontrasse alguém ainda mais forte. A vida humana se torna possível apenas quando há uma maioria que é mais forte que qualquer indivíduo e se conserva diante de qualquer indivíduo. Então o poder dessa comunidade se estabelece como “Direito”, em oposição ao poder do indivíduo, condenado como “força bruta”. (...) O curso posterior da evolução cultural tende a tornar esse direito não mais a expressão da vontade de uma pequena

⁶³ NIETZSCHE, F. *Morgenröthe: Gedanken über die moralischen Vorurtheile*. Aforismo 9, Livro I. Obtido via internet em: <http://www.nietzschesource.org/#eKGWB/M-9>. Optou-se aqui pelo texto a fim de melhor destacar a diferença entre os sentimentos (*Gefühl*) de medo. Na tradução brasileira adotada lê-se: “O que distingue esse sentimento ante a tradição do sentimento de medo? Ele é o medo ante um intelecto superior que manda, ante um poder incompreensível poder indeterminado, ante algo mais do que pessoal – há *superstição* nesse medo”.

⁶⁴ Já a partir de um recorte histórico feito junto de teorias contratualistas, é possível destacar pontos em que em seu “estado de natureza”, ou seja, fora da civilização e/ou de uma instância que medeie suas relações, os seres humanos são destacadamente indóceis e belicosos o que redundava na condição de “todos contra todos”. Nesse sentido, para Thomas Hobbes (1588 – 1679) “o homem é o lobo do homem” e para John Lock (1632 – 1704) os interesses humanos são parciais e se origina desses a necessidade de uma instância imparcial entre eles – o Estado. Já para outro contratualista, Jean-Jacques Rousseau (1712 – 1778), o elemento cultural não é aquilo que abrandava e melhora o ser humano, mas, sim, o corrompe de modo tal que “os homens nascem naturalmente bons, mas sociedade os corrompe”.

comunidade – casta, camada da população, tribo –, que novamente age como um indivíduo violento face a outros grupos talvez mais numerosos desse tipo⁶⁵.

Ponto importante destacado na citação supra é o de que o traço da “força bruta” que caracteriza os interesses e instintos individuais tende, mesmo no seio de uma (forçosa) evolução cultural, a se tornar violento também enquanto grupo. Vê-se, então, naufragar de pronto, desde o início da civilização, a expectativa de que quanto mais cultura há na vida humana, menos mal-estar, menos conflito, menos insegurança essa experimenta. Sendo assim, pode-se inferir que o medo da aniquilação, ainda mais exacerbado no ser humano a partir do suposto estado de “todos contra todos”, é perpetuado de modo a delinear os valores e práticas morais que possibilitem a identificação e a posterior evitação de ameaças.

A palavra medo deriva do latim *metus* e é utilizada para expressar afetações como ansiedade, insegurança e temor. Nesse sentido o medo da aniquilação pode ser tido como uma perspectiva para firmar relações, criar grupos e morais. É por este veio que Nietzsche traz à baila um tipo de moral nomeada por como “moral de escravo”: a moral dos fracos. No parágrafo 13 da Primeira dissertação da *Genealogia da moral* o pensador alemão destaca esse tipo de moral (e o seu contraponto) a partir de uma alegoria entre ovelhas e aves de rapina na qual as ovelhas dizem olhando para o céu dizendo umas às outras: “essas aves de rapina são más; e quem for o menos possível ave de rapina, e sim o seu oposto, ovelha – este não deveria ser bom?”⁶⁶. E nesse mesmo momento as aves de rapina que sobrevoam o rebanho com zombaria comentam entre si: “nós nada temos contra essas boas ovelhas, pelo contrário, nós as amamos: nada mais delicioso do que uma tenra ovelhinha”⁶⁷.

É justo destacar que o termo moral, grosso modo, não é tomado aqui por Nietzsche como um conjunto de normas e regras, mas, sim, como uma perspectiva avaliativa. Assim tem-se que a *moral da ave de rapina* (dos nobres, dos senhores, dos fortes, dos **heróis**) é constituída a partir do critério *bom*, que atribui a ela mesma e, somente muito depois, com desdém, cria o seu contraste – *o ruim* – e o atribui àqueles que não conferem condições de um bom combate, àqueles que são incapazes de lutar, que não têm condições de ser *um honrado inimigo*. Por outro lado, a *moral das ovelhas* ou do *rebanho* (dos ressentidos, dos escravos,

⁶⁵ FREUD, S. O mal-estar da civilização. Em: *Obras completas*, v. 18 – 1930-1936. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das letras, 2010, pp. 56-7.

⁶⁶ NIETZSCHE, F. *Genealogia da moral: uma polêmica*. Tradução, notas e posfácio: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia de Bolso, 2009c, p. 32. Primeira dissertação. #13

⁶⁷ Ibidem.

dos fracos, do homem comum, do *último homem*) constitui-se a partir da criação do critério *mau*, que atribui aos fortes e, em contrapartida, adota para si o critério de *bom*. É junto de sua incapacidade de admirar o forte que o rebanho, o espírito malogrado e ressentido, julga e condena o forte, justamente, por este ser forte.

“Exigir da força que *não* se expresse como força, que *não* seja um querer-dominar, um querer-vencer, um querer-subjugar, uma sede de inimigos, resistências e triunfos, é tão absurdo quanto exigir da fraqueza que se expresse como força”.⁶⁸ No entanto, este é o movimento dos malogrados, dos ressentidos em relação aos fortes, aos artistas, às exceções. Eles se unem e constroem uma maquinaria de imputação e condenação que, para além, é claro, da já tradicional exacerbação dos medos e perigos da vida, buscam ressecar os mais vitais e potentes impulsos do forte inculcado nele, constante e ferrenhamente em seu processo de subjetivação, o *sentimento de culpa* que, para Freud, possui duas fontes:

Uma que surge do medo de uma autoridade, e outra, posterior, que surge do medo do superego. A primeira insiste em uma renúncia às satisfações pulsionais; a segunda, ao mesmo tempo em que faz isso, exige punição, porque a persistência dos desejos recalcados não pode ser escondida do superego.⁶⁹

O *sentimento de culpa* é o mal-estar⁷⁰ da civilização. Lembrando que a civilização é a *segunda natureza* do ser humano ou a sua *antinatureza par excellence*. Afinal, o animal falante não nasce civilizado – ele tem que aprender a sê-lo. E para isso existe todo um aparato institucionalizado para *formá-lo*. “Creio que jamais houve na terra um tal sentimento de desgraça, um mal-estar tão plúmbeo”⁷¹, pois a *formação* da civilização e do “cidadão civilizado” fez com que “todos aqueles instintos do homem selvagem, livre e errante se voltassem para trás, *contra o homem*”.⁷² Surge, então, o animal doente, com sua “má consciência”, resultante dos processos (de)formativos, “que se fere nas barras da própria jaula, este ser carente, consumido pela nostalgia do ermo, que **a si mesmo teve de converter em aventura**, câmara de tortura, insegura e perigosa mata”.⁷³

⁶⁸ Idem, p. 32-3.

⁶⁹ FREUD, 2010, p. 151.

⁷⁰ *Nota bene*: o mal-estar (*Unbehagen*) na civilização não é equivalente à condição de desamparo (*Hilflosigkeit*) do animal humano.

⁷¹ NIETZSCHE, 2009c, p. 67.

⁷² Idem, pp. 67-8.

⁷³ Idem, p. 68. (grifos nossos). A aventura do “Caçador de mim” fugindo às armadilhas da mata escura.

Vejo a má consciência como a profunda doença que o homem teve de contrair sob a pressão da mais radical das mudanças que viveu – a mudança que sobreveio quando ele se viu definitivamente encerrado no âmbito da sociedade e da paz. (...) Subitamente seus instintos ficaram sem valor e “suspensos”. (...) Estavam reduzidos, os infelizes, a pensar, inferir, calcular, combinar causas e efeitos, reduzidos à sua “consciência”, ao seu órgão mais frágil e mais falível.⁷⁴

Dos apontamentos de Freud e Nietzsche podemos perceber que a *formação* civilizatória é um dos motivos do enfraquecimento dos modos de efetivação da Vida ao adoecer o ser humano a partir da imposição dos seus valores e perspectivas. São os *ideais* que conformam sua decadência. Não se trata de sua condição de desamparo, mas, justamente, os ideais: suas prerrogativas de prédicas e práticas. O homem é o animal que perdeu os instintos e começa a “preferir” aquilo que lhe é desvantajoso, pois outros seres humanos, ao imporem a supremacia de seus valores e crenças, fazem surgir processos de subjetivação moldados pelo medo e o sentimento de culpa: pelo medo da morte e a culpa por não conseguir (na grande maioria dos casos) agir conforme a lei, os costumes, a tradição etc., pois, dentre outros motivos, “os velhos instintos não cessaram repentinamente de fazer suas exigências”.⁷⁵

Eis a *má consciência*: “a maior e mais sinistra doença, da qual até hoje não se curou a humanidade, o sofrimento do homem *com o homem, consigo*: como resultado de uma violenta separação do seu passado animal”.⁷⁶ Que nos seja fácil perceber que há nela uma via de enfraquecimento das forças humanas através da captura ou cerceamento de impulsos historicamente mais fortes que os atuais valores e perspectivas morais, há que ser notado que este processo também gera um prazer no sofrer e no fazer sofrer – tanto a si, como o outro. Há no transcorrer dos tempos uma paulatina “espiritualização e ‘divinização’ da crueldade”⁷⁷ ao serem coadunadas no ser humano a *culpa* (que manifesta-se como uma **dívida** – *Schuld* – ancestral e com os ancestrais) e o *sofrimento*⁷⁸.

Pergunta-se mais uma vez: em que medida pode o sofrimento ser compensação para a “dívida”? Na medida em que *fazer* sofrer era altamente gratificante, na medida em que o prejudicado trocava o dano, e o desprazer pelo dano, por um extraordinário contraprazer: *causar* o sofrer – uma verdadeira *feita*, algo, como disse, que era tanto

⁷⁴ Idem, p. 67.

⁷⁵ Ibidem.

⁷⁶ Idem, p. 68.

⁷⁷ Idem, p. 51.

⁷⁸ Há que ser destacado que aquilo que se experimenta a como sofrimento pode ter sentidos diferentes conforme a perspectiva daquele que sofre. Tal como será visto com mais vagar no capítulo seguinte, o sofrimento pode ser um se vivenciado por aqueles que assimilam a *abundância* da Vida e outro se sofrido na psicofisiologia daqueles que atuam a partir de um *enfraquecimento* da Vida.

mais valioso quanto mais contradizia o posto e a posição social do credor. Isso eu ofereço como uma suposição: pois é difícil sondar o fundo dessas coisas subterrâneas, além de ser doloroso; e quem aqui introduzir toscamente o conceito de “vingança”, obscurece e cobre a visão, em vez de facilitá-la (– pois a vingança leva precisamente ao mesmo problema: “como pode fazer-sofrer ser uma satisfação?”). Parece-me que repugna à delicadeza, mais ainda à tartufice dos mansos animais domésticos (isto é, os homens modernos, isto é, nós) imaginar com todo o vigor até que ponto a *crueldade* constituía o grande prazer festivo da humanidade antiga, como era um ingrediente de quase todas as suas alegrias.⁷⁹

Pode-se inferir que desta perspectiva o ser humano começou a desenvolver-se como *o animal mais imaginativo* (que imagina em demasia) a fim de suportar e dar sentido a toda experiência de sofrimento – dentre elas o adiar de sua satisfação/felicidade. Os deuses (e um deus que tudo sabe e tudo vê) são o resultado dessa fértil imaginação que precisava ser testemunhada, que precisava de divinos expectadores: “os deuses como amigos de espetáculos *cruéis*”⁸⁰. São eles os convidados de honra de uma festa milenar. Afinal, tal como aponta Nietzsche, “sem crueldade não há festa: é o que ensina a mais antiga e mais longa história do homem – e no castigo também há muito de festivo”.⁸¹

Desse modo, se os processos de subjetivação humanos ocorrem através de uma questão econômica de forças, de impulsos e dos destinos destes impulsos, o prazer em sofrer e fazer sofrer o outro determina não apenas os modos de organização dos coletivos (civilizações) deste animal (pois o sofrimento passa a ter um sentido), mas, propriamente, altera a sua psicofisiologia – aquilo (ou aquele modo de satisfação) que para ele se faz *necessário*. Para Nietzsche, a *dívida* com os antepassados, sobretudo com a primeira horda, tem mobilizado as relações humanas de modo que os antepassados tornaram-se a causa do seu sofrimento: por *medo* deles fez-se necessário render-lhes graças e por eles sofrer e fazer sofrer.

Segundo esse tipo de lógica, o *medo* do ancestral e de seu poder, a consciência de ter dívidas para com ele, cresce necessariamente na exata medida que cresce o poder da estirpe, na medida em que ela mesma se torna mais vitoriosa, independente, venerada e temida. Não ao contrário! E todo passo para o debilitamento da estirpe, todo acaso infeliz, todos os indícios de degeneração, de desagregação iminente, *diminuem* o medo do espírito de seu fundador, oferecendo uma imagem cada vez mais pobre de sua sagacidade, de sua providência e da presença do seu poder. Imaginemos essa crua espécie de lógica conduzida até o fim: os ancestrais das estirpes *mais poderosas* deverão afinal, por força da fantasia do temor crescente, assumir proporções gigantescas e desaparecerem na treva de uma dimensão divina

⁷⁹ Idem, pp. 50-1.

⁸⁰ Idem, p. 53.

⁸¹ Ibidem.

inquietante e inconcebível – o ancestral termina necessariamente transfigurado em deus. Talvez esteja nisso a origem dos deuses, uma origem no *medo*, portanto!⁸²

Nietzsche supõe que as *fantasias de temor crescente* transformam, em meio ao triunfo de dada estirpe humana, ancestrais em deuses. Daqui, talvez, um dos grandes engodos ou aporias da criação desse tipo de *necessidade* é que se “tudo der certo” para a comunidade ou para a vida de um aldeão foi porque a força dos antepassados agiram, mas “se tudo der errado”, a culpa é da comunidade ou do aldeão que não prestou ou prestaram o necessário culto às divindades e/ou não saldaram de maneira satisfatória a dívida para com eles. Em tal condição a possibilidade da *conquista da liberdade* diante dos costumes engendrados pelo medo, para criar e cuidar de si de modo salutar, fica cada vez mais comprometida.

E há sempre nesses contextos, por mais que esta “suposição” nietzschiana possa parecer absurda e impalpável, o surgimento dos “sacerdotes ascéticos” que, na contemporaneidade aparecem na figura dos *formadores* de opinião, dos professores, dos políticos, dos *coaches*, dos padres e pastores, enfim, nos defensores da moral e dos bons costumes, e tratam de direcionar, de voltar o mal-estar de viver na civilização, justamente, para o ser humano, para o indivíduo. Ou seja, o culpado pela própria desgraça é o próprio indivíduo. Desse modo, uma vez mais, o *costume* está salvo.

Querendo-se resumir numa breve fórmula o valor da existência sacerdotal, pode-se dizer simplesmente: o sacerdote é aquele que *muda a direção* do ressentimento. Pois todo sofredor busca instintivamente uma causa para seu sofrimento; mais precisamente, um agente; ainda mais especificamente, um agente *culpado* suscetível de sofrimento – em suma, algo vivo, no qual possa sob algum pretexto descarregar seus afetos, em ato ou *in effigie* [simbolicamente]; pois a descarga de afeto é para o sofredor a maior tentativa de alívio, de *entorpecimento*, seu involuntariamente ansiado narcótico para tormentos de qualquer espécie. Unicamente nisto, segundo minha suposição, se há de encontrar a verdadeira causação fisiológica do ressentimento, da vingança e quejandos, ou seja, em um desejo de *entorpecimento da dor através do afeto*. (...) “Eu sofro: disso alguém deve ser culpado” – assim pensa toda ovelha doente. Mas seu pastor, o sacerdote ascético, lhe diz: “Isso mesmo, minha ovelha! Alguém deve ser culpado: mas você mesma é esse alguém – *somente você é culpada de si!*...”. Isto é ousado bastante, falso bastante: mas com isso se alcança uma coisa ao menos, com isto, como disse, a direção do ressentimento é – *mudada*.⁸³

A culpabilização é um dos principais meios para domesticar e tornar inofensiva a besta humana. A questão é que a imputabilidade só pode ser pensada e realizada fora do contexto da

⁸² Idem, p. 72.

⁸³ Idem, pp. 108-9.

Vida – entendida como *vontade de poder*. Afinal, culpabilizar a si ou ao outro só é possível se “o Todo da Vida”, se o jogo de contradições eternas da Vida for culpabilizado. Mas, entretanto, como essa leitura ou compreensão da Vida ainda se faz muito restrita e o ser humano teme a própria morte, o que se vê é cada vez mais a propagação do medo e como resultante vê-se o constante aparecimento de tipologias humanas ressentidas, empobrecidas e narcotizadas pelo sofrimento (vivenciado e praticado contra outro).

Uma experiência (de)formativa

Há que se destacar que a *formação*, a *segunda natureza* humana, não é de todo ruim. Não há que ser feito aqui um maniqueísmo. “A má consciência é uma doença, quanto a isso não há dúvida, mas uma doença tal como a gravidez é uma doença”.⁸⁴ Ela tem sua funcionalidade naquilo que é gregário e, portanto, busca favorecer o coletivo ao invés do indivíduo. Este último só poderá ser favorecido de modo salutar ao se emancipar dos costumes, ou seja, depois de tê-los assimilado, passado por sua (de)formação, e, ter superado essa tal *má consciência*, a voz do rebanho que ainda insiste em ressoar no corpo, advinda da quebra com os imperativos e prazeres desse coletivo ao subverter (inverter, virar) ou destruir em si e/ou em alguns pequenos pontos da civilização *os antigos* e seus sagrados valores – podendo assim criar e estabelecer seus próprios valores. É de tal salutar emancipação, desse exercício de si no pensamento, que o *processo educativo* vai surgindo, se adensando e tomando forma de outra psicofisiologia (filosofia). Afinal,

o que é filosofar hoje em dia – quero dizer, a atividade filosófica – senão o trabalho crítico do pensamento sobre o próprio pensamento? Se não consistir em tentar saber de que maneira e até onde seria possível pensar diferentemente em vez de legitimar o que já se sabe? Existe sempre algo de irrisório no discurso filosófico quando ele quer, do exterior, fazer a lei para os outros, dizer-lhes onde está a sua verdade e de que maneira encontrá-la, ou quando pretende demonstrar-se por positividade ingênua; mas é seu direito explorar o que pode ser mudado, no seu próprio pensamento, através do exercício de um saber que lhe é estranho. O ‘ensaio’ – que é necessário entender como a experiência modificadora de si no jogo da verdade, e não como apropriação simplificadora de outrem para fins de comunicação – é o corpo vivo da filosofia, se, pelo menos, ela for ainda hoje o que era outrora, ou seja, uma ‘ascese’, um exercício de si, no pensamento⁸⁵.

⁸⁴ Idem, p. 71.

⁸⁵ FOUCAULT, M. *História da sexualidade 2 – o uso dos prazeres*. 8ª Ed. Tradução: Maria Thereza da Costa Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1998, p. 11.

Esse movimento filosófico/psicofisiológico que revela um exercício ascético exige, para além da coragem, uma *espera criança*, uma força assimilativa e criadora (*schöpferischen Kraft*) a fim de não tomar a razão como o último recurso salvífico para uma vida que, talvez, tenha tentado aperfeiçoar valores já consagrados em dado costume, mas que por ela foram julgados peremptos. Esse recurso ainda é uma artimanha decadente, pois atua no sentido de uma salvaguarda que pontua: *minha vida, meu viver não foi em vão*. O *necessário* para este tipo de vida se restringe à manutenção ou embelezamento racional dos recortes da moralidade ou da *segunda natureza*. Sua guerra é travada nas sendas de bem e mal, contra tudo e todos que escapam de tal lógica e, claro, contra aquilo que é proveniente de uma salutar assimilação dos desígnios da *primeira natureza*.

Há, então, como já destacado supra, veneração pela autoridade, pelo respeito e obediência aos costumes que são transmitidos de geração em geração, como um sentimento pelo costume (*Das Gefühl für die Sitte*) ou como uma eticidade do costume (*Sittlichkeit der Sitte*) e a desconsideração do “resto”, daquilo que é tido como imoral, desgraçado e desgarrado do costume; inimigo. De tal contexto podem surgir as tipologias humanas conhecidas como fanáticos, radicais, extremistas etc.; aqueles que ainda desprezam o outro e Si-Próprio, pois ainda não se libertaram do ranço de algo prezar.

Quando há **necessidade** de fazer da *razão* um tirano, como fez Sócrates, não deve ser pequeno o perigo de que uma outra coisa se faça de tirano. A racionalidade foi então percebida como *salvadora*, nem Sócrates nem seus “doentes” estavam livres para serem ou não racionais — isso era *de rigueur* [obrigatório], era seu *último* recurso. O fanatismo com que toda a reflexão grega se lança à racionalidade mostra uma situação de emergência: estavam em perigo, tinham uma única escolha: sucumbir ou — ser *absurdamente racionais*... O moralismo dos filósofos gregos a partir de Platão é determinado patologicamente; assim também a sua estima da dialética. Razão = virtude = felicidade significa tão-só: é preciso imitar Sócrates e instaurar permanentemente, contra os desejos obscuros, uma *luz diurna* — a luz diurna da razão. É preciso ser prudente, claro, límpido a qualquer preço: toda concessão aos instintos, ao inconsciente, leva *para baixo*...⁸⁶.

Para Nietzsche, Sócrates e seus (doentes) discípulos não eram livres, pois a liberdade só vem após a travessia dos sentimentos morais que lhe traz o direito de ser livre, pois “o homem livre é não moral, porque em tudo quer depender de si, não de uma tradição”⁸⁷. Justamente o respeito à tradição exige uma obediência, um modo de avaliar e agir, inelutável,

⁸⁶ NIETZSCHE, F. *Crepúsculo dos ídolos ou como se filosofa com o martelo*. 4ª reimpressão. Tradução, notas e posfácio de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010, pp.21-2. O problema de Sócrates. #10. (grifos nossos)

⁸⁷ NIETZSCHE, 2016, p. 17. #9.

pois ela, a tradição, é “uma autoridade superior, a que se obedece não porque ordena o que nos é útil, mas porque ordena”⁸⁸. É por este veio de obediência incontestável que os homens se fazem doentes, já que têm de combater em si a fonte de suas forças, ou seja, o corpo, as paixões, aquilo que neles é instintivo e inconsciente.

Em meio aos doentes, os sacerdotes da tirânica razão, do triunfo da razão a qualquer custo, atuam na civilização, como bons atores que são, como salvação e remédio para as aflições a partir da equação: a razão é necessária para sufocar os instintos, a grande razão do corpo. É nesse movimento que alguém se torna virtuosa e conseqüentemente feliz. Eis o erro socrático e da tradição ferrenhamente racionalista.

Indiquei como Sócrates fascinava: ele parecia ser um médico, um salvador. É necessário também apontar o erro que havia em sua crença na “racionalidade a qualquer preço”? — Os filósofos e moralistas enganam a si mesmos, crendo sair da *décadence* ao fazer-lhe guerra. Sair dela está fora de suas forças: o que elegem como meio, como salvação, é apenas mais uma expressão da *décadence* — eles *mudam* sua expressão, mas não a eliminam. Sócrates foi um mal-entendido: *toda a moral do aperfeiçoamento, também a cristã, foi um mal-entendido...* A mais crua luz do dia, a racionalidade a todo custo, a vida clara, fria, cautelosa, consciente, sem instinto, em resistência aos instintos, foi ela mesma apenas uma doença, uma outra doença — e de modo algum um caminho de volta à “virtude”, à “saúde”, à felicidade... Ter de combater os instintos — eis a fórmula da *décadence*: enquanto a vida *ascende*, felicidade é igual a instinto⁸⁹.

É impossível superar a decadência dos juízos morais a partir desses mesmos valores. Seria e tem sido na maior parte da história da humanidade apenas a substituição de uma doença por outra ou, minimamente, um movimento de alternância entre tábuas de valores. Afinal, a “confiança na razão, com que se sustenta ou cai a validade desses juízos, é, sendo confiança, um fenômeno moral”⁹⁰. Fenômeno que produz apenas cervizes (metas, ideais) ao animal humano. E, tal como aponta Zaratustra, “mil metas houve até agora, pois mil povos existiram”⁹¹. E tantas mais existirão quanto mais povos existirem, pois este é o esquema lógico das dinâmicas (re)produtivas e criativas nas quais reinam “o bem e o mal” de cada povo. A exuberância, a vitalidade da totalidade da Vida é sempre mutilada. “A moral *antinatural*, ou seja, quase toda moral até hoje ensinada, venerada e pregada, volta-se, (...)

⁸⁸ Ibidem.

⁸⁹ NIETZSCHE, 2010, p. 22. O problema de Sócrates. #11.

⁹⁰ NIETZSCHE, 2016, p. 12. Prólogo. #4.

⁹¹ NIETZSCHE, 2015, p. 59. #Das mil metas e uma só meta.

justamente, contra os instintos da vida – é uma *condenação*, ora secreta, ora ruidosa e insolente, desses instintos”⁹².

Todas as paixões têm um período em que são meramente funestas, em que levam para baixo suas vítimas com o peso da estupidez – e um período posterior, bem posterior, em que se casam com o espírito, se “espiritualizam”. Antes, devido à estupidez na paixão, fazia-se guerra à paixão mesma: conspirava-se para aniquilá-la – todos os velhos monstros da moral são unânimes nisso: “*il faut tuer les passions*” [é preciso matar as paixões]. A mais célebre formulação disso está no Novo Testamento, naquele Sermão da Montanha em que, diga-se de passagem, as coisas não são observadas *do alto*. Lá se diz, por exemplo, referindo-se à sexualidade: “se teu olho te escandaliza, arranca-o de ti”; felizmente, nenhum cristão age conforme esse preceito. Aniquilar as paixões e os desejos apenas para evitar sua estupidez e as desagradáveis consequências de sua estupidez, isso nos parece, hoje, apenas uma forma aguda de estupidez. Já não admiramos os dentistas que extraem os dentes para que eles não doam mais... Com alguma equidade se deve admitir, por outro lado, que o conceito de “espiritualização da paixão” não podia absolutamente ser concebido no solo do qual brotou o cristianismo. A Igreja primitiva lutou, como se sabe, contra os “inteligentes”, em favor dos “pobres de espírito”: como se poderia dela esperar uma **guerra inteligente** contra a paixão?⁹³

Será possível mesmo a existência de uma “guerra inteligente” contra as paixões e, ainda mais, de homens contra homens? De acordo com um trecho da canção da qual deslocamos o título do presente trabalho, não. Sobretudo quando destaca que “La guerra es muy mala escuela no importa el disfraz que viste”.⁹⁴ Mas como ficam os atos dos criadores que têm de destruir para instituir? Donde provém a legitimidade de sua destruição? Se, no limite, é sempre vida contra vida, como surgem os inimigos? Da autodefesa de interesses? Mas de que vale viver muito, mas quase sempre doente e impotente – pulando de galho em galho entre as cervizes de bem e mal, servindo de vergonha a um Si-próprio?

Para o *último homem*⁹⁵, aquele “que tudo apequena”, isso não importa. Aos *desprezadores do corpo*⁹⁶ também não. Afinal, basta-lhes uma suficiente dose de veneno para a realização de seus anseios (delírio, desprezo, morte) sustentados na felicidade que inventaram para si. Todavia àquele que vive de modo a *espiritualizar* sua *primeira natureza*, não permitindo que a mesma resseque, isso importa deveras, uma vez que não mais se abriga debaixo de uma bandeira, de um *pedaço de pano triste* e a própria Vida tornou-se para ele um problema.

⁹² NIETZSCHE, 2010, p. 36. Moral como antinatureza. #4.

⁹³ Idem, p. 33. #1 (grifos nossos).

⁹⁴ DREXLER, J. Milonga del moro judio. Em: Jorge Drexler. Álbum: *Eco*. Gravadora: Warner Latina, 2004.

⁹⁵ Cf. NIETZSCHE, 2015, p. 18. Prólogo. #5.

⁹⁶ Cf. NIETZSCHE, 2015, p. 34. #Dos desprezadores do corpo.

Um dos pontos principais de um tipo de desamparo (angústia) que toma de assalto aquele que intenta trilhar o caminho para Si-Próprio ou “simplesmente” para aquilo que tem feito de si o que se é, é que as oposições lógicas e/ou dialéticas não mais lhe trazem conforto e segurança, visto que estão desabrigadas de uma moral e uma finalidade que as sustente. Não existe mais nenhum absoluto que ordena, nenhuma verdade a ser revelada e cultuada. Existem apenas interpretações e perspectivas de valor acerca da Vida e do viver. Estes que, por sua vez, não correspondem ou formam uma realidade indelével, mas, sim, se apresentam como sintomas de corpos individuais e coletivos.

Pressupondo que nenhum lado das batalhas e filosofias morais traga satisfação e saúde ao desamparado e sedento de espírito *uma nova perspectiva de pessimismo*, “como uma procura voluntária dos lados temíveis e questionáveis da existência”⁹⁷, pode possibilitar a travessia e a transmutação do mal-estar. “tal pessimismo *poderia desaguar* naquela forma de dionisíaco *dizer-sim* ao mundo, como ele é: até ao desejo de seu absoluto retorno e eternidade: com o que estaria dado um novo ideal de filosofia e sensibilidade”⁹⁸. É por este veio que se educa a força e se infunde não uma guerra contra as paixões, como outrora se foi feito e ainda é feito no seio das morais, mas, sim o seu cultivo: o cultivo dos “lados até agora *negados* da existência”⁹⁹. Afinal,

O homem é o *não-animal* (*Unthier*) e o *além-do-animal* (*Überthier*); o homem superior é o não-homem e o Além-do-homem: de modo que isso se entepertence. Com todo crescimento do homem em grandeza e elevação, cresce ele também no profundo e terrível: não se deve querer uma dessas coisas sem a outra – ou, muito mais, quanto mais fundamentalmente se quer uma coisa, tanto mais fundamentalmente se alcança precisamente a outra¹⁰⁰.

Como já dito outrora nas palavras de Zaratustra e em consonância com o excerto acima, o homem é a corda estendida entre o animal e o Além-do-homem. Não nos é possível, salutar e poderosamente, abrigarmo-nos em um lado ou outro da corda, pois nosso nome agora é travessia, tendo em vista que tais extremidades encontram-se para além do nosso alcance. Nos cabe, enquanto certeza, apenas o risco e o abismo. Mais nada! Mas se o pensamento é móvel e somos corpo e alma é claro que não estamos atados à corda. Sendo assim, o que nos impede de dançar, de saltarmos sobre nós mesmos e tensionarmos a corda

⁹⁷ NIETZSCHE, F. Frag. póstumo nº 10 [3], outono de 1887. Em: GIACOIA JUNIOR, 2002, p. 39.

⁹⁸ Ibidem.

⁹⁹ Ibidem.

¹⁰⁰ NIETZSCHE, F. Frag. póstumo nº 9 [154], outono de 1887. Em: GIACOIA JUNIOR, 2002, p. 38.

com o nosso próprio peso e com *o mais pesado dos pesos* a ponto dela e nós mergulharmos cada vez mais fundo no abismo e na inversão deste movimento, na distensão da corda, brincarmos entre estrelas como sóis recém-nascidos?

De certo porque somos leves demais – ao invés de sermos portadores de *leveza*. Ter de assimilar e atuar a partir de prédicas e práticas morais nos preenche o espírito com materiais (sentimentos, paixões, conhecimentos, valores, perspectivas avaliativas) leves demais. O bloco de isopor é um bom maciço para ilustrar esta metáfora, pois preenche o espírito do sujeito de modo a deixá-lo com um sentimento de plenitude, de poder, mas sem resistência a impactos – somente a mudanças em seu interior; sem peso e, por isso, relegado ao sabor dos ventos de opiniões e perspectivas quaisquer. Incapaz de resistir, de combater, de guerrear, resigna-se e é a partir de tal resignação que o espírito é preenchido (de isopor). “*Os fracos têm mais espírito*”¹⁰¹, aponta Nietzsche, ao salientar o que entende por espírito: “a cautela, a paciência, o ardil, o disfarce, o grande autodomínio, e tudo o que é *mimicry* (nesta última se inclui uma grande parte da assim chamada virtude)”¹⁰².

Os *abarrotados de espírito* são incapazes de abrigar em si a contradição e por isso são inábeis para uma psicologia trágica, para o cultivo de afetos e perspectivas que não sejam moralmente consagradas. Nos digladios de suas existências não se dão conta de que todo recurso decadente utilizado como meio para combater um mal e assim superar tal estado de decadência moral é apenas uma forma de mais e mais aprofundá-la. No entanto é de bom grado que não se perca de vista que a Vida em sua totalidade é plena abundância – não existe hipotrofia e nem hipertrofia naquilo que nós nos referimos como decadente nela.

*nós é que inventamos o conceito de “finalidade”: na realidade não se encontra finalidade... Cada um é necessário, é um pedaço de destino, pertence ao todo, está no todo – não há nada que possa julgar, medir, comparar, condenar nosso ser, pois isto significaria julgar, medir, comparar, condenar o todo... Mas não existe nada fora do todo!*¹⁰³

Devemos também atentar que, aquilo que para muitos seja um refinamento do espírito, as oposições lógicas e/ou dialéticas, por exemplo, também são armas para guerra (na maioria das vezes autodefesa) quando outro tipo de combate ou exuberância de vida não é possível ou

¹⁰¹ NIETZSCHE, F. Incursões de um extemporâneo. Em: Nietzsche. Coleção: *Os pensadores*. Seleção de textos Gérard Lebrun. Tradução e notas de Rubens Rodrigues Torres Filho. Posfácio de Antônio Cândido. São Paulo: Editora Nova Cultural Ltda, 1999, p. 381. §14.

¹⁰² Ibidem.

¹⁰³ NIETZSCHE, 2010, p. 46. Os quatro grandes erros. §8.

necessário (o combate a partir da força física ou bélica). “Em virtude do *esquecimento* de que só existe um avaliar perspectivo, fervilham miríades de avaliações contraditórias e *consequentemente de impulsos contraditórios em um homem*”¹⁰⁴. O homem incapaz de cultivar seus afetos mais profundos não suporta a contradição da *vontade de poder* em si e é incapaz de se deleitar com os tipos excêntricos de satisfações que advêm de tal capacidade fortalecedora. A contradição, nesse sentido, ressoa como enfermidade, pecado, fraqueza, fazendo de certos seres humanos reféns de ancestrais, sofríveis e ressentidos modos de (re)conhecer. Eles têm uma memória sofrível que insiste e alimenta o medo. Essa é a sua psicofisiologia: eles têm medo.

Tienen miedo del amor y no saber amar. Tienen miedo de la sombra y miedo de la luz. Tienen miedo de pedir y miedo de callar. Miedo que da miedo del miedo que da. Tienen miedo de subir y miedo de bajar. Tienen miedo de la noche y miedo del azul. Tienen miedo de escupir y miedo de aguantar. Miedo que da miedo del miedo que da. El miedo es una sombra que el temor no esquiva. El miedo es una trampa que atrapó al amor. El miedo es la palanca que apagó la vida. El miedo es una grieta que agrandó el dolor.

Tenho medo de gente e de solidão. Tenho medo da vida e medo de morrer. Tenho medo de ficar e medo de escapulir. Medo que dá medo do medo que dá. Tenho medo de acender e medo de apagar. Tenho medo de esperar e medo de partir. Tenho medo de correr e medo de cair. Medo que dá medo do medo que dá. O medo é uma linha que separa o mundo. O medo é uma casa aonde ninguém vai. O medo é como um laço que se aperta em nós. O medo é uma força que não me deixa andar.

Tienen miedo de reir y miedo de llorar. Tienen miedo de encontrarse y miedo de no ser. Tienen miedo de decir y miedo de escuchar. Miedo que da miedo del miedo que da. Tenho medo de parar e medo de avançar. Tenho medo de amarrar e medo de quebrar. Tenho medo de exigir e medo de deixar. Medo que dá medo do medo que dá. O medo é uma sombra que o temor não desvia. O medo é uma armadilha que pegou o amor. O medo é uma chave, que apagou a vida. O medo é uma brecha que fez crescer a dor. El miedo es una raya que separa el mundo. El miedo es una casa donde nadie va. El miedo es como un lazo que se apierta en nudo. El miedo es una fuerza que me impide andar.

Medo de olhar no fundo. Medo de dobrar a esquina. Medo de ficar no escuro, de passar em branco, de cruzar a linha. Medo de se achar sozinho, de perder a rédea, a pose e o prumo. Medo de pedir arrego, medo de vagar sem rumo. Medo estampado na cara ou escondido no porão. O medo circulando nas veias ou em rota de colisão. O medo é do Deus ou do demo. É ordem ou é confusão. O medo é medonho, o medo domina, o medo é a medida da indecisão.

Medo de fechar a cara, medo de encarar. Medo de calar a boca, medo de escutar. Medo de passar a perna, medo de cair. Medo de fazer de conta, medo de dormir. Medo de se arrepender, medo de deixar por fazer. Medo de se amargar pelo que não se fez, medo de perder a vez. Medo de fugir da raia na hora H, medo de morrer na praia depois de beber o mar. Medo... que dá medo do medo que dá. Medo... que dá medo do medo que dá.¹⁰⁵

¹⁰⁴ NIETZSCHE, F. Fragmento póstumo do verão-outono de 1884, número 26 [119]. In: KSA, vol. 11, p.181s. Apud GIACOA JUNIOR, O. O infinito campo hermenêutico. Em: Ciência e Cultura. Vol.67, no1. Jan./Mar. 2015, p. 27.

¹⁰⁵ LENINE.; GUERRA, P. Miedo. Em: Lenine. Álbum: *Acústico MTV*. Gravadora: Sony BGM, 2006.

II – O CONHECIMENTO COMO AQUILO QUE AO MESMO TEMPO EM QUE CEGA TRAZ UMA NOVA VISÃO

O amor sem fim não esconde o medo de ser completo e imperfeito.

Barão Vermelho¹

O conhecer como autossupressão: entre amor e medo, a lei da Vida

Pressupondo que o ser humano seja um animal que tem de se inventar na civilização junto às interferências e experiências que vivencia a partir das forças oriundas de suas duas naturezas constituintes (sensível e cultural), tal invenção pode ser vetorizada por uma função comunicativa que busque delinear e transmitir os melhores modos de viver e permanecer vivo em tal plano. Entretanto, essa vetorização pode ser deveras cooptante, restritiva, nociva, enfraquecedora e limitante de seu poder e possibilidades enquanto Vida. São estas perspectivas que vetorizam os processos de subjetivações e as psicofisiologias concernentes a estes. De modo que grande número dos impulsos que compõem o corpo humano atravessa ou se espelha em sua consciência sem jamais ser experimentado como algo inteligível (a partir de uma ideia, de uma *razão livre de si mesma originada*).

Pode-se inferir que as afetações organicamente incorporadas ensejam um tipo de organização metabólica, uma psicofisiologia, outro tipo de registro, de fala, de lugar, de modulação, de singularidade *diferente* daquilo que é experienciado a partir de uma noção comum de Eu. Desta perspectiva muitas experiências humanas jamais ocorrerão através da consciência ou de uma manifestação comum-lógico-moral, posto que a dinâmica das forças em jogo no corpo seja outra. E isso pode ser muitíssimo desconfortável aos seres humanos – demandando outra relação de cuidado consigo, de acolhimento e destinação de tais forças.

Espinoza diz que nossa “felicidade ou infelicidade está situada apenas no seguinte, a saber, na qualidade do objeto ao qual aderimos por amor. Pois, por aquilo que não é amado,

¹ MAGALHÃES, F.; GOFFI, G.; BARROS, M. Meus bons amigos. Em: Barão Vermelho. Álbum: *Carne crua*. Gravadora: Warner Music Brasil, 1994.

nunca se originarão litígios, nem haverá tristeza alguma caso isso pereça”². Nesse sentido o amor é tomado como um meio, como um modo de estabelecer e manter relações com um objeto ou pessoa. Mas é possível pensar que o medo também seja. No entanto, a relação com a pessoa ou objeto tende a ser diferente, pois a adesão ocorre por motivos/afetos diferentes: um, o amor, pela conservação e expansão das forças o outro apenas pela conservação das mesmas. Nunca se quer bem ou incondicionalmente um algoz, um opressor. Sempre, mesmo que quase de maneira imperceptível, existem movimentos contra opressões e opressores. Essa é a dinâmica da Vida! Não nos esqueçamos disso!

Mesmo quando tudo pede um pouco mais de calma. Até quando o corpo pede um pouco mais de alma, a vida não para. Enquanto o tempo acelera e pede pressa, eu me recuso, faço hora, vou na valsa... A vida é tão rara. Enquanto todo mundo espera a cura do mal e a loucura finge que isso tudo é normal, eu finjo ter paciência. O mundo vai girando cada vez mais veloz. A gente espera do mundo e o mundo espera de nós um pouco mais de paciência.

Será que é tempo que lhe falta pra perceber? Será que temos esse tempo pra perder? E quem quer saber? A vida é tão rara, tão rara. Mesmo quando tudo pede um pouco mais de calma, até quando o corpo pede um pouco mais de alma... Eu sei a vida não para... A vida não para não.³

Se tomado como o afeto central num processo de subjetivação, o *medo* pode relegar aos esquematismos de conhecer uma celeridade torpe e entorpecedora do *tempo* ou espírito do tempo (*Zeitgeist*) em que alguém vive⁴ podendo, assim, disparar um modo de apropriar-se dos outros como meios para fins de manutenção e conservação de si, a partir da manutenção e conservação dos costumes de sua civilização, e de exercícios de poderes enfraquecedores e doentios. O amor, por sua vez, requer outro tempo: um tempo de oportunidades (kairológico) ou uma “mágica” distensão do tempo cronológico que permita àquele que ama a experiência daquilo que é amado – a acolhida das diversas perspectivas constitutivas do objeto/ser amado – seus modos de ressoar, seus timbres, seus comas etc. Desse ponto, pode-se inferir que os processos de subjetivação vetorizados pelo *amor* articulam-se com a pergunta sobre o *poder*

² ESPINOSA, B. Tratado da emenda do intelecto. Edição em latim e português. Tradução e nota introdutória de Cristiano Novaes de Rezende. *Coleção Fausto Castilho multilíngues de filosofia Unicamp*. Campinas: Editora Unicamp, 2015, p. 31. §9.

³ LENINE.; FALCÃO, D. Paciência. Em: Lenine. Álbum: Acústico MTV. Gravadora: Sony BMG, 2006.

⁴ Mais correto talvez fosse a expressão “sobrevive” (ao invés de “vive”), pois que a questão do tempo, do passar do tempo, de sua vetorização para o futuro e a impossibilidade de sua voltar ao passado, demarcam sobremaneira a existência humana. É impossível *querer* para trás, a fim de mudar o passado, tal como é impossível viver (ou prever) o futuro – o que existem são probabilidades de certo futuro *acontecer*. Além do desamparo (*Hilflosigkeit*), o tempo ou a temporalidade da vida humana é algo decisivo no estabelecimento de certos processos de subjetivação: fracos, fortes, nobres, escravos, trágicos... artistas.

de assimilação de uma verdade na esfera da condição da natureza do objeto que amamos, da natureza daquilo que des/prezamos, do poder assimilativo de um corpo.

Segundo Don Juan Demarco⁵ existem apenas quatro questões importantes para a vida humana: O que é sagrado? De que é feito o espírito? Por que vale a pena viver? E por que vale a pena morrer? Sua resposta para tais questões é a seguinte: o Amor. Para ele o amor é sua principal vivência, seu maior tesouro, sua melhor estima por si; seu exercício mais que supremo: seu dever, sua virtude. Entretanto, para Slavoj Žižek⁶ o amor é uma forma de “desequilíbrio cósmico”, um mal. Uma extrema violência que pondera e escolhe, diante de um multiverso de pessoas e coisas, aquilo que para ela tem valor – e nesse movimento despreza ou é indiferente a todo o resto. Assim, o Amor pode se apresentar como uma relação de cuidado, de estima, mas, antes, um senso, uma perspectiva avaliativa. Por sua vez, para Nietzsche, é também do movimento entre apreço e desprezo, “do amor que quer dominar e do amor que quer obedecer”⁷, que surgem as *tábuas de valores* que regem os modos organizativos dos povos e indivíduos.

Žižek e Nietzsche invertem ferrenhamente a assertiva do versículo 4, do capítulo 13, da Primeira Carta aos Coríntios, na qual se lê: “O amor é sofredor, é benigno; o amor não é invejoso; o amor não trata com leviandade, não se ensoberbece”⁸. Se em Žižek o amor é algo mal, posto que escolhe, que faz distinção, em Nietzsche, no seio das morais e dos processos de subjetivação, ele é um monstro ou um impulso (força ou *vontade*) que em determinados momentos quer dominar e noutros ser dominado, dando margem, então, a constituição de juízos valorativos acerca do que seja o “bem e o mal” de uma civilização e o consequente fomento dos movimentos de desprezo e boa consideração para esta. Neste sentido, todo aquele que almeja criar, diferente dos outros grupos/civilizações ou indivíduos, tem também de querer e saber destruir. Mesmo porque, ainda que vença um oponente em “carne e osso” (ou quaisquer outras materializações de um inimigo), como filho de um costume, este lhe restará como sua *segunda natureza* – aquela que, como visto no capítulo anterior, traz como princípio defensável apenas a felicidade do coletivo, o respeito aos seus ancestrais e a ancestrais valores. Mas, por sua vez, além do “fato” do rebanho sempre fazer resistência à

⁵ DON JUAN DEMARCO. Direção: Jeremy Leven. Estados Unidos da América, 1994.

⁶ Žižek, S. *Žižek!* Direção: Astra Taylor. Nova York: Zeitgeist Films, 2005.

⁷ NIETZSCHE, 2015, p. 58. #Das mil metas e uma só meta. (grifos nossos)

⁸ BÍBLIA SAGRADA. Obtida via internet em: <https://www.bibliaonline.com.br/acf/1co/13>. Acesso em 28 de janeiro de 2017.

mudança, ao diferente, mesmo em caso de vitória, como também já salientado outrora, a voz do rebanho, a moralidade, ainda ressoará junto daquele que ousa criar.

Queres ir para a solidão, meu irmão? Queres buscar o caminho para ti mesmo? Detém-te um pouco mais e me escuta. “Quem busca facilmente se perde. Todo isolamento é culpa”: assim fala o rebanho. E durante muito tempo pertenceste ao rebanho. A voz do rebanho ainda ressoará dentro de ti. E, quando disseres “Já não tenho a mesma consciência que vós”, isso será um lamento e uma dor. Vê, essa dor mesma foi gerada por tal consciência, e o último reluzir dessa consciência ainda arde na tua aflição. Mas queres seguir o caminho para tua aflição, que é o caminho para ti mesmo? Então me mostra o teu direito e tua força para isso! És uma nova força e um novo direito? Um primeiro movimento? Uma roda que gira por si mesma? Podes também obrigar estrelas a girar ao teu redor? Oh, há tanta avidez das alturas.⁹

Juízos de valor são textos, signos, significações que necessitam de uma bela interpretação. A interpretação é a tarefa do psicólogo que sempre pergunta sobre aquilo que tomou sobre si o *status* de *necessário* em um corpo. Para tanto é preciso auscultar a vivência, a experiência do tipo humano que está por trás desses juízos de valor. Viu-se outrora nestes parques escritos¹⁰, que a *força criadora* se faz diferente em literatos e eruditos, criadores das alturas e criadores rastejantes, aves de rapina e ovelhas. Quem e em função de quê cria ou realiza algo? Quem é este que almeja às alturas? É capaz de suportar o caminho da *solidão*? É capaz de ser digno do seu *sofrimento*? Tem força suficiente para assimilar toda *contradição* desse caminho, desse lugar, de todo sol, chuva e luar? Ser o eixo central¹¹ de *sua roda da fortuna*?

Para ser digno das alturas, ou seja, não sucumbir à suas qualidades e lá viver, é preciso aprender, antes, respirar o seu ar rarefeito. E para tanto, antes ainda, teus pulmões devem estar acostumados ao vapor de enxofre e outros metais pesados das profundezas do centro da Terra – da tua terra! Assim, se queres respirar uma verdade, terás antes que ter se habituado a importância dos erros, pois esses são *erros fundamentais*¹². Afinal, a verdade pergunta, a

⁹ NIETZSCHE, 2015, pp. 60-1. #Do caminho do criador.

¹⁰ Na “Introdução”.

¹¹ Para além da alusão direta às palavras de Zaratustra acerca da faceta criança nas “três metamorfoses do espírito”, no qual se lê que esta é “uma roda a girar por si mesma” (NIETZSCHE, 2015, p. 29), inferimos aqui a imagem da “roda da fortuna” na qual se enfatiza os movimentos ascendentes e descendentes em tal círculo. Nosso intento é destacar que aquele cria, que é uma nova força gravitacional, faz-se forte e confortável, justamente, por ser o eixo central da roda; por fazer satelizar ao seu redor outras forças, outras “estrelas”. Além do mais, no centro não há alto ou baixo, fortuna ou pobreza. Há abundância.

¹² Se tomarmos por pressuposto que as pessoas e coisas não possuem uma essência, uma verdade, um determinante e diretivo princípio único, e, sobretudo, que estejam em movimento, os *erros fundamentais* seriam a *conditio sine qua non* dos processos de conhecimento. Ou seja, imagina-se e/ou incorpora-se “o mundo” a partir da ideia de que existam coisas, pessoas, sujeitos, pessoas iguais, coisas iguais, o igual, o objeto, a

verdade questiona e quer saber sobre a verdade acerca de si mesma, pois sua força insurgente se dá, justamente, por meio de sua capacidade de incorporação – a incorporação dos erros que outrora ela mesma produziu. Pode-se afirmar que tal perspectiva questionadora indica a plasticidade que uma verdade pode alcançar – ao manter junto, integrar, em si o máximo de tensão e contradição. É desta plasticidade que o processo afetivo/cognitivo de conhecer propaga em si um tipo de *impulso à verdade* (*Trieb zur Wahrheit*): um querer conhecer ainda mais sobre si, sobre sua complexa e contraditória composição.

Uma vez mais se reitera aqui que aquilo que pelo ser humano é conhecido, aquilo que se espelha em sua consciência, tornou-se, antes, corpo: afeto e modos de afetações. Assim, o conhecimento torna-se paixão, força, impulso (*Trieb*) que se digladiava com outros impulsos, com outras paixões no corpo, “faz corpo”, antes de ser uma resultante na consciência humana. Ora, assim, o conhecimento é *pathos* contra *pathos* – paixão contra paixão – ao invés de algo puro, sereno, tranquilo, inquestionável, indubitável, não passível de erros e equívocos.

Para nós essa é a *força plástica e criativa* dos conhecimentos. É a partir dessa inscrição do conhecimento em nós humanos que se faz imperativo, ao menos junto daquilo que se propõe neste trabalho, questionar: até que ponto aqueles que sofrem, os ressentidos, os ressecados, os que se acham culpados, aqueles que têm suas psicofisiologias direcionadas pelo *medo*, podem incorporar tal perspectiva, ou seja, viver a partir de tal perspectiva? Até que ponto, porém, nós humanos podemos viver sem as nossas ilusões consolativas, sem “pisar dos olhos” frente aos “prêmios de consolação” que se leva para a casa por “bom comportamento” no seio da moral?

Àqueles que querem habitar as alturas e profundezas da cultura (*Kultur*), criando seus próprios valores para além daqueles engendrados pela formação/civilização, as *aproximações sucessivas*¹³ às verdades e, sobretudo, das verdades sobre si, constituem um método de *cultivo* prudente, um pouco mais lento e inóspito que os sentidos promulgados pelas morais, mas, no entanto, muito mais fortes e plásticos que eles. Há que se aprender a “ler demoradamente” a fim de melhor apreender a “qualidade do objeto” ao qual se adere por amor e os impulsos que

subjetividade etc. São, justamente, esses erros que são paixões contra paixões – *phatos* contra *phatos* – incorporadas e, portanto, tornadas corpo. Mesmo sendo uma ficção, um recurso mentiroso que se quer valer como verdadeiro, esse erros são fundamentais, pois sem eles não haveria conhecimento.

¹³ Há que se ter cuidado com a despressurização ao deixarmos as profundezas dos valores morais e a intensa claridade das alturas da cultura. É preciso cordialidade com aquilo que é, ao menos à primeira vista, inquietante, estranho, bizarro. Somente após um pouco de maternagem com o diferente é possível um juízo de valor, entre bom ou ruim, a fim de estabelecer se algo pode ser prezado ou desprezado através do nosso amor a nós mesmos.

se fazem presentes em tal escolha. É por esse veio que se aumenta a capacidade de assimilação de uma verdade. É por esse caminho que o conhecimento é capaz de aumentar seu perspectivismo e de suportar as contradições oriundas dos *erros fundamentais* e do *impulso à verdade*. É assim que se aprende a amar a si e aos outros: conhecendo e dispondo-se a prezar e a desprezar num movimento que, certa e inevitavelmente, eclodirá numa autossupressão (*Selbstaufhebung*). Afinal, tal como destaca Nietzsche,

Todas as grandes coisas perecem por obra de si mesmas, por um ato de autossupressão: assim quer a lei da vida, a lei da necessária “autossuperação” que há na essência da vida – é sempre o legislador mesmo que por fim ouve o chamado: “*pater eilegem, quam ipse tulisti*” [sofre a lei que tu mesmo propuseste].¹⁴

É válido destacar que aquilo que sobressai na história da humanidade é a expectativa de uma verdade indubitável, de um “dizer verdadeiro” ou da força da verdade promulgada, decretada por alguém forte. Entretanto, como viemos alinhando até aqui, vê-se que a única verdade ou *certeza fundamental* da qual a humanidade pode se valer historicamente é a dos *erros fundamentais*¹⁵. Por mais que isso possa parecer pequeno ou efêmero, seu poder e potências insurgentes manifestam-se quando surge o pensador: aquele que incorpora o conhecimento, que brinca com as verdades, e faz da própria vida, para além de um campo de batalhas, um jardim multicolorido da Vida – uma larga, alta, profunda, sensível e contraditoriamente saudável psicofisiologia.

Esse é o *experimento de si no pensamento*, qual a filosofia nietzschiana trabalha longa e intensamente, a partir do qual a verdade (precedida do artigo definido “a”) tornou-se, então dispensável. Ela já não é mais “o fim” ou a finalidade última do conhecimento, do aprendizado daquilo que seja útil para ascender à riqueza cultural da humanidade e para a superação dos seus maiores medos, mas, sim, tal como canta Jorge Vercilo, uma relação desafiadora de si com a Vida, uma experiência daquilo que lhe constitui, mas que deve perecer, no qual “o eterno aprendizado é o próprio fim”.¹⁶

Essa é a amorosa abertura ou *a mais forte disponibilidade do espírito* para que a “lei da vida” aconteça: o eclodir do *impulso à verdade*, a incorporação dos *erros fundamentais*, a

¹⁴ NIETZSCHE, F. *Genealogia da moral: uma polêmica*. 10ª reimpressão. Tradução, notas e posfácio de Paulo César Souza. São Paulo: Cia da Letras, 2007, p.148.

¹⁵ Com os quais nos demoraremos mais no próximo tópico.

¹⁶ VERCILLO, J. Eu e a vida. Em: Jorge Vercillo. Álbum: *Jorge Vercilo*. Gravadora: EMI Brazil, 2006.

autossupressão (o saber ou a disponibilidade que renuncia), o *eterno retorno* (*Ewige Wiederkunft*)¹⁷ e algo *novo...* um novo corpo, uma nova inocência (*Ein neue Unschuldige*), uma nova experiência de si no pensamento – uma nova gravidade (*neue Schwergewicht*), portanto.

Isso incorporado, tornado ao mesmo tempo **paixão e necessidade no corpo**, torna-se a mais forte perspectiva para a promoção de uma educação (de uma cultura, de um cultivar) com a qual se pode viver com um mínimo de prazer aquilo que para muitos é veneno, motivo de derrota, de entrega, de vilipêndio da vida, ou seja, a falta de sentido pleno, de verdade última para a existência humana e para aquilo que nela se faz duro, sofrível, de difícil assimilação.

Vem me pedir além do que eu posso dar: é aí que o aprendizado está. Vem de onde não sonhei me presentear. Quando chega o fim da linha e já não há aonde ir, num passe de mágica a vida nos traz sonhos pra seguir. Queima meus navios pr'eu me superar, às vezes pedindo que ela vem nos dar o melhor de si. E quando vejo a vida espera mais de mim, mais além, mais de mim. O eterno aprendizado é o próprio fim. Já nem sei se tem fim. De elástica, minha alma dá de si, mais além, mais de mim. Cada ano a vida pede mais de mim, mais de nós, mais além.

Vem me privar pra ver o que vou fazer: me prepara pro que vai chegar! Vem me desapontar pra me ver crescer. Eu sonhei viver paixões, glamour, num filme de chorar, Mas como é Felini, o dia-a-dia, minha orquestra a ensaiar. Entre decadência e elegância, zique-zaguear. Hoje, aceito o caos... E quando vejo, a vida espera mais de mim, mais além, mais de mim. O eterno aprendizado é o próprio fim...¹⁸

Não mais viver sob o domínio do *medo* de uma danação eterna, por exemplo, por desrespeitar os ancestrais (os deuses) e seus ancestrais costumes, não mais *necessitar* de ilusões consoladoras, mas, sim, da experiência de uma invenção criativa de si na fluidez e desafios práticos da vida cotidiana ou da “lei da vida”. Mas que lei é essa? Bem, essa é a lei que configura o mundo: e este mundo é *vontade de poder* – ao menos segundo um dos espelhos¹⁹ de Nietzsche. Assim ele questionou e disse:

E sabeis vós também o que é ‘o mundo’ para mim? Devo eu mostrá-lo a vós em meu espelho? Este mundo: uma imensidão de força, sem começo, nem fim, uma firme, brônzea grandeza de força, que não se torna maior, nem menor, que não se consome, apenas se transforma, inalteravelmente grande como totalidade, uma economia sem

¹⁷ Este conceito nietzschiano também será melhor esclarecido/trabalhado no decorrer do presente capítulo.

¹⁸ Ibidem.

¹⁹ É recorrente na obra nietzschiana a ideia de “espelho” aparecer, ao menos a nosso ver, como um modo (um *efeito* – ao invés de um lugar) de compreensão daquilo que nomeamos como *consciência*, pois nele se espelhariam as resultantes de toda guerra e paz entre afetos e afetações que constituem o corpo humano e suas relações. No aforismo 243 de Aurora (NIETZSCHE, 2016, p. 157) pode-se ler: “Se procuramos observar o espelho em si, nada descobrimos, afinal, senão as coisas nele. Se queremos apreender as coisas, nada alcançamos novamente, exceto o espelho. – Eis a história universal do conhecimento”.

dispêndio nem perda, mas também sem crescimento, sem ingressos, cercada pelo ‘nada’ como por sua fronteira, de modo algum, dissipadora, perdulária, nada de infinitamente-distendido, mas – como força determinada –, inserida num espaço determinado – e não num espaço que fosse ‘vazio’ em algum lugar; antes, porém, como força por toda parte, como jogo de forças e ondas de força, ao mesmo tempo um e ‘muitos’ elevando-se aqui e, ao mesmo tempo, diminuindo acolá; um mar de forças em precipitação e refluxo no interior de si mesmo, eternamente se transformando, eternamente voltando atrás, com imensos anos de retorno, com montante e vazante de suas figuras, impelindo adiante desde as figuras mais simples até as mais variegadas; partindo do mais imóvel, rígido, frio, para o mais ardente, selvagem, em contradição consigo mesmo; e regressando, então, novamente, da plenitude ao simples, do jogo das contradições de volta ao prazer do uníssono, afirmando-se ainda nessa igualdade de seus trilhos e anos, abençoando a si mesmo como o que tem de retornar eternamente, como um vir-a-ser que não conhece qualquer estar-farto, qualquer fastio, qualquer fadiga –: este é meu mundo dionísíaco do eterno criar-se a si mesmo, do eterno destruir-se a si mesmo, este mundo de segredos e da volúpia, este meu além de bem e mal, sem meta – se a meta não se encontra na felicidade do círculo; sem vontade – se um anel não tem boa vontade para si mesmo; quereis um nome para este mundo? Uma solução para seus enigmas? Uma luz também para vós, vós, os mais ocultos, os mais fortes, os mais intrépidos, os mais noturnos (*Mitternächlichen*)? Este mundo é vontade de poder – e nada além disso! E também vós mesmos sois essa vontade de poder – e nada além disso!²⁰

A dinâmica dos erros e dos erros fundamentais

Tal como visto no capítulo anterior, o pensamento humano é a dinâmica e a expressão de milhares de forças que compõem o seu corpo. É justamente essa riqueza perspectiva, essa sua capacidade de ser afetado de quantos modos forem possíveis e sua habilidade para assimilar e integrar essas afecções que o faz forte e organizado. No entanto, desde os primórdios das civilizações os homens procuraram conhecer o seu entorno, a si mesmos e aos outros como se as pessoas e as coisas tivessem sempre algo de essencial; uma verdade inquestionável e estanque.

Na cultura grega, por exemplo, os homens se enveredam no intento de apreender a *arché* – o princípio ou o elemento fundamental – de toda a Natureza (natureza sensível). De lá até os dias atuais tal intento não foi alterado. Alguns físicos ainda buscam uma *lei elegante*, a lei única, inquestionável e dotada de sentido pleno, que dê conta de explicitar e explicar todos os fenômenos que compõem as relações do Universo. Para Nietzsche, tal lei, ou mesmo as tais leis da natureza e quais outros intentos nesse sentido, seria(m) nada mais que inferências humanas. Tais leis por si sós não existem. São apenas interpretações.

²⁰ NIETZSCHE, F. Fragmento póstumo nº 38 [12], junho-julho de 1885. Tradução de Oswaldo Giacoia Júnior. Em: GIACOIA JUNIOR, 2012, pp. 265-6.

Perdoem este velho filólogo, que não resiste à maldade de pôr o dedo sobre artes de interpretação ruins; mas essas “leis da natureza”, de que vocês, físicos, falam tão orgulhosamente, como se – existem apenas graças à sua interpretação e péssima “filologia” – não são uma realidade de fato, um “texto”, mas apenas uma arrumação e distorção de sentido ingenuamente humanitária, com a qual vocês fazem boa concessão aos instintos democráticos da alma moderna! “Igualdade geral perante a lei: nisso a natureza não é diferente nem está melhor do que nós” – uma bela dissimulação, na qual mais uma vez se disfarça a hostilidade plebeia a tudo o que é privilegiado e senhor de si, e igualmente um segundo e mais refinado ateísmo. “*Ni Dieu ni maître* [Nem Deus, nem senhor] – assim querem vocês também: e por isso “viva a lei natural” – não é verdade? Mas, como disse, isso é interpretação, não texto, e bem poderia vir alguém que, com intenção e arte de interpretação opostas, soubesse ler na mesma natureza, tendo em vista os mesmos fenômenos, precisamente a imposição tiranicamente impiedosa e inexorável de reivindicações de poder – um intérprete que lhes colocasse diante dos olhos o caráter não excepcional e peremptório de toda “vontade de poder”, em tal medida que quase toda palavra, inclusive a palavra “tirania”, por fim parecesse imprópria, ou uma metáfora debilitante e moderadora – demasiado humana; e que, no entanto, terminasse por afirmar sobre esse mundo o mesmo que vocês afirmam, isto é, que ele tem um curso “necessário” e “calculável”, mas *não* porque nele vigoram leis, e sim porque *faltam* absolutamente as leis, e cada poder tira a cada instante, suas últimas consequências. Acontecendo de também isto ser apenas interpretação – e vocês se apressarão em objetar isso, não? – bem, tanto melhor.²¹

Se (todas) as relações humanas são frutos de interpretações, resta claro que tais interpretações engendram ou combatem valores – sempre de modo arbitrário. Por oportuno, vale destacar que, por força do medo, muitos homens passam a reiterar suas verdades, seus particulares exercícios de saberes e poderes. É por esse movimento que se pode pressupor que surjam os *sentimentos* em relação aos costumes e que por ele muitos sejam aprisionados numa sacra e medrosa tradição que defende e transmite irrefletidamente de geração em geração uma forma de vida a ser mantida e propagada.

O que é a tradição? Uma autoridade superior, a que se obedece não porque ordena o que nos é útil, mas porque ordena. – O que distingue esse sentimento ante a tradição do sentimento do medo? Ele é o medo ante um intelecto superior que manda, ante um incompreensível poder indeterminado, ante algo mais que pessoal – há *superstição* nesse medo.²²

Depara-se, mais uma vez, com o problema de que a reverência aos costumes, à tradição, traz em seu fundo um *medo* que toma forma de superstição. Via de regra, a gênese de um costume é sempre sagrada, proibitiva e, em consequência, deliberativa acerca de um modo de ser e estar no mundo voltado ao respeito e veneração a uma ideia, um propósito, um ideal. Tudo aquilo que se afasta do costume é tido como mal. Nesse sentido, logicamente, a

²¹ NIETZSCHE, F. *Além do bem e do mal: prelúdio de uma filosofia do futuro*. 17ª reimpr. Tradução, notas e posfácio de Paulo César de Souza. São Paulo: Cia de Bolso, 2017, pp. 26-7.

²² NIETZSCHE, 2016, p. 17.

liberdade ou *o caminho do criador* só podem ser imoral. *Nota bene*: imoral e não amoral, pois *o sentimento do costume* é parte constitutiva dos processos de subjetivação. A hominização é um fenômeno moral/cultural. O problema é que:

O medo promoveu mais a compreensão geral dos homens que o amor, pois o medo quer descobrir quem é o outro, o que ele pode, o que ele quer: enganar-se nisso seria perigoso e desvantajoso. Inversamente, o amor tem um secreto impulso de enxergar no outro as coisas mais belas possíveis, ou de erguê-lo o mais alto possível: enganar-se nesse ponto seria, para ele, prazeroso e vantajoso – e assim ele faz.²³

Como expresso no fragmento acima, supõe-se que o medo crie um tipo de *necessidade constringente* nas disposições psicofisiológicas de certos seres humanos a partir do qual se teme ferrenhamente o *erro*. O que pode, supostamente, destituir a plasticidade de uma verdade de sua plasticidade – relegando-a ao campo dos dogmatismos, idealismos, dos sentimentos do costume etc. e perdendo aquilo que supra denominamos como *a mais forte disponibilidade do espírito* para que a “lei da vida” aconteça (*impulso à verdade*, incorporação dos *erros fundamentais*, *a autossupressão* etc.).

Por serem animais não fixados, os seres humanos não são iguais entre si, mas, sim equivalentes. Dizer que “algo é equivalente a algo” não é firmar que tais coisas (ou pessoas) são definitivamente iguais umas a outras, mas que são iguais sobre uma diferença. Um carro, por exemplo, de mesmo modelo, montadora, revendedora, cor, motorização, “zero quilometro” pode ser considerado equivalente a um carro com as mesmas características aqui destacadas, mas já com um ano de uso. Uma nota de dez reais confeccionada em junho de 2013 tem o mesmo valor de uma impressa em 2016, no entanto, elas não podem ser consideradas iguais, pois a nota de 2013 adquiriu diversas características (sujeira, odor, desbotamento etc.) durante sua circulação de mão em mão, processo pelo qual a de 2016 não passou. Até mesmo uma fruta perecível não é idêntica a ela mesma se comparada às suas características no dia anterior.

Isso posto há que se considerar que um dos conceitos mais utilizados pelo ser humano, a igualdade, também não existe *em si* ou *por si* mesmo. Ele é uma ficção ou um recurso dos tipos de relação que o ser humano estabelece para que algo lhe seja cognoscível, assimilável e/ou útil. Pois bem, se a igualdade não existe fora de um campo relacional o que concede ao ser humano a garantia de que outras percepções e elaborados conceitos, tais como os de

²³ NIETZSCHE, 2016, p. 173.

sujeito, objeto, coisa-em-si etc., existam? A fim de irmos ao encontro de tal questionamento precisamos antes formular outra questão que se refere à veracidade de tais conceitos: o que imprime o caráter de verdade a eles?

Nossas relações com pessoas e coisas são juízos de valor. Tais juízos, por sua vez, são formados a partir de conceitos e estes medeiam os modos como compreendemos determinadas pessoas e coisas e como algumas dessas pessoas e coisas são (im)perceptíveis para nós. É por meio dessa perspectiva que se faz lícito dizer que as propriedades de algo ou de alguém não estão em definitivo nelas, mas nas relações estabelecidas com elas. Ou seja, não está na coisa ou na pessoa, mas no tipo ou na qualidade da relação estabelecida com ela.

Uma asserção, talvez precipitada, poderia destacar que nesse segmento um dos maiores problemas das relações humanas é que conhecemos mal as pessoas e coisas. Desabada asserção não pode ser de todo descartada. Mas, entretanto, ela pode suscitar um tipo de erro crasso ao pressupor, sobretudo, que alguém, um ser humano, portanto, possa ser constituído por um fundamento fixo, imutável, essencial que pode ser fielmente apreendido, conhecido, se utilizado o método correto. O problema não estaria alocado na perspectiva da não existência de uma essência ao ser humano, mas, sim, que os métodos utilizados para busca de tal essência são insuficientes. E é a partir desse errôneo pressuposto que muitos processos de conhecimento trabalham em função da busca pela *origem (Ursprung)* de algo ou alguém.

A premissa da busca pela *origem* de algo ou alguém traz consigo um *princípio diretivo* da compreensão. Traz uma perspectiva, uma ideia por meio da qual o objeto ou pessoa deva ser apreendido/a, reconhecido/a. Esse processo também pode ser nominado como *esquema de pensamento*. É ele que emprega a *estrutura formal do pensamento* a partir da linguagem. Um exemplo clássico é o seguinte: o bebê chora *porque* está com ... (fome, frio, sede, dor de ouvido, cólica). Ou seja, qualquer resposta se encaixa ou é verdadeira depois de dada a estrutura formal do pensamento.

Por sua vez, cumpre destacar que certas relações de poder (fisicamente coercitivos, inclusive) também determinam as origens e as funções de pessoas e coisas e aplacam, sufocam, estrangulam, esterilizam e/ou executam aquelas manifestações que não vão ao encontro do que estabeleceram como a norma, o normal e/ou sua apaixonada verdade. O *erro*, a diferença, a desvia, a divergência, a transgressão ou *novas verdades* são passíveis de

punição e/ou são sistematicamente impedidas de acontecerem. Nesse sentido, para além do *erro crasso*, existe também a *suprema mentira*. Sendo assim, quem ou quê legitima um sábio ou uma sabedoria? Donde nasce a ideia de uma conexão necessária e universal entre o “evento x” e o “evento y”?

Mas já terão compreendido onde quero chegar, isto é, que a nossa fé na ciência repousa ainda numa *crença metafísica* – que também nós, que hoje buscamos o conhecimento, nós, ateus e antimetafísicos, ainda tiramos nossa flama daquele fogo que uma fé milenar acendeu, aquela crença cristã, que era também de Platão, de que Deus é a verdade, de que a verdade é divina... Mas como, se precisamente isto se torna cada vez menos digno de crédito, se nada mais se revela divino, com a possível exceção do erro, da cegueira, da mentira – se o próprio Deus se revela como a nossa mais longa mentira?²⁴

Pressupondo, uma vez mais, o mundo como *vontade de poder*, “nada mais se revela divino”, fixo, livre de ser perspectivo – de ser apreendido por mais de uma perspectiva –, de não estar em movimento. Quaisquer esforços no sentido de apreender/compreender/reconhecer algo ou alguém é uma forçosa fixação de seu movimento; um falseamento identitário; uma identidade ao invés de um processo de identificação que acrescenta fictícia e arbitrariamente qualidades naquilo que foi tirado de seu fluxo e força uma um tipo de finalidade para que um tipo de experiência seja possível. Ou seja, o conhecimento daquilo que está em curso é impossível. E é por esse motivo que o ser humano conhece mal as coisas e pessoas, sobretudo, as pessoas e suas relações. Nestas não há um objetivo último a ser alcançado, uma promessa derradeira a ser cumprida, o encontro com “A” verdade... apenas fluxo.

Ajustamos para nós o mundo em que podemos viver – supondo corpos, linhas, superfícies, causas e efeitos, movimento e repouso, forma e conteúdo: sem esses artigos de fé, ninguém suportaria hoje viver! Mas isto não significa que eles estejam provados. A vida não é argumento; entre as condições para a vida poderia estar o erro.²⁵

A incorporação dos erros fundamentais

Os *erros fundamentais* (os *artigos de fé*) tornaram-se uma *conditio sine qua non* para a produção de conhecimento e dos modos existenciais humanos.

²⁴ NIETZSCHE, 2009a, p. 236.

²⁵ Idem, p. 145. #121.

Durante enormes intervalos de tempo, o intelecto nada produziu senão erros; alguns deles se revelaram úteis e ajudaram a conservar a espécie: quem com eles deparou, ou os recebeu como herança, foi mais feliz na luta por si e por sua prole. Esses equivocados artigos de fé, que foram continuamente herdados, até se tornarem quase patrimônio fundamental da espécie humana, são os seguintes, por exemplo: que existem coisas duráveis, que existem coisas iguais, que existem coisas, matérias, corpos, que uma coisa é aquilo que parece; que nosso querer é livre, que o que é bom para mim também é bom em si. Somente muito depois surgiram os negadores e questionadores de tais proposições – somente muito depois apareceu a verdade como a mais fraca forma de conhecimento. Parecia que não éramos capazes de viver com ela, que nosso organismo estava ajustado para o oposto dela; todas as funções mais elevadas, as percepções dos sentidos e do tipo de sensação trabalhavam com aqueles erros fundamentais, há muito incorporados. Mais ainda: essas proposições tornaram-se, mesmo no interior do conhecimento, as normas segundo as quais se media o que era “verdadeiro” e “falso” – até nas mais remotas regiões da pura lógica. Portanto, a força do conhecimento não está no seu grau de verdade, mas na sua antiguidade, no seu grau de incorporação, em seu caráter de condição para a vida.²⁶

O excerto supra, retirado do aforismo 110 da *Gaia Ciência* de Nietzsche, para além de trazer à baila os erros fundamentais os dispõem historicamente em relação à verdade e o mal-estar, uma inquietação dissimulada por ela no organismo – que se torna por ela enfraquecido, posto que, de certo modo, se desvencilha da vida, da potência advinda da incorporação. “A” verdade, tal como já destacado supra e utilizada pelos eleatas, produz o sábio: “o homem da intuição imutável, impessoal e universal”.²⁷ Nesse sentido a sabedoria só pode ser sustentada a partir de um falseamento ou, como já dito, um enfraquecimento de certo tipo de vida. Os erros fundamentais, por sua vez, tornam-se corpo, ou seja, são assimilados pelos seres humanos a partir das afetações sofridas por seus corpos.

Uma afetação (*Leiden*), ao ser incorporada, toma proporções de um dispositivo que inaugura uma dinâmica que determinará a capacidade do nosso organismo ser afetado e incorporar outras afecções. Esse dispositivo recebe o nome de afeto ou paixão (*Leidenschaft*) e se desdobrará na “paixão do conhecimento” (*Leidenschaft der Erkenntnis*) que será determinante para a potência incorporativa do organismo – a força do conhecimento a partir da incorporação de outros erros fundamentais.

Decorre desse processo um tipo de impulso (*Trieb*) que supra citamos como *impulso à verdade* (*Trieb zur Wahrheit*). O impulso à verdade parte dos erros fundamentais, mas, tão logo, por ser apaixonado pelo conhecimento (livre), volta-se contra sua própria condição de proveniência (*Herkunft* ao invés *Ursprung* – origem): os erros fundamentais. O corpo ou

²⁶ Idem, p. 137. #110.

²⁷ Ibidem.

aquele/a que pensa torna-se, então, um “campo de batalhas”. As paixões, os conhecimentos, a paixão pelo conhecimento irrompem como *o metabolismo do organismo* em movimento, em autocontradição e autossupressão (*Selbestaufhebung*) num cíclico processo de subjetivação que desmonta ou ao menos diminui a possibilidade de um sujeito (com o Ego) inflado, extremamente lógico, assentado, resguardado e protegido numa verdade. Afinal, a experiência de si e dos outros, a partir da *paixão do conhecimento*, lhe concede a oportunidade de perscrutar as imagens e os sentimentos que constituem as relações que estabelece consigo e com os outros.

A consideração dos *erros fundamentais* e do *impulso à verdade* na constituição do animal humano deflagra uma tensão de interesses na qual, em certos momentos, os intentos de conservação e superação atuam para que algumas coisas, conceitos e pessoas permaneçam imutáveis a fim de que o conhecer seja re-conhecer. Afinal, a capacidade humana de apreender a totalidade das coisas e pessoas ou mantê-las sob seu eterno controle é limitada ou nula. Por esse motivo tal capacidade almeja a fixidez do mundo. Firmando, portanto, a sentença que não exista conhecimento sem fixidez. Entretanto, fixar é ficcionar, posto que, ainda que seja possível a tal animal dizer que algo está fixo, não lhe é possível dizer que este é essencialmente fixo – minimamente sem que haja de imediato (ou não) algo ou alguém que lhe apresente uma perspectiva contrária.

A ficção, a arbitrariedade, a imposição ou consideração de uma perspectiva, por mais que se ofereça como o caráter ilógico no pensamento lógico-moral do ser humano, abriga-se numa antiga necessidade de conservação de tal animal e por isso é considerada como (um *erro*) *fundamental*. No aforismo a seguir Nietzsche expressa com precisão essa dinâmica e a complementa destacando a importância da *tendência à afirmação antes da negação*, da expressão do julgamento antes do anseio de justiça, como uma condição para a vida e a conservação da mesma.

De onde surgiu a lógica na mente humana? Certamente do ilógico, cujo domínio deve ter sido enorme no princípio. Mas incontáveis outros seres, que inferiram de maneira diversa da que agora inferimos, desapareceram: e é possível que ela fosse mais verdadeira! Quem, por exemplo, não soube distinguir com bastante frequência o “igual”, no tocante à alimentação ou aos animais que lhe eram hostis, isto é, quem subsumisse muito lentamente, fosse demasiado cauteloso na subsunção, tinha menos probabilidade de sobrevivência do que aquele que logo descobrisse igualdade em tudo o que era semelhante. Mas a tendência predominante de tratar o que é semelhante como igual – uma tendência ilógica, pois nada é realmente igual – foi o que criou todo fundamento para a lógica. Do mesmo modo, para que surgisse o conceito de substância, que é indispensável para a lógica, embora, no sentido mais rigoroso, nada lhe corresponda de real – por muito tempo foi preciso que o que há de

mutável nas coisas não fosse visto nem sentido; os seres que não viam exatamente tinham vantagem sobre aqueles que viam tudo “em fluxo”. Todo elevado grau de cautela ao inferir, toda propensão cética, já constitui em si um grande perigo para a vida. Nenhum ser vivo teria se conservado, caso a tendência oposta de afirmar antes que adiar o julgamento, de errar e inventar antes que aguardar, de assentir antes de negar, de julgar antes que ser justo – não tivesse sido cultivada com extraordinária força – O curso dos pensamentos e inferências lógicas, em nosso cérebro atual, corresponde a um processo e uma luta entre impulsos que, tomados separadamente, são todos muito ilógicos e injustos; habitualmente experimentamos apenas o resultado da luta: tão rápido e tão oculto opera hoje em nós esse antigo mecanismo.²⁸

Quando falamos de processos de subjetivação falamos de uma dinâmica interpretativa de forças que produz coerências que são assimiladas por um ser humano e que delineia seus modos de sentir, de pensar e de se relacionar consigo e com outrem a partir da inferência no mundo de juízos, linhas, superfícies, fixidezes e ficções imaginárias que são próprias desses jogos de forças, lógicos e ilógicos, que atuam em si e nos outros. Ou seja, a constituição de um ser humano depende da dinâmica dos impulsos, das afetações, afetos e racionalidades que povoa e constitui seu corpo e o seu espírito – sua subjetividade, sua *psyché*.

Um processo de subjetivação, portanto, não é somente um modo existencial que pensa e atua conscientemente. É também a capacidade de ser afetado, a potência de sua eticidade ou sentimento de moralidade (*Sittlichkeit*), a saudável e potente ordenação (*Rangordnung*) de seus impulsos e, conseqüentemente, a manifestação, a descarga (*Auslösung*) desses impulsos diversos – que não se esgota em atos uteis ou télicos. Trata-se de uma complexidade viva para além daquilo que se nomeia como consciente e inconsciente. Afinal, existem vivências em tal ser que jamais são e serão experienciadas a partir de desígnios conscientes, posto que sejam inconscientes – intangíveis plena e conceitualmente.

É preciso destacar que a moral e seus artifícios (crenças: poderes e saberes) ao fazerem o indivíduo se voltar contra si mesmo ao exigir dele a manifestação e circulação de apenas alguns de seus estados e afetos lhe garante perspectivas, sobretudo nos modos de conhecer e pensar, que o impedem ou limitam suas possibilidades de sucumbir frente a uma falta de sentido pleno, verdadeiro e inquestionável de si ou da Vida. Ela foi e é um meio de conservação, um *poder conquistado* que evitou que o ser humano “se desprezasse como homem, que ele tomasse partido contra a vida, que ele desesperasse ao conhecer”²⁹. É nesta perspectiva que destacamos aqui o nosso modo de perceber a finalidade do conhecimento nos

²⁸ NIETZSCHE, 2009a, pp. 139-140.

²⁹ NIETZSCHE, F. Fragmento póstumo nº 5 [71] 1, Verão de 1886-Outono de 1887. Em: GIACOIA JUNIOR, 2002, p. 56.

processos de formação que, por sua vez, vai ao encontro da irônica imagem da *origem do nosso conceito de “conhecimento”* da *Gaia Ciência* de Nietzsche.

O conhecido, isto é, aquilo a que estamos habituados, de modo que não mais nos admiramos, nosso cotidiano, alguma regra em que estamos inseridos, toda e qualquer coisa em que nos sentimos em casa: – como? nossa necessidade de conhecer não é justamente essa necessidade do conhecido, a vontade de, em meio a tudo o que é estranho, inabitual, duvidoso, descobrir algo que não nos inquiete? Não seria o *instinto do medo* que nos faz conhecer? E o júbilo dos que conhecem não seria precisamente o júbilo do sentimento de segurança reconquistado? ... Eis um filósofo que deu o mundo por “conhecido”, tendo-o remetido à “ideia”: não seria porque a “ideia” lhe era tão familiar, tão habitual? porque ele já a receava tão pouco? – Oh, que fácil satisfação a dos homens do conhecimento!³⁰

A função do conhecimento no campo da moral, portanto da *formação*, é livrar os seres humanos da aflição. O movimento do conhecimento busca empreender o desenvolvimento de soluções para alguns problemas e tornar habitual, familiar e inofensivo aquilo que é estranho, que inquieta e amedronta. Apregoa forma e sentido àquilo que até então causava dúvida e denotava *medo*. É a reconquista da segurança a partir de um (novo) *absoluto*. É mais um exercício da vontade de poder – um “grande *antídoto* contra o *niilismo* prático e teórico”³¹ que assombra alguns seres humanos a partir de sua mais forte condição de desamparo.

O eterno retorno e a mais fraca forma de conhecimento

Resta claro que os erros fundamentais e o impulso à verdade posicionam-se no corpo humano como paixões em contradição – *pathos* contra *pathos*. A consciência é, por sua vez, um efeito de acompanhamento desses digladios; um mero joguete de tais paixões e uma inventora de grandes obras de ficção a partir de fragmentos que a ela chegam. Desses jogos ficcionais surgem as linguagens ou os modos de comunicação humanos que possuem, como já expressei, uma função utilitária nas relações gregárias e modos de vida (ou de mínima sobrevivência) deste animal. Vigora nele, então, uma segunda natureza ou uma *antinatureza* que limita a força do seu pensar, dos seus modos de conhecer e da própria experiência de si.

³⁰ NIETZSCHE, 2009a, pp. 250-1. #355.

³¹ NIETZSCHE, F. Fragmento póstumo nº 5 [71] 1, Verão de 1886-Outono de 1887. Em: GIACOIA JUNIOR, 2002, p. 56.

Por sua vez, na maior parte da literatura do campo da Psicologia encontramos o fenômeno da consciência ser retratado a partir da Modernidade. Não sem justificativa, posto que seu objeto de estudo, a *subjetividade privada*, seja uma invenção moderna. Algumas propostas, movimentos e, sobretudo, a célebre frase do pensador francês René Descartes (1596 – 1650) – “penso, logo existo” – tornaram-se um marco para tal retratação que, por sua vez, entre outros motivos, entra em evidente crise junto de outra proposição: “sou onde não me penso” – firmada pela obra de Sigmund Freud (1856 – 1939) – e antes dele por Friedrich Nietzsche (1844 – 1900), Fiodor Dostoievski (1821- 1881), Baruch Espinoza (1632 – 1677) entre outros.

Dessa destacada proposição, Freud constrói todo um arcabouço teórico para firmá-la e, precisamente, em sua 31ª Conferência, *A dissecação da personalidade psíquica*, ele a termina com a seguinte expressão/intento: “Onde era Id, há de ser Eu. É uma obra cultural como o aterro do Zuydersee, digamos”.³² É de bom grado e de interesse ímpar para o presente trabalho chamar a atenção para a expressão “obra cultural”, posto que, como já há muito discutido, não se trata de fazer um equivocado reforçamento egóico, um reforçamento do Eu, a partir do aterro, do sufocamento do Id (ou Isso). A *obra de arte* infundida sobre si, sua fisiopsicologia, deve ser realizada pelo ser humano através da cultura, da relação com outrem, mas, sobretudo, a partir de um diagnóstico de si e uma implicação de si nos processos que lhe empregam certa forma, (im)potência, dinâmica, ampla ou restrita capacidade de afetar e ser afetado.

O poder é uma questão de compreender seus modos de construção de corpos políticos, seus circuitos de afetos com regimes extensivos de implicação, assim como compreender o modelo de individualização que tais corpos produzem, a forma como ele nos implica. Se quisermos mudá-lo, será necessário começar por se perguntar como podemos ser afetados de outra forma, será necessário estar disposto a ser individualizado de outra maneira, a forçar a produção de outros circuitos.³³

Quando Nietzsche delineia o conceito de eterno retorno (*Ewige Wiederkunft*) o faz tendo em vista um “sentido da Terra” – um contraponto às teorias/filosofias metafísicas, idealistas e valorações suprassensíveis. Dele surge a possibilidade de um processo de subjetivação que pode estar para além de promessas vindouras ou atitudes carregadas de

³² FREUD, S. Novas conferências introdutórias à psicanálise – Conferência XXI: A dissecação da personalidade psíquica. Em: *Obras completas*, v. 18 – 1930-1936. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das letras, 2010b, p. 223.

³³ SAFATLE, V. *O circuito dos afetos: corpos políticos, desamparo e o fim do indivíduo*. 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016, p. 15.

ressentimento. Afinal, este incorporou que felicidade é ato e não promessa: ele vive a felicidade ao invés de ansiar por ela. Assim lhe seria um deleite sentir tudo retornando eternamente. É disso que fala o *bendito Sim à Vida*, tal como Ela se expressa em dada situação, posto que tudo nela seja desejável – desde que o espírito saiba desejar salutarmente.

No entanto alguns críticos apontam que a doutrina do eterno retorno constitui uma aporia no pensamento nietzschiano, posto que, se a Vida se consome e se repete (tal como já promulgavam os estoicos) não haveria ou seria dada ao sujeito a possibilidade de um tipo de liberdade nesse ciclo sem fim. Tudo, inclusive os modos de conhecer e produzir conhecimento, bem como, os hábitos e processos de subjetivação dos seres humanos, já estaria escrito, consagrado e delimitado numa ordem eterna e imutável.

Alguns fragmentos do caderno MIII³⁴ podem dirimir tal suposta aporia ao atentar para a disposição da doutrina do eterno retorno sendo elaborada por Nietzsche fora do quadro determinístico estabelecido pela Física clássica e também fora do mito promulgado pelos estoicos. Tal disposição teria como veio de acontecimento a introdução do pressuposto da *liberdade* no referido determinismo da Física clássica. Algo que o pensador fez por meio do conceito de *Auslösung* (descarga, desencadeamento) ao destacar que, não sendo a Natureza reduzível às leis determinísticas da Física, visto que as mesmas não são capazes de determinar univocamente a trajetória de um fenômeno natural particular, a descarga (a manifestação da força) mostra-se necessária, mas a trajetória ou o modo como ocorre não.³⁵

Nesse sentido, a inserção da possibilidade da liberdade na doutrina do eterno retorno abre uma perspectiva que produz novas interpretações para além daquelas já consagradas e que foram cunhadas a partir de um suposto e ferrenho determinismo no pensamento de Nietzsche, algo que, por sua vez, até então, mostrou-se teoricamente incoerente com os propósitos transvalorativos, artísticos e afetivos que o pensador manifestou em seus livros, sobretudo a partir de 1881.

³⁴ O Caderno MIII1, organizado por Colli e Montinari, deflagra a elaboração da doutrina do eterno retorno a partir de perspectivas científicas delineadas entre 1878 e 1883 por cientistas e filósofos, em especial, Boussinesq, Du Bois-Reymond e Renouvier.

³⁵ Essas perspectivas podem ser muito melhores apreciadas nos trabalhos do professor Ângelo Marinucci (UFpel), sobretudo, junto ao professor Luca Gresenzi. Neles o pensador considera uma nova relação entre “vontade livre” e “determinismo” no pensamento de Nietzsche que ecoa, principalmente, numa releitura ou possibilidade de apreciação do conceito de eterno retorno cunhado por Nietzsche.

Um ponto relevante a ser destacado junto da releitura do aforismo 341 da Gaia Ciência é que ao dispor outra interpretação da doutrina do eterno retorno a partir de bases científico-matemáticas rompe-se com um caráter estritamente ficcional, quase que mitológico desta doutrina e trazemos ao sujeito, ao ser humano mais especificamente, a possibilidade de sua implicação no direcionamento das forças que o constitui. Nem o eterno retorno e nem muito menos a Vida ocorrem em uma reta com eventos sequenciais determinados.

E se um dia, ou uma noite, um demônio lhe aparecesse furtivamente em sua mais desolada solidão e dissesse: “Esta vida, como você a está vivendo e já viveu, você terá de viver mais uma vez e por incontáveis vezes; e nada haverá de novo nela, mas cada dor e cada prazer e cada suspiro e pensamento, e tudo o que é inefavelmente grande e pequeno em sua vida, terão de lhe suceder novamente, tudo na mesma sequência e ordem – e assim também essa aranha e esse luar entre as árvores, e também esse instante e eu mesmo. A perene ampulheta do existir será sempre virada novamente – e você com ela, partícula de poeira”. – Você não se prostraria e rangeria os dentes e amaldiçoaria o demônio que assim falou? Ou você já experimentou um instante imenso, no qual lhe responderia: “Você é um deus e jamais ouvi coisa tão divina!”. Se esse pensamento tomasse conta de você, tal como você é, ele o transformaria e o esmagaria talvez; a questão em tudo e em cada coisa, “Você quer isso mais uma vez e por incontáveis vezes?”, pesaria sobre os seus atos como o maior dos pesos! Ou o quanto você teria de estar bem consigo mesmo e com a vida, para não desejar nada além dessa última, eterna confirmação e chancela?³⁶

Se tudo vai retornar, visto que o tempo é infinito e as coisas são finitas³⁷, a sequência não é dada à priori e linearmente. A cada retorno, o ser humano pode escolher a direção de sua descarga. A possibilidade da liberdade está no posicionamento e relacionamento com os elementos e perspectivas que constituem um lugar ou cultura. A vida humana, até que se prove o contrário, não se manifesta na condição de já ter sido arquitetada (determinada) por outrem ou por outra vida passada. A vida humana ou os tipos de processos de subjetivação se fazem no presente, nos jogos de força, nas condições de trajetórias e descargas.

Cumpramos aqui retomarmos que quando falamos de forças, falamos de “vontades de poder”, de uma dinâmica do mundo em movimento eterno, um vir-a-ser que se faz por meio de jogos de forças espontâneos para além das leis determinísticas da Física Clássica, como já apontado alhures. Nesses jogos as forças aumentam ou diminuem o seu poder na busca pela efetivação de suas perspectivas de valor e concepção de mundo. O ser humano pode ser compreendido, então, como algo constituído por uma pluralidade de forças. Forças estas que, como visto, não estão necessariamente determinadas, mas que podem ser mobilizadas,

³⁶ NIETZSCHE, 2009a, p. 230. #341.

³⁷ NIETZSCHE, 2009a, p.136. #109.

direcionadas e terem suas qualidades modificadas a partir do estabelecimento de alguns tipos de relações e organizações. Por sua vez, neste mesmo veio, “o mundo visto de dentro, o mundo definido e designado conforme o seu ‘caráter inteligível’ – seria justamente ‘vontade de poder’”, e nada mais³⁸.

Sobressai do que fora apontado que um conjunto de forças em movimento é inapreensível. O conhecimento daquilo que está em contínuo fluxo é impossível. Nesse sentido ao ser humano só é dada a possibilidade de conhecer um recorte desse fluxo, ou seja, aquilo que está fixado e, portanto imóvel. É o que aponta Nietzsche no fragmento 11[278]³⁹ do caderno MIII⁴⁰ ao destacar que não existe uma precisa descrição de uma força em movimento. Quaisquer intentos nesse sentido seria apenas uma abstração de um provável estado da força – uma criação imaginária produzida a partir de um isolamento conceitual e qualitativo da força. É justamente a esta perspectiva de *fluxo contínuo de forças* que alocamos aquilo que no presente trabalho tem sido pensado como *Cultura (Kultur)*. E é junto dela que tudo pode retornar eternamente.

Resta claro, então, que todo conhecimento, toda valoração é sempre algo perspectivo que delimita e direciona a descarga da força e, conseqüentemente, é sempre resultante de embates de forças. Conhecer pode se manifestar como re-conhecer.

Esta explicação eu encontrei na rua; ouvi alguém do povo dizer: “ele me reconheceu” –: então me perguntei: o que entende mesmo o povo por “conhecimento”? o que quer ele, quando quer “conhecimento”? Não mais do que isto: algo estranho deve ser remetido a algo *conhecido*. E nós, filósofos – já entendemos *mais* do que isso, ao falar de conhecimento? O conhecido, isto é, aquilo a que estamos habituados, de modo que não mais nos admiramos, nosso cotidiano, alguma regra em que estamos inseridos, toda e qualquer coisa em que nos sentimos em casa: – como? Nossa necessidade de conhecer não é justamente essa necessidade do conhecido, a vontade de, em meio a tudo o que estranho, inabitual, duvidoso, descobrir algo que não mais nos inquiete?⁴¹

Nossos conceitos são invenções, assim destacou Nietzsche no fragmento 11[151] do Caderno MIII. Se assim o são, grosso modo, qual a função do conhecimento? Uma possível

³⁸ NIETZSCHE, 2017, p. 40. #36.

³⁹ NIETZSCHE, F. Nachgelassene Fragmente 1881-1882, Frühjahr-Herbst, MIII. Em: Werke: kritische Gesamtausgabe. T. V.2. Berlin, de Gruyter, 1977.

⁴⁰ Não faremos aqui citações diretas dos escritos de tal caderno, pois as traduções ainda não são oficiais e fidedignas.

⁴¹ NIETZSCHE, 2009a, pp.250-1, aforismo 355.

e rápida resposta seria a de que sua função é manifestar e/ou, minimamente, conservar um *quantum* de força. O que não estaria errado, contudo limitado. O excerto supra destaca um modo de conhecer ou de utilizar o conhecimento que diminui a qualidade da força, pois limita a sua dinamicidade e disposição para incorporar elementos estranhos, inabituais, duvidosos e inquietantes. A força⁴² então perde a sua liberdade, a sua possibilidade abrangente de descarga, visto que a indigência da busca do re-conhecimento faz do conhecer algo necessário e, portanto, determinista na escolha do modo de manifestação da *Auslösung* (descarga). *Erro dos erros!*

Oh, que fácil satisfação a dos homens do conhecimento! Examine-se, quanto a isto, os seus princípios e soluções para os enigmas do mundo! Quando reencontram nas coisas, sob as coisas, por trás delas, algo que infelizmente nos é bem conhecido ou familiar, como nossa tabuada, a nossa lógica ou nosso querer e desejar, como ficam imediatamente felizes! Pois “o que é familiar é conhecido”: nisso estão de acordo. Também os mais cautelosos entre eles acham que ao menos o familiar é mais facilmente cognoscível do que o estranho; que o método exige, por exemplo, que se parta do ‘mundo interior’, dos ‘fatos da consciência’, pois este é o mundo mais familiar para nós! Erro dos erros! O familiar é o habitual; e o habitual é o mais difícil de “conhecer”, isto é, de ver como problema, como alheio, distante, “fora de nós”⁴³.

O erro se torna orgânico e organiza. Assim como o hábito ou o habitual relaciona-se com a escolha. E esta quando reiterada diversas vezes cria o necessário. O necessário, por sua vez, (de)limita a manifestação da força, a direciona e determina um estilo, um tipo (*typus*) de vida, *um tipo de verdade* que não se toma enquanto problema⁴⁴, enquanto relação problemática. Aliás, “a força do conhecimento não está no seu grau de verdade, mas na sua antiguidade, no seu grau de incorporação, em seu caráter de condição para a vida”⁴⁵. Até que ponto a “verdade”, a “**mais fraca forma de conhecimento**”⁴⁶, suporta a incorporação de outras verdades, de outras perspectivas e faz daquele a utiliza um guerreiro, um herói, um feroz e abundante artista com uma multiplicidade de estados interiores cultivados?

Todos sabem, hoje em dia, que poder tolerar a contradição é um elevado sinal de cultura. Alguns sabem até que o homem superior deseja e evoca para si a contradição, a fim de ter uma indicação sobre a sua própria injustiça, que até então

⁴² O artigo definido “a” está disposto aqui apenas de modo didático, visto que Nietzsche não define o que é *força*, pois isso seria deveras metafísico. O pensador fala em relações de força.

⁴³ NIETZSCHE, 2009a, p.251. #355.

⁴⁴ Vale ressaltar que, grosso modo, o conhecimento é em si problemático, posto que seja apenas um recorte, uma imagem da força infinita e em movimento infinito.

⁴⁵ NIETZSCHE, 2009a, p. 137. #110.

⁴⁶ *Ibidem*. (grifos nossos)

desconhecia. Mas ser *capaz* de contradizer, ter *boa consciência* ao hostilizar o habitual, o tradicional e consagrado – isso é mais do que essas duas coisas e é o que há de verdadeiramente grande, novo e surpreendente em nossa cultura, o maior dos passos do espírito liberto: quem sabe isso?⁴⁷

A partir de tais questionamentos e apontamentos de Nietzsche podemos firmar que a problemática do conhecimento é tirada de um campo meramente especulativo da razão e da moral para eclodir num corpo, num sujeito que é filho de seu tempo e que enquanto sujeito do conhecimento estranha e contradiz aquilo que habitualmente o constitui⁴⁸. A *nobre* consciência, aquela que não é atravessada pela culpa e pelo ressentimento, aquela que sabe que *errar é a condição para viver*⁴⁹, surge desse movimento – um movimento de “mais de força”, de afirmação de Si-Próprio; Um *re-voltar-se*, um *re-virar-se* no que é moralmente tido como necessário à existência; um lançar-se na fenda da metáfora petrificada e agora partida e transvalorá-la; uma superação de si a partir da superação da *sólida reputação*⁵⁰.

Uma reputação sólida costumava ser extremamente útil; e onde quer que a sociedade continue a ser dominada pelo instinto de rebanho, é ainda muito conveniente, para cada indivíduo, fazer com que seu caráter e sua ocupação sejam tidos por imutáveis – mesmo que no fundo não o sejam. “Nele se pode confiar, ele continua o mesmo”: – em todas as situações perigosas da sociedade, este é o louvor de maior significado. A sociedade sente, com satisfação, que tem na virtude desse, na ambição daquele, na reflexão e no fervor daquele outro um *instrumento* confiável e sempre disposto – ele presta o máximo de honras a essa *natureza de instrumento*, essa fidelidade a si mesmo, essa invariabilidade nas opiniões, nas aspirações e até nos defeitos. Uma tal avaliação, que em toda parte floresce e floresceu justamente com a moralidade dos costumes, educa o “caráter” e *difama* toda mudança, toda reaprendizagem e transformação de si. Por maior que seja, de resto, a vantagem desse modo de pensar, para o conhecimento, ele é a mais nociva espécie de julgamento geral: por aí é condenada e difamada precisamente a disposição que tem o homem do conhecimento para, de maneira intrépida, declarar-se a qualquer momento *contra* a sua opinião prévia e ser desconfiado em relação a tudo o que em nós quer se tornar *sólido*. A atitude do homem do conhecimento, ao contradizer a “reputação sólida”, é vista como *desonrosa*, ao passo que a petrificação das opiniões tem o monopólio das honras: – sob o sortilégio de tais valores temos que viver ainda hoje! É difícil viver, quando se sente o juízo de muitos milênios contra si e em volta de si! É provável que o conhecimento fosse tomado de má consciência por muitos milênios, e que tenha havido muito autodesprezo e oculta miséria na história dos grandes espíritos⁵¹.

⁴⁷ NIETZSCHE, 2009a, pp.201-2. #297.

⁴⁸ Importante destacar que não houve tempo hábil para trabalhar a relação do *eterno retorno* com *uma estética da existência humana*, junto dos apontamentos deixados por Nietzsche no fragmento póstumo de 1884, 26 [284] na qual destaca que o eterno retorno tem a “objetividade da necessidade”. Portanto, uma obra nossa a ser realizada.

⁴⁹ Cf. MIII1 - 11[162].

⁵⁰ Cf. NIETZSCHE, 2009a, pp.200-1, aforismo 296.

⁵¹ *Ibidem*.

A riqueza dos antagonismos

De saída, na obra *A verdade e as formas jurídicas*⁵², Foucault toma um fragmento nietzschiano que destaca que o conhecimento é uma invenção humana. O conhecimento, tal como expresso no excerto, é algo criado, inventado, que não possui origem. Dizer que o mesmo não possui origem é afirmar que ele não faz parte de uma *natureza humana* ou que seja algo determinante e prima causa em tal espécie. Para Nietzsche, em sua teoria sobre os afetos, o conhecimento está relacionado aos instintos, mas apenas como fruto dos digladios que estes travam entre si. O conhecimento seria, portanto, a resultante dos embates entre as afetações experienciadas pelo corpo – na relação consigo e com outros corpos. Nesse sentido complementa Foucault:

O conhecimento tem por fundamento, por base, e por ponto de partida os instintos, mas instintos em confronto entre si, de que ele é apenas o resultado, em sua superfície. O conhecimento é como um clarão, como uma luz que se irradia, mas que é produzido por mecanismos ou realidades que são de natureza totalmente diversa. O conhecimento é o efeito dos *instintos*, é como um lance de sorte, ou como o resultado de um longo compromisso (...), como uma ‘centelha entre duas espadas’, mas que não é do mesmo ferro que as duas espadas’.⁵³

Tais considerações de Nietzsche e Foucault tomam que no ser humano a consciência ou a razão está disposta como um desdobramento de algo que lhe atravessa. Tal desdobramento é sempre perspectivo e interessado. De modo que *o conhecimento resulta da projeção de nossos impulsos e anseios, razão pela qual Nietzsche o considera sempre determinado por certa perspectiva, seja individual, seja socioculturalmente determinada*⁵⁴. Conhecer estaria, então, relacionado ao movimento de agregar perspectivas, acumular forças e descarregar-las (*Auslösung*), esbanjá-las e, por consequência e diante de possibilidades de atuação, desencadear novas perspectivas de conhecimento. Afinal,

De que valeria a obstinação do saber se ele assegurasse apenas a aquisição dos conhecimentos e não, de certa maneira, e tanto quanto possível, o descaminho daquele que conhece? Existem momentos na vida onde a questão de saber se se pode pensar diferentemente do que se pensa e perceber diferentemente do que se vê, é indispensável para continuar a olhar ou a refletir. Talvez me digam que esses jogos consigo mesmo têm que permanecer nos bastidores; e que no máximo eles fazem

⁵² FOUCAULT, M. *A verdade e as formas jurídicas*. Rio de Janeiro. Ed. Nau. 1996, p. 13.

⁵³ FOUCAULT, 1996, pp. 16-17.

⁵⁴ GIACIOIA JUNIOR, O. *NIETZSCHE*. 1ª ed. São Paulo: Publifolha, 2000, p. 24.

parte desses trabalhos de preparação que desaparecem por si sós a partir do momento em que produzem seus efeitos.⁵⁵

A nosso ver, grosso modo, os processos nomeados como *formação* e *educação* revelam e desvelam atitudes singulares e coletivas voltadas para a constituição de uma humanidade no animal humano, ou seja, processos destinados a elencar em dado espaço ou cultura os elementos (conhecimentos, perspectivas de valor, modos de conservação etc.) juntos dos quais os indivíduos e as sociedades se constituem, se inventam. Tais processos ocorrem institucionalizados ou não. De modo que podem estar voltados para a obtenção de um título acadêmico, por exemplo, ou, simples e arduamente, destinados a uma estética e cuidado de si. Vale destacar que no primeiro caso é a finalidade ou o resultado (a dissertação, a tese) que justifica, que direciona o processo de conhecer. Já no segundo caso, a legitimidade encontra-se no próprio conhecer – no caminho ou descaminho daquele que se lança no processo.

Um dos meus passos e avanços mais substanciais parece-me ser este: aprendi a diferenciar a causa do agir da causa do agir de tal e tal modo, do agir numa particular direção, com um objetivo particular. A primeira espécie de causa é um *quantum* de energia represada, esperando ser utilizada de alguma forma, com algum fim; já a segunda espécie é algo insignificante comparado a essa energia, geralmente um simples acaso, segundo o qual aquele *quantum* se “desencadeia” de uma maneira ou de outra: o fósforo em relação ao barril de pólvora. Entre esses pequenos acasos e fósforos incluo todos os pretensos “fins” e também as ainda mais pretensas “vocações”: são relativamente fortuitos, arbitrários, quase indiferentes, em relação ao enorme *quantum* de energia que urge, como disse, para ser de alguma forma consumido. Normalmente as pessoas vêm (sic) isso de outra maneira: estão acostumadas a ver precisamente no objetivo (finalidade, profissão, etc.) a força *motriz*, conforme um erro antiquíssimo – mas ele é apenas a força *diretiva*, o piloto já foi aí confundido com o vapor. E muitas vezes nem mesmo o piloto, a força diretiva... O “objetivo”, o “fim”, não seria frequentemente um pretexto embelezador, um posterior fechar de olhos da vaidade, que não quer admitir que o barco *segue* a corrente na qual fortuitamente caiu? Que ele “quer” ir para lá porque – *tem* de ir? Que ele tem uma direção, mas não – um piloto? Necessitamos de uma crítica do conceito de finalidade.⁵⁶

Nesse ponto é lícito destacar que cada ser humano é convidado a pensar sobre a função e a finalidade do conhecimento e daquilo que lhe é conhecido e desconhecido em sua vida singular. De certo que nosso “barco”, nossa unidade corpo e mente, segue fortuitamente o espírito do seu tempo (*zeitgeist*), resta questionar o que do nosso tempo é possível apreender e necessário ignorar. Pois, tal como expresso no aforismo supra, o barco tem uma direção,

⁵⁵ FOUCAULT, 1998, p. 11.

⁵⁶ NIETZSCHE, 2009a, p.262.

mas não, necessariamente, um piloto. A nosso ver, são os processos educativos e formativos, a experiência de si no conhecimento ou a falta dela, que podem legitimar um piloto para o barco.

O que numa acepção foucaultiana pode ser tomada como uma *ontologia crítica de nós mesmos, uma crítica permanente de nosso ser histórico*, uma atitude experimental feita por meio daquilo que *dizemos, pensamos e fazemos*⁵⁷. Um movimento reflexivo junto daquilo que *nos é apresentado como universal, necessário, obrigatório*, a fim de perscrutar *qual é a parte do que é singular, contingente e fruto das imposições arbitrárias*⁵⁸.

Nessa perspectiva de uma *ontologia crítica de si* é justo destacar que os processos de subjetivação se dão, segundo Foucault, nos “jogos de verdade”.

(...) aquilo a que me atento – a que me ative desde tantos anos – é a tarefa de evidenciar alguns elementos que possam servir para uma história da verdade. Uma história que não seria aquela do que poderia haver de verdadeiro nos conhecimentos, mas uma análise dos “jogos de verdade”, dos jogos entre o verdadeiro e o falso, através dos quais o ser se constitui historicamente como experiência, isto é, como podendo e devendo ser pensado. Através de quais jogos de verdade o homem se dá seu ser próprio a pensar quando se percebe como louco, quando se olha como doente, quando reflete sobre si como ser vivo, ser falante e ser trabalhador, quando ele se julga e se pune enquanto criminoso?⁵⁹

Tal como visto no capítulo anterior, Nietzsche viu “a má consciência como a profunda doença que o homem teve de contrair”⁶⁰ para sobreviver no âmbito da civilização e seus valores (e planos). No seu Zarathustra, quando fala da sociedade destaca a mesma como a “praça da moscas”; o espaço público onde a possibilidade de uma experiência de si fica tremendamente comprometida devido às contorções que o corpo tem de realizar para sobreviver em tal âmbito. A sobrevivência leva ao hábito, à moral, à boa conduta, à interpretação (numa sociedade de atores), ao saber necessário para manter-se no vicioso leito de um rio com início, meio e fim. E neste ponto, *todos os instintos que não se descarregam para fora voltam-se para dentro – isto é o que chamo de interiorização do homem: é assim que no homem cresce o que depois se denomina sua “alma”*⁶¹, aponta Nietzsche que, por sua

⁵⁷ FOUCAULT, M. O que são as Luzes? Em: MOTTA, M. B. *Coleção Ditos e Escritos II – Arqueologia das Ciências e História dos Sistemas de Pensamento*. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008, p. 347.

⁵⁸ *Ibidem*.

⁵⁹ FOUCAULT, 1998, pp.11-2.

⁶⁰ NIETZSCHE, 1998, p. 67.

⁶¹ *Ibidem*.

vez destaca a “solidão” como refúgio aos zumbidos das moscas venenosas e para, com isso, tornar-se causa de si mesmo.

Refugia-te, meu amigo, em tua solidão! Vejo-te aturdido pelo ruído dos grandes homens, e crivado pelos agulhões dos pequenos. (...) Onde cessa essa solidão começa a praça pública, e onde começa a praça pública, começa também o ruído dos grandes cômicos e o zumbido das moscas venenosas. No mundo, as melhores coisas não valem nada sem alguém que as represente; grandes homens chama o povo todos os atores. O povo mal compreende o que é grande, quer dizer, o que é criador. Mas tem um sentido para todos os atores e cômicos das grandes causas.⁶²

Esse tipo de solidão tido como refúgio pode ser mais bem apreendido nos últimos passos da figura do viandante encontrado também no Zaratustra de Nietzsche:

Eu sou um viajante e um escalador de montanhas – disse de si para si -, não me agradam planícies, e parece que não posso estar muito tempo sossegado. Ou seja porque o queira o meu destino ou a eventualidade que me espera, sempre uma viagem há de ser para mim uma ascensão às montanhas; em suma, cada qual repete apenas a sua própria experiência. Passou o tempo em que me poderiam sobrevir acasos; (...) Quem é da minha espécie, não se livra de semelhante hora, aquela que nos diz: “Só agora segues o caminho para a grandeza. Cume e abismo confundem-se hoje *num* só! Estás em marcha para o caminho de tua grandeza: veio agora a ser o teu supremo refúgio e foi até aqui o teu supremo perigo”.⁶³

Destaca-se do excerto acima a seguinte afirmação de Zaratustra: *cada qual repete apenas a sua própria experiência*. É nesse sentido, e junto do que aqui fora trazido até então, que o presente trabalho vem à baila para problematizar e delinear uma finalidade do conhecimento, ou, propriamente, dos processos de conhecer, enquanto aquisição de forças, jogos de força (jogos de verdade) e possibilidades de descarga que *ensaiam* uma vivência para além das produções sob a égide de bem do mal. Afinal,

Somos *fecundos* apenas ao preço de sermos ricos em antagonismos; permanecemos *jovens* apenas sob a condição de que a alma não relaxe, não busque a paz... Nada se tornou mais estranho a nós do que aquele desiderato *cristão*; nada nos causa menos inveja do que a vaca moral e a gorda satisfação da boa consciência. Renunciamos à vida *grande*, ao renunciarmos à guerra... Em muitos casos, é certo, a “paz de espírito” é apenas um mal-entendido – *outra* coisa, que não sabe denominar-se mais honestamente.⁶⁴

⁶² NIETZSCHE, F. Assim falava Zaratustra – um livro para todos e para ninguém. Tradução e notas Mário Ferreira dos Santos. 2ª ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2008, p. 77.

⁶³ Idem, pp. 205-6.

⁶⁴ NIETZSCHE, 2010, p. 35.

O historiador Sérgio Buarque de Holanda, em seu livro “Raízes do Brasil”⁶⁵, utiliza-se da expressão “homem cordial”, para referir-se ao povo brasileiro. Hospitalidade e generosidade seriam *traços* marcantes, unários, que caracterizam o modo inventivo de tal povo e, ao mesmo tempo, sua relação com outros povos. Importante destacar é que Holanda aponta que tais traços não resultam em indelévels estados de bondade, amizade ou mesmo ingenuidade e resignação. Eles constituem mais um modo de resistência, ruptura e superação de uma condição do que, propriamente, o respeito à moral e aos bons costumes.

Tomando rápida e levianamente o conceito de “homem cordial” infere-se que o povo brasileiro carregaria em si a contradição de *prezar e desprezar*, de viver e matar... de coração. Desse modo o Amor surge junto deste trabalho na condição não apenas de um sentimento humano, mas, sim, como um *dispositivo articulador* de avaliações que, no enalço de processos de subjetivação potentes, fortes e saudáveis, atua na busca por leais inimigos. Afinal, como prescreve Zaratustra, “Vosso inimigo deveis procurar, vossa guerra deveis conduzir, por vossos pensamentos! E, se vosso pensamento sucumbir, vossa **retidão** deve ainda gritar vitória!”.⁶⁶ Vale destacar que, “retidão” tem o sentido de *probidade intelectual* – uma postura, uma corajosa vontade de verdade ou de veracidade, que flerta com a *parresia*, o risco, o perigo, a contradição. Assim, o Amor “é um estar-se preso por vontade; é servir a quem vence – o vencedor; é ter com quem nos mata lealdade. Tão contrário a si é mesmo o amor”.⁶⁷ E para tanto é necessária certa disponibilidade física e afetiva; uma psicofisiologia forte e saudável! É preciso aprender a amar! Mas de modo *intensamente sutil*! Assim como Nietzsche pensou junto ao seu *saber alegre*, sua Gaia Ciência: como recompensa “pela nossa boa vontade, nossa paciência, equidade, ternura para com o que é estranho”.⁶⁸

Não havendo um sentido, meta ou objetivo único a ser alcançado pela humanidade, mas, entretanto, existindo em cada ser ou grupo de seres humanos uma capacidade distintiva de organização e manifestação (descarga) das forças que os compõem, essa legitimidade, não se encontra arraigada em nenhum juízo de valor, expresso como um “bem” ou um “mal”. Ela se justifica na proveniência de um aumento significativo das potências e forças avaliativa, assimilativa e criativa que, diante dos *jogos de verdades* e da complexidade dos *impulsos*

⁶⁵ HOLANDA, S. B. *Raízes do Brasil*. 26ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

⁶⁶ NIETZSCHE, 2015, p. 47. Grifos nossos.

⁶⁷ RUSSO, R. Monte Castelo. Em: Legião Urbana. Álbum: *As quatro estações*. Gravadora: EMI, 1989.

⁶⁸ NIETZSCHE, F. 2009, p. 221.

contraditórios que constituem o animal humano, alavancam a *probidade intelectual* como o melhor experimento de si no pensamento.

Tal experimento só pode se dar mediante um trabalho ascético, *educativo*, ético e, portanto, *heroico*, no qual o limite da aventura é a autossupressão de si (*Selbstaufhebung*) – não como resignação, suicídio ou genocídio, mas como cultivo (*Zucht*) autocultivo, autogenealogia e autoreferencialidade. Tal qual o preceito nietzschiano, “o educador deve, antes, educar a si mesmo”: implicar-se em *sua* educação e assim percorrer o caminho de quem ama: o caminho do criador – o caminho que se faz ao caminhar... caminhar... e caminhar. Afinal, “o amor é um ser em mutação”⁶⁹ que está em movimento eterno e em velocidade infinita. Ele é “a força luminosa que ao mesmo tempo cega e nos dá uma nova visão”.⁷⁰

Só se vive no amor...

⁶⁹ MOSKA, 2001a.

⁷⁰ Ibidem.

III – UMA EDUCAÇÃO HERÓICA OU...

*A dor diz: Passa!
Mas todo prazer quer eternidade...*

Nietzsche¹

O deserto se adensa

O amor que eu te tenho é um afeto tão novo que não deveria se chamar amor. De tão irreconhecível, tão desconhecido, que não deveria se chamar amor. Poderia se chamar nuvem, porque muda de formato a cada instante. Poderia se chamar tempo, porque parece um filme a que nunca assisti antes. Poderia se chamar labirinto, porque sei que não conseguirei escapular. Poderia se chamar aurora, pois vejo um novo dia que está por vir. Poderia se chamar abismo, pois é certo que ele não tem fim. Poderia se chamar horizonte que parece linha reta, mas sei que não é assim.

O amor que eu te tenho é um afeto tão novo que não deveria se chamar amor. De tão irreconhecível, tão desconhecido, que não deveria se chamar amor. Poderia se chamar primeiro beijo, porque não lembro mais do meu passado. Poderia se chamar último adeus que meu antigo futuro foi abandonado. Poderia se chamar universo, porque nunca o entenderei por inteiro. E poderia se chamar palavra louca, que na verdade quer dizer aventureiro. Poderia se chamar silêncio porque minha dor é calada e meu desejo é mudo. E poderia simplesmente não se chamar para não significar nada e dar sentido a tudo.²

Terminamos o capítulo anterior afirmando que “só se vive no amor”³. Nesse sentido é possível que exista uma tipologia humana que, tal qual Zaratustra, tenha o sol matinal como o “profundo olho da felicidade”⁴ e o bendiga em sua caminhada. Mas também é possível que exista uma tipologia, um processo de subjetivação com uma *necessidade específica/constringente*, que dispare contra o sol com sua “metralhadora cheia de mágoas”⁵. Tal como já pensado outrora, há uma grande diferença entre *viver* e *sobreviver*. Zaratustra vive! Conquistou sua liberdade e segue caminhando depois de livrar-se da sedução do seu “derradeiro pecado” (enunciado pelo velho adivinho): a compaixão pelo homem superior (engendrado pela moral).

¹ NIETZSCHE, 2015, p. 308.

² MOSKA, P. Não deveria se chamar amor. Em: Paulinho Moska. Álbum: Eu falso da minha vida o que eu quisier. Gravadora: EMI Brazil, 2001b.

³ MOSKA, 2001a.

⁴ NIETZSCHE, 2015, p. 309.

⁵ NETO, A.; BRANDÃO, A, O tempo não para. Em: Cazuza. Álbum: *Cazuza – O tempo não para*. Gravadoras: Polygram e Universal Music, 1988.

Zaratustra compadecia dos homens superiores. É justamente da compaixão dos outros que padece aquele que sobrevive. “Dias sim, dias não, eu vou sobrevivendo sem um arranhão da caridade de quem me detesta”, diz ele. A compaixão transformada em virtude pode ser tida como uma forma de *niilismo negativo*⁶, pois é possível que se identifique com o sofrimento do outro e exerça um esforço para poupá-lo do sofrimento – mantendo-o na condição que ele está e/ou, ainda pior, dissuadindo-o da capacidade de superar-se. É através desta manifestação compassiva que a vida é negada, posto que seja extremamente conservadora e tenda a buscar o nivelamento entre os homens – o domínio de suas psicofisiologias, suas necessidades.

A vida mesma é, para mim, instinto de crescimento, de duração, de acumulação de forças, de *poder*: onde falta a vontade de poder há declínio. Meu argumento é que a todos os supremos valores da humanidade *falta* essa vontade – que valores de declínio, valores *niilistas* preponderam sob os nomes mais sagrados.⁷

A compaixão é a condição de existência daqueles que não podem ou não querem superar a si mesmos – por isso, dentre outras, querem que chegue logo “dia do juízo final” (da chegada ou manifestação do absoluto, do deus ou da condição incondicionada, imutável) e/ou que o tempo volte a um ponto em que eram felizes e assim “sonham com melhores tempos idos... contemplam essa vida numa cela”⁸. Eles são incapazes de assimilar as contradições perspectivas que a Vida traz. E por esse motivo, muitas das vezes, essa tipologia humana erroneamente chama de *amor* um *querer* escravo e escravizante sem ter em si que “a morte do amor”, acontece precisamente “quando, diante do seu labirinto, decidimos caminhar pela estrada reta”⁹. Afinal, “ele nos oferece seus oceanos de mares revoltos e profundos e nós preferimos o leito de um rio: com início, meio e fim”¹⁰.

A compaixão à medida que é uma transfiguração do medo faz uso de diversos ardises para vilipendiar a imagem e a força do amor. Se retomarmos aqui o pressuposto do mundo enquanto *vontade de poder* teremos que o sumo problema da compaixão é que ela é uma

⁶ Cumpre destacar que no presente trabalho não estamos nos utilizando das diferenças de niilismo destacadas por Gilles Deleuze (1925 – 1995) em sua obra sobre Nietzsche. Para nós, os niilismos negativo, passivo, reativo são utilizados com o mesmo teor de modo de declínio de vida. Cf: DELEUZE, G. Nietzsche e a filosofia. Tradução de Edmundo Fernando dias e Ruth Joffily Dias. Rio de Janeiro: Editora Rio, 1976.

⁷ NIETZSCHE, F. *O anticristo: maldição ao cristianismo*. 1ª reimp. Tradução, notas e posfácio de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das letras, 2009d, p. 13.

⁸ VALENÇA, A.; RAMALHO, Z. Admirável gado novo. Em: Zé Ramalho. Álbum: Zé Ramalho 2. Gravadora: Epic, 1979.

⁹ MOSKA, 2001a.

¹⁰ Ibidem.

vontade de poder, mas que quer se vender como se vontade de poder não fosse. Nesse sentido, minimamente, falta-lhe honestidade. É por isso que Nietzsche a combate, sobretudo em Aurora, a partir de sua problematização junto das últimas consequências da própria moral, ou seja, por moralidade¹¹. Afinal, a compaixão ou a moral da compaixão é uma tentativa de submissão das multiformes potencialidades de existência da vida humana.

Eu falo de *amor* à Vida, você de *medo* da morte. Eu falo da força do Acaso e você de azar ou sorte. Eu ando num labirinto e você em linha reta. Te chamo pra festa, mas você só quer atingir sua meta: sua meta é a seta no alvo, mas o alvo na certa não te espera.

Eu olho pro infinito e você de óculos escuros. Eu digo: "Te amo" e você só acredita quando eu juro. Eu lanço minha alma no espaço, você pisa os pés na terra. Eu experimento o futuro e você só lamenta não ser o que era. E o que era? Era a seta no alvo, mas o alvo, na certa não te espera.

Eu grito por liberdade, você deixa a porta se fechar. Eu quero saber a verdade e você se preocupa em não se machucar. Eu corro todos os riscos, você diz que não tem mais vontade. Eu me ofereço inteiro, e você se satisfaz com metade. É a meta de uma seta no alvo, mas o alvo, na certa não te espera.

Então me diz qual é a graça de já saber o fim da estrada quando se parte rumo ao nada?¹²

A graça, o riso, a transvaloração do sofrimento. A afirmação de uma existência, de um pensamento alegre a partir da assimilação da dor e de uma resposta criativa a ela – se não criativa, ao menos honrada enquanto a resultante de escolhas não deliberadas, mas carregadas e encharcadas de tudo aquilo que pode ser assimilado da Vida. Afinal, tal como canta Ivan Lins em *Daquilo que eu sei*: “não fechei os olhos, não tapei os ouvidos, cheirei, toquei, provei... Ah eu, usei todos os sentidos. Só não lavei as mãos e é por isso que eu me sinto cada vez mais limpo!”¹³. É assim que o deserto do niilismo se adensa em um espírito heroico. Não como algo negativo, anestésico, vingativo, dilacerante, adaptado, resignado, mas, sim, como poder criativo, como coragem, como crescimento, como *processo educativo* – como *cultura do espírito... como arte*.

Nas três metamorfoses do espírito¹⁴ é para o deserto onde o *espírito camelo* corre ao sair da “praça das moscas” a fim de realizar sua transmutação para o leão. O deserto também

¹¹ Cumpre destacar que neste procedimento aquilo que trabalhamos como “impulso à verdade” faz-se de extrema importância.

¹² MOSKA, P. A seta e o alvo. Em: Paulinho Moska. Álbum: + *novo de novo*. Gravadora: EMI-Odeon, 2007.

¹³ LINS, I.; MARTINS, V. *Daquilo que eu sei*. Em: Ivan Lins. Álbum: *Ivan Lins & The Metropole Orchestra*. Gravadora: Biscoito Fino, 2009.

¹⁴ NIETZSCHE, 2015, p. 27.

pode ser compreendido como o ponto de suprema solidão no qual o niilismo pode despontar como a maior das incredulidades que, à flor da pele, tal como canta Zeca Baleiro, pode fazer com que o desejo se confunda com a vontade de nem ser, com uma melancolia dilacerante, como a mais completa falta de sentido para existir. Mas o que é a transmutação do espírito se não uma “viragem” (*Umkehrung*) em dada condição?

É nesse sentido que destacamos o deserto como algo fecundo, como possibilidade artística, performática, transformativa e transvalorativa, pois a própria potência da força niilista pode se dar como força ativa que suplanta quaisquer necessidades de grandes convicções. É este tipo de niilismo que supomos se realizar nos processos educativos heroicos. Afinal, ele é abertura, crescimento, desenvoltura, coragem, revolução, criação... a força diretiva do amor quando tem de desprezar. É a alquimia (transformação) daquilo que era coletividade para algo que está no campo da singularidade; é o salto para além da padronização, esquadramento, direcionamento, funcionalidades e modos compreender, conhecer e pensar (e sentir) pessoas e coisas.

Vou sair me cansei daqui
 Vagar, devagar... Caminho é onde o coração quer estar.
 Pra onde vou não cabe muito do que fui e sou
 Mas o melhor que há em nós me grita: “Fique aqui!!”
 Razão já não tem razão, **mas nem todo deserto nos traz solidão**
 Caio fora, pois o Tempo me devora se eu lutar
 Se invisto contra aquilo que eu não posso nunca evitar
 Caio fora, pois a Vida me devora se eu ficar!
 Estou farto de lamento, de ressentimento, de mendigar amor.
 Vou cuidar de mim...¹⁵

Vale ressaltar ainda neste contexto que este tipo de *deserto fértil* mostra-se como o campo privilegiado para o *cultivo* (*Zucht*) de novas formas e forças humanas, assim como, para o *cuidado* da condição humana que mais destacamos desde o início deste trabalho: o desamparo (*Hilflosigkeit*). Para nós resta claro que tanto o medo como o amor são modos de resposta ao desamparo. No entanto, quando destacamos o amor como “relação de cuidado” o colocamos como o melhor veio para os trabalhos no campo da formação e da educação, posto que tem como cerne o risco, ao invés de certezas, funcionalidades e objetivos. *O amor como cuidado de si* denota a possibilidade do cultivo de novas e singulares perspectivas que

¹⁵ SANTOS, S. O. *Me cansei daqui (vou cuidar de mim)*. Música autoral. Em estúdio. Lançamento previsto: abril de 2019.

tamponam, ao menos por um tempo, a dor lacerante do desamparo. Afinal, a Vida não se realiza junto de perspectivas unilaterais e definitivas. Ela é, foi e sempre será uma ordem em um equilíbrio dinâmico: o desamparo é mais um dos seus campos de batalhas.

Uma educação heroica pode de ser cultivada no terreno fértil de uma psicofisiologia que, pautada em uma *Psicologia Trágica*, aos moldes de uma “*teoria da evolução da vontade de poder*”¹⁶, é o campo de batalhas no qual da química entre pares tidos como opostos, na consideração daquilo que foi moralmente desprezado, de boas e salutares doses de veneno, surge, artística e singularmente, uma guerra e uma paz. Ou seja, a experiência de estar vivo e poder e a beleza de *escrever com sangue!*

Toda a psicologia, até o momento, tem estado presa a preconceitos e temores morais: não ousou descer às profundezas. Compreendê-la como morfologia e *teoria da evolução da vontade de poder*, tal como faço – isto é algo que ninguém tocou sequer em pensamento: na medida em que é permitido ver, no que foi até agora escrito, um sintoma do que foi até aqui silenciado. A força dos preconceitos morais penetrou profundamente no mundo mais espiritual, aparentemente mais frio e mais livre de pressupostos – de maneira inevitavelmente nociva, inibidora, ofuscante, deturpadora. Uma autêntica fisiopsicologia tem de lutar com resistências inconscientes no coração do investigador, tem “o coração” contra si: já uma teoria do condicionamento mútuo dos impulsos “bons” e “maus” desperta, como uma mais sutil imoralidade, aversão e desgosto numa consciência ainda forte e animada – e mais ainda **uma teoria na qual os impulsos bons derivem dos maus**. Supondo, porém, que alguém tome os afetos de ódio, inveja, cupidez, ânsia de domínio, como afetos que condicionam a vida, **como algo que tem de estar presente, por princípio e de modo essencial, na economia global da vida**, e em consequência deve ser realçado, se a vida é para ser realçada – esse alguém sofrerá com tal orientação do seu julgamento como quem sofre de enjoo do mar. No entanto, mesmo essa hipótese está longe de ser a mais dolorosa e mais estranha nesse desmesurado, quase inexplorado reino de conhecimentos perigosos; e existe, de fato, uma centena de boas razões para que dele mantenha distância todo aquele que – *puder!* Por outro lado, se o seu navio foi desviado até esses confins, muito bem: Cerrem os dentes! Olhos abertos! Mão firme no leme! – navegamos diretamente sobre a moral e *além* dela, sufocamos, esmagamos talvez nosso próprio resto de moralidade, ao ousar fazer a viagem até lá – mas que importa *nós!* Jamais um mundo tão *profundo* de conhecimento se revelou para navegantes e aventureiros audazes: e o psicólogo, que desse modo “traz um sacrifício” – que não é o *sacrifizio dell'intelletto*, pelo contrário! –, poderá ao menos reivindicar, em troca, que a psicologia seja novamente reconhecida como rainha das ciências, para cujo serviço e preparação existem as demais ciências. Pois a psicologia é, uma vez mais, o caminho para os problemas fundamentais.¹⁷

Esse, a nosso ver, é o impulso central de uma Educação Heroica que nos conduz aos *problemas fundamentais* da existência humana a nos permitir cultivar em nós as condições necessárias para a superação dos preconceitos morais que nos são engendrados desde a

¹⁶ NIETZSCHE, 2017, p. 27.

¹⁷ *Ibidem*, pp.27-8. (grifos nossos)

concepção de nossas primeiras células, de nossa primeira natureza. O esforço, a guerra e paz do educador, demonstra-se honrada na preparação do educando para o trabalho com aquilo que é tido como atroz na existência humana. Sua luta é contra a esterilização da Vida, pois coragem encontra-se na arte de enfrentar, assimilar e transformar contrários. De saber que não existe vida sem morte, criação sem destruição, som sem silêncio, felicidade, liberdade sem dor. Ele faz da *sua vida* uma obra de arte e propicia condições – um solo fértil – para que novos artistas aconteçam – que cultivem a si mesmos de modo honrado, íntegro, digno!

Pensar de outra forma para sentir de outra forma

Na Vida, ao menos no pressuposto que adotamos para o presente trabalho, não existe nenhum absoluto, nenhuma verdade inquestionável e imutável. Tal como frisamos no capítulo anterior, o que há nas esferas das relações humanas são *interpretações* que, por sua vez, não correspondem a uma realidade última, a um fundamento último, mas, sim, a um valor, um simples valor perspectivo que pode até surgir como um *sintoma* e/ou *necessidade* de certa psicofisiologia. Mas os compassivos se arvoram das finalidades, dos fins, da “seta no alvo” e não se dão conta de que eles são artigos de fé, que são *erros fundamentais*, mas que são apenas erros.

Eles acreditam piamente em suas verdades e nos papéis sociais que desempenham a partir deles (são ótimos atores). Eles se acreditam *virtuosos* e temem perder essas virtudes e não deixá-las como heranças brilhantes para os seus filhos. Eles imaginam demais e tomam a mentira, os seus erros, como o combustível que ilumina a arrogância que os mantêm vivos. É como canta Lenine: “Do alto da arrogância qualquer homem se imagina muito mais do que consegue ser. (...) Focado no seu mundo qualquer homem imagina muito menos do que pode ver. No escuro do seu quarto ignora o céu lá fora e fica claro que ele não quer perceber”.¹⁸

Esse homem ou essa tipologia humana não quer perceber ou assimilar nossa inquietante condição na qual “não temos o poder de não se deixar enganar”. É essa condição que inquieta e faz irromper o niilismo negativo – aquele que se faz dilacerante e anestésico e

¹⁸ LENINE; FALCÃO, D. Simples assim. Em: Lenine. Álbum: *Carbono*. Gravadora: Universal Music, 2015.

que faz festa nas religiões, morais e demasiadas crenças nas quais se busca domar o homem, direcionar sua psicofisiologia e castrar a multiplicidade dos afetos sufocados que se debatem, ecoam e pedem manifestação: eis o impulso daquele que busca “a Trapa”¹⁹.

O mesmo remédio: castração, extirpação, é instintivamente escolhido, no combate a um apetite, por aqueles que são demasiado fracos de vontade, degenerados demais, para poderem se impor uma medida: por aquelas naturezas que necessitam de *la Trappe*, para falar em alegoria (e sem alegoria –), de alguma definitiva declaração de hostilidade, de um *abismo* entre si e uma paixão. Os remédios mais radicais são indispensáveis somente aos degenerados; a fraqueza da vontade ou, dito com mais determinação, a inaptidão a *não* reagir a um estímulo, é ela mesma meramente uma outra forma de degenerescência.²⁰

O problema do niilismo negativo, ressentido (sacerdotal e/ou schopenhaueriano) é que ele se pretende absoluto frente ao *non sense* da vida. E com isso torna-se rancoroso e apto a matar, destruir, castrar. É por isso que pressupomos Nietzsche estar certo ao dizer que “o conceito de espiritualização da paixão não podia absolutamente ser concebido no solo do que brotou o cristianismo”.²¹

Um grave problema daqueles que vivem o niilismo como algo negativo, passivo e/ou ressentido é que obtêm dele uma *vontade de destruição*. O *medo* de errar, a necessidade de não poder errar, de ter que fazer dar tudo certo, a necessidade de criar enredos e fantasias de compensação para que os fins justifiquem os meios culmina em modos de existência que sabem apenas empobrecer, cortar, de castrar, mata a vida. Eles só sabem aniquilar. E esse movimento quando voltado para o campo da educação só sabe *deformar*. Visto que, “*aniquilar* as paixões e os desejos apenas para evitar sua estupidez e as desagradáveis consequências de sua estupidez, isso no parece, hoje, apenas uma forma aguda de estupidez. Já não admiramos os dentistas que *extraem* os dentes para que eles não doam mais”²².

Um currículo formativo instituído, por exemplo, via Ministério ou Secretaria de Educação, é um constructo teórico-prático de gênese e exercício de um poder que delimita os modos relacionais entre instituições e pessoas. Tais modos são determinantes nos processos

¹⁹ Conforme nota aqui transcrita de Rubens R. T. Filho “a Trapa” designa “uma ordem religiosa com sede em La Trappe, ou conventos dessa ordem, dos monges “trapistas”, reformada dentro de rigor extremo por Armand Jean de Rancé (1626-1700), ele próprio em busca de cura por seus anteriores excessos eróticos.

²⁰ NIETZSCHE, F. Crepúsculo dos ídolos ou como filosofar com o martelo. Em: Nietzsche. Coleção: *Os pensadores*. Seleção de textos Gérard Lebrun. Tradução e notas de Rubens Rodrigues Torres Filho. Posfácio de Antônio Cândido. São Paulo: Editora Nova Cultural Ltda, 1999, p. 377. Moral como contranatureza. §2.

²¹ NIETZSCHE, 2010, p. 33.

²² *Ibidem*.

de subjetivação, pois conformam tipos de ambientes que afetam seus partícipes tornando-se consequentemente *parte* deles, sobretudo, através dos mecanismos de imputação e implicação, estabelecidos por tais instituições e suas sanções advindas daquilo que é outorgado como *a norma e o normal*. Não nos esqueçamos, tal como pensado no primeiro capítulo, da fortíssima influência dos *sentimentos morais* nos processos de ensino e aprendizagem. Nesse sentido é válido destacar que:

Claramente os sentimentos morais são transmitidos deste modo: as crianças percebem, nos adultos, fortes inclinações e aversões a determinados atos, e, enquanto macacos natos, *imitam* essas inclinações e aversões. Depois em sua vida, quando se acham plenas desses afetos apreendidos e bem exercitados, acham questão de decência um “Por quê?” posterior, uma espécie de fundamentação para as inclinações e aversões. Mas essas “fundamentações” nada têm a ver com origem ou grau do sentimento: o indivíduo apenas acomoda-se à *regra* de que, enquanto ser racional, precisa ter razões para ser a favor ou contra, razões apresentáveis e aceitáveis. Neste sentido, a história dos sentimentos morais é muito diferente da história dos conceitos morais. Aqueles são poderosos *antes* da ação, estes *depois* da ação, em vista da necessidade de pronunciar-se sobre ela²³.

Nesse sentido, o ser humano pode ter frequentado as melhores instituições de ensino de sua civilização. Todavia, se ele não conseguir ascender à sua cultura, ou seja, ampliar sua psicofisiologia a fim de ter disponibilidade para assimilar as contradições perspectivas de todas as históricas produções da humanas, ele será considerado *formado, civilizado*, mas não alguém *educado*. Afinal, esse ser humano em questão não desenvolveu em seu espírito o jogo de forças (o impulso à verdade, a incorporação dos erros fundamentais e força criadora) necessário para vencer sua segunda natureza e regalar-se com as imensas riquezas e belezas produzidas pelos seres humanos e pela natureza sensível.

No “cidadão civilizado” cantado pelos Titãs a primeira natureza ressecou e ele ficou restrito a segunda: aos seus valores e perspectivas morais – suas doses homeopáticas de veneno que os fazem piscar os olhos. Devido a sua pobreza de espírito, até mesmo o seu Si-Próprio careceu de palavras ou linguagens outras para manifestar-se. Afinal, nada pode acontecer fora dos cânones das morais da compaixão, do ressentimento, de mundos e deuses ainda por aparecerem como um segundo sol²⁴. Nada pode ser vivido fora do que fora implantado através da formação. Justamente o desafio dos processos educativos é transvalorar essa condição – sem matar o cachorro para acabar com as pulgas.

²³ NIETZSCHE, 2016, p. 33. #34.

²⁴ Em alusão à canção de Nando Reis “O Segundo sol”

Não nego, como é evidente – a menos que eu seja um tolo –, que muitas ações consideradas imorais devem ser evitadas e combatidas; do mesmo modo, que muitas consideradas morais devem ser praticadas e promovidas – mas acho que, num caso e noutro, *por razões outras que as de até agora*. Temos que aprender a *pensar de outra forma* – para enfim, talvez bem mais tarde, alcançar ainda mais: *sentir de outra forma*.²⁵

A posição conceitual apresentada supra pode ser visualizada sem grandes dificuldades no período inicial da obra nietzschiana. Mas é em *Ecce Homo*, no momento em que o pensador alemão disserta sobre suas *Considerações Extemporâneas*, que os distintos usos dos termos vêm melhores *a lume*. Na primeira consideração Nietzsche faz questão de destacar que “não há maior mal-entendido (...) do que acreditar que o grande êxito alemão nas armas demonstre algo em favor dessa cultura – muito menos a vitória *dela* sobre a França”²⁶. Ou seja, a sobrepujança bélica da cultura alemã sobre a França em nada ou não necessariamente a faz ascender culturalmente. Já na segunda consideração destaca que o modo “bárbaro” de fazer ciência, de trabalhar em seu tempo (desumanizado, impessoal) e o “sentido histórico” de tal tempo (creditado como o ápice do desenvolvimento humano) disseminou um tipo de vida enferma que pôs a cultura em declínio.

É válido destacar que na tradução de *Ecce Homo* por Paulo César de Souza há uma nota de rodapé (a 45) salientando que Nietzsche utilizou-se do termo *Bildung* para referir-se à “cultura alemã” e *Kultur* para sinalizar a finalidade perdida (o fomento da cultura) pelas produções de seu tempo. É nesse sentido que firmamos no presente trabalho o uso dos termos *formação (Bildung)* para nos referirmos aos processos voltados e encerrados à civilização (*Zivilisation*) e *Educação (Erziehung)* para referir-se aos processos constitutivos que, muitas das vezes, seguem em sentidos opostos aos interesses médios da civilização, ou seja, vão ao encontro da cultura (*Kultur*).

Os ápices da cultura e da civilização estão separados entre si: não devemos nos deixar extraviar sobre o abissal antagonismo entre cultura e civilização. Moralmente falando, os grandes momentos da cultura sempre foram tempos de corrupção; e, novamente, as épocas da voluntária e coercitiva *domação animal* (“civilização”) do homem foram tempos de intolerância para as naturezas mais espirituais e ousadas. A civilização quer outra coisa que a cultura quer: talvez algo inverso...²⁷

²⁵ NIETZSCHE, 2016, p. 70.

²⁶ NIETZSCHE, 2009b, p. 64.

²⁷ NIETZSCHE, F. Fragmento póstumo nº 5 [71], junho de 1887. Em: GIACOIA JUNIOR, 2002, p.62.

A fim de evitar que a ideia de cultura (*Kultur*), enquanto finalidade da educação, seja tomada como um lugar metafísico a ser alcançado em negação à civilização, cumpre destacar, uma vez mais, a indissociabilidade entre *educação*, *civilização* e *cultura*. Entretanto, os processos de subjetivação (as *relações de cuidado*²⁸ a partir das quais os seres humanos são inventados e reinventados), engendrados no seio dos processos formativos e educativos, são diametralmente díspares. As questões envolvidas no declínio da cultura e o privilégio e manutenção de uma *vida enferma* mantêm total relação com esta diferença entre tais processos. Enquanto a formação visa ao *nivelamento* superficial das pessoas e à *utilidade* delas, à moralidade, à *economia da virtude*, ao detrimento do prazer em prol do dever, ao simulacro do que seja forte e potente e, em consequência o favorecimento social dos *atores*; a educação, por sua vez, promove o acolhimento, o mergulho e o cultivo das profundidades, dos perigos, das exceções, dos *gênios*, bem como, dos altos voos, do respirar ares rarefeitos, do suar nos frio dos cumes do pensamento humano.

Mas o que significa supor que a cultura seja a finalidade da educação? Numa frase: a educação a visa naufragar no infinito – assimilando o não dito, o não calculado, aquilo que ainda não foi amado. Para além da técnica e da criação de coisas, a educação roça, flerta e dá a luz à arte – *l’art pour l’art* – no sentido de estar *e* não estar a serviço de algo ou alguém; de ser um processo de instituir-se e depor-se, de educar e deseducar, de prezar(-se) e desprezar(-se).

Nesse sentido e nas sendas da *vontade de poder* a cultura enquanto finalidade da educação possibilita processos de subjetivação que empreendem um “mais-de-força” donde provêm homens e mulheres “que não têm *necessidade* de extremos artigos de fé, aqueles que não apenas admitem, como amam, uma boa parte de acaso, absurdo, aqueles que podem pensar a respeito do homem com uma significativa redução de seu valor, sem com isso se tornar pequeno e fraco”²⁹. Homens e mulheres que têm *a falta de sentido pleno* e/ou o niilismo levado às suas últimas consequências como possibilidade ativa, artística e, portanto, criativa de vida.

²⁸ Tal como será visto no decorrer deste texto, Slavoj Žižek destaca que o amor pode ser compreendido como uma relação de cuidado na qual o ser humano, diante de uma infinidade de possibilidade elege alguma coisa ou ser para se afeiçoar – para cuidar.

²⁹ NIETZSCHE, F. Frag. póstumo nº 16 [10], primavera-verão de 1888. Em: GIACOIA JUNIOR, 2002, p. 51.

Eis, então, uma arte que todo educador heroico deve ensinar: como aprender e apreender sutilmente o Amor. A nosso ver, e como deve ter ficado explícito ao leitor deste trabalho, a principal forma de arte por nos elegida é a música. Não por acaso ou por questões estritamente particulares, mas, sim, porque partilhamos do mesmo entendimento pedagógico e psicofisiológico de Nietzsche expresso no aforismo 334 da *Gaia Ciência*.

Eis o que sucede conosco na música: primeiro temos que *aprender a ouvir* uma figura, uma melodia, a detectá-la, distingui-la, isolando-a e demarcando-a como uma vida em si; então é necessário empenho e boa vontade para *suportá-la*, não obstante sua estranheza, usar de paciência com seu olhar e sua expressão, de brandura com o que nela é singular: – enfim chega o momento em que estamos *habitados* a ela, em que a esperamos, em que sentimos que ela nos faria falta, se faltasse; e ela continua a exercer sua coação e sua magia, incessantemente, até que nos tornamos seus humildes e extasiados amantes, que nada mais querem do mundo senão ela e novamente ela. – Mas eis que isso não nos sucede apenas na música: foi exatamente assim que *aprendemos a amar* todas as coisas que agora amamos. Afinal sempre somos recompensados pela nossa boa vontade, nossa paciência, equidade, ternura para com o que é estranho, na medida em que a estranheza tira lentamente o véu e se apresenta como uma nova e indizível beleza: – é a sua *gratidão* por nossa hospitalidade. Também quem ama a si mesmo aprendeu-o por esse caminho: não há outro caminho. Também o amor há que ser aprendido³⁰.

Uma travessia

A *suprema afirmação da totalidade da Vida* é a possibilidade de uma *psicologia da tragédia*: “o dizer Sim à vida, mesmo em seus problemas mais duros e estranhos; a vontade de vida, alegrando-se da própria inesgotabilidade no *sacrifício* de seus mais elevados tipos – a *isto* chamei dionisíaco, isto entendi como a ponte para a psicologia do poeta trágico”³¹. É a partir desta psicologia que o maior e mais importante *giro existencial* pode ser dado ou alcançado: o **niilismo ativo**. O “*niilismo ativo* surge em circunstâncias configuradas de modo relativamente mais favorável. Que a moral seja sentida como superada já pressupõe um grau considerável de cultura espiritual; esta, por sua vez, um relativo bem-viver”³².

A conquista de um “considerável grau de cultura espiritual” é a provável experiência de “um relativo bem-viver” mesmo quando o gosto que vem à boca é um desgosto e o sabor dos dias de “leite e mel” desaparece ou aparenta desaparecer. Mas essa experiência não se dá

³⁰ NIETZSCHE, F. 2009, pp. 221-2.

³¹ NIETZSCHE, 2009b, p. 61. O nascimento da tragédia. #3

³² NIETZSCHE, F. Fragmento póstumo nº 5 [71], junho de 1887. Em: GIACOIA JUNIOR, 2002, p. 61. #13.

ao luxo (e muito menos à miséria condescendente da moral) de dizer que aquilo que afetou uma pessoa como algo ruim seja para ela algo natural e imediatamente bom. Essa experiência é, antes de tudo, a capacidade de se afetar com os *maus encontros* e manifestar um plausível *mal-estar* neste. É justamente isso que o *artista trágico* faz: ele *comunica de si*.

Nota bene: esse tipo de força é uma capacidade conquistada, alcançada, cultivada! E a *atitude fulcral*, portanto, aquela que dá apoio e alavanca tal conquista, é uma *necessidade de espírito*, pois é a falta de espírito, o vazio deixado pelo *niilismo negativo*, pela “morte de Deus”, pela queda de todo *absoluto* e finalidade para a Vida, que incita o heroísmo do *niilismo ativo*: da travessia, da criação, da transvaloração de todos os valores (*Umwertung aller Werte*). Somente “os mais ricos em saúde, aqueles que estão à altura da maioria dos *malheurs* [infortúnios, SOS.] e por isso não temem tanto esses *malheurs* – homens que estão seguros de seu poder e, com orgulho consciente, representam a alcançada força do homem”³³. Estes homens e mulheres fortes são *diplomatas*: eles re(a)presentam o heroísmo, a coragem de navegar além-mar com *elegância e leveza*, pois “tudo vale a pena se a alma não é pequena”³⁴.

O experimento de si realizado pelos heróis, na vivência de sua psicofisiologia e condições de vida, é um experimento da Vida. E “apenas a grande dor é o extremo libertador do espírito, enquanto mestre da *grande suspeita*”. É ela que nos faz pensar, desconfiar e manifestar o desgosto, o sofrimento, o mal-estar da civilização e ir além de toda *finalidade*, de tudo aquilo que foi pensado e vivido. É a dor, é o desamparo, é o *niilismo ativo* que nos faz esvaziar de nós aquilo que é gregário, que é multidão e ir ao encontro dos processos de criação. É assim que o espírito se faz *criança*: afirmando e bendizendo para além de uma teleologia. Mas não nos enganemos! Resta claro que “a vida do pensador é a mais custosa – nada é bom demais para ele; e privar-se justamente do *melhor* seria, no caso, uma privação insuportável”³⁵.

Apenas a grande dor, a lenta e prolongada dor, aquela que não tem pressa, na qual somos queimados como a madeira verde, por assim dizer, obriga a nós, filósofos, a alcançar nossa profundidade extrema e nos desvencilhar de toda confiança, toda benevolência, tudo o que encobre, que é brando, mediano, tudo em que antes

³³ NIETZSCHE, F. Fragmento póstumo nº 5 [71], junho de 1887. Em: GIACOIA JUNIOR, 2002, p. 62. #15.

³⁴ PESSOA, F. *Mar salgado*. Obtido via internet em: <https://www.youtube.com/watch?v=6iHHvNI6OKQ>.

³⁵ NIETZSCHE, 2016, p. 250. #566.

púnhamos talvez nossa humanidade. Duvido que uma dor tal “aperfeiçoe” –; mas sei que *aprofunda*³⁶.

Para além da superfície, da casca, da crosta “de tudo que é bonito e feio, de tudo que é normal”³⁷... Não é a dor pela dor. Não é um prazer em suportá-la ou apenas um simples prazer em sofrer que aperfeiçoa o espírito humano – esta é a grande Circe da moral, sobretudo da cristã, que tem mestria para ensinar a vivência da dor como prazer e fazer disso uma virtude. O que aperfeiçoa é a capacidade de *assimilar* a dor! De atravessá-la, de fazer dela e com ela um experimento de si sem se tornar doente. Afinal, “sabemos agora para onde o *corpo* doente, **com a sua necessidade**, inconscientemente empurra, impele, atrai o espírito – para sol, sossego, brandura, paciência, remédio, bálsamo em todo e qualquer sentido”³⁸. Ou seja, o *corpo doente* não busca as profundidades da alma, a profusão de afetos, a manifestação e o cultivo daquilo que é tido como desprezível à maioria das morais. A ele quanto menos dor, melhor a vida – mesmo que para isso outrem tenha de sofrer.

Um corpo humano se torna doente quando “a força dos preconceitos morais penetrou profundamente no mundo mais espiritual, aparentemente mais frio e mais livre de pressupostos – de maneira inevitavelmente nociva, inibidora, ofuscante, deturpadora”³⁹. O que vibra nele é um processo de subjetivação superficial em que uma *pálida* perspectiva domina e sufoca a força da multiplicidade efetivamente histórica de seus afetos e afetações. Portanto, tal processo se faz fraco, medroso e à mercê da inquietude peculiar e, às vezes sutil, das águas de quaisquer tempestades ou pedacinhos de mar que brincam nas areias das praias.

Por trás dos supremos juízos de valor que até hoje guiaram a história do pensamento se escondem más-compreensões da constituição física, seja de indivíduos, seja de classes ou raças inteiras. Podemos ver todas as ousadas insânias da metafísica, em particular suas respostas à questão do *valor* da existência, antes de tudo como sintomas de determinados corpos; e se tais afirmações ou negações do mundo em peso, tomadas cientificamente, não têm o menor grão de importância, fornecem indicações tanto mais preciosas para o historiador e o psicólogo, enquanto sintomas do corpo, como afirmei, do **seu** êxito ou fracasso, de **sua** plenitude, potência,

³⁶ Ibidem.

³⁷ RUSSO, R.; VILLA-LOBOS, D.; BONFÁ, M. Perfeição. Em: Legião Urbana. Álbum: *O Descobrimento do Brasil*. Gravadora EMI Brasil, 1993.

³⁸ NIETZSCHE, 2009a, p. 11. Prólogo. §2. (grifos nossos)

³⁹ NIETZSCHE, 2017, p. 27. #23.

soberania na história, ou então de **suas** inibições, fadigas, pobreza, de **seu** pressentimento de fim, **sua vontade de fim**.⁴⁰

Partamos do seguinte pressuposto: o mundo, o real, a realidade tal qual a maioria de nós a conhece não é um “texto”, mas, sim, interpretação⁴¹. Nesse sentido a força ou a fraqueza de um juízo de valor é a manifestação de um corpo ou, como quer o excerto supra, um sintoma de um corpo – saudável, por estar à altura e não temer os infortúnios da Vida, ou o doente, os malogrados que temem os infortúnios da Vida e optam pela conservação resignada de si em terra firme ou em um além-mundo. Tal movimento valorativo é simetricamente cabível tanto para uma pessoa como para um país. Contudo, à escuta de um psicólogo, aquilo que mobiliza o corpo humano não é o mesmo que mobiliza o corpo social.

A **conformação** de um povo, sua moral, seu caráter, seu governo, dá-se por meio de uma palavra de ordem ou de um conjunto de palavras que, bem como, de saberes e poderes, ordena a partir de um lema: *ordem e progresso*, por exemplo. Por sua vez, o ser humano é o animal que fala, mas que *é e/ou está* para além da palavra – daquilo que disse, diz, dirá e/ou será dito de si. Isso porque os valores morais necessitam da palavra, de uma língua ou linguagem para existirem – como meios para sua manifestação e compreensão daquilo que comunicam. Já o ser humano, naquilo que lhe é próprio – a condição de ser vivo, a qualidade de animal efetivo e afetivamente não idealizado – independe das palavras para acontecer. Afinal, “não nos estimamos o bastante, quando nos comunicamos. Nossas vivências mais próprias não são nada tagarelas. Não poderiam comunicar-se, se quisessem. É que lhes falta a palavra. Quando temos palavra para algo, também já o ultrapassamos”⁴².

A constituição do sujeito na linguagem e através da linguagem é precisamente a expropriação desta experiência “muda”, é, portanto já sempre “palavra”. Uma experiência originária, portanto longe de ser algo subjetivo, não poderia ser nada longe daquilo que, no homem, está antes do sujeito, vale dizer, antes da linguagem: uma experiência “muda” no sentido literal do termo, uma infância do homem⁴³.

⁴⁰ Idem, p. 12. (grifos nossos)

⁴¹ NIETZSCHE, 2017, pp. 26-7. #22.

⁴² NIETZSCHE, 1999, p. 379. Incursões de um extemporâneo. §26. Em sua tradução, Paulo César Souza faz uso da expressão “loquazes” no lugar de “tagarelas”.

⁴³ AGAMBEN, G. *Infância e História: destruição da experiência e origem da história*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2005, p. 58.

Deste modo “com a fala se vulgariza o falante”⁴⁴, pois nela, na fala, nas palavras, impera uma *sagrada* hierarquia gramatical – seus tempos, intentos e regras. Por sua vez, no campo dos afetos não há hierarquia, posto que não haja *hiéros* (algo sagrado) e nem *Arkhé* (princípio ordenador ou substância originária ordenativa). O que há é um modo de ordenação – *Rangordnung* – delineado pelo afeto de maior poder. Nem mesmo existe um “sujeito do inconsciente”. O ser humano é um todo no qual se implicam dois diferentes tipos de natureza: a sensível e a social. É neste sentido que Zaratustra⁴⁵ diz que o homem é a corda estendida entre o animal e o além-do-homem.

O homem é uma corda, atada entre o animal e o super-homem – uma corda sobre um abismo. Um perigoso para-lá, um perigoso a-caminho, um perigoso olhar-para-trás, um perigoso estremecer e se deter. Grande, no homem, é ser ele uma ponte e não um objetivo: o que pode ser amado, no homem, é ser ele uma *passagem* e um *declínio*⁴⁶.

Mas para quem o homem é perigoso?⁴⁷ É obvio! Para os malogrados, para os corpos (pessoas e civilizações) doentes, que são rasos de espírito, que preferem a resignação de um rio às tormentas e profundezas de um oceano. Aliás, nas palavras de Zaratustra, “um rio imundo é o homem. É preciso ser um oceano para acolher um rio imundo sem se tornar impuro”⁴⁸. O poeta já exortou que não existe caminho, pois o caminho se faz ao andar. De modo análogo, o ser humano é aquele que se constitui a partir do exercício de si – daquilo que faz nos seus breves dias sobre a terra e (isso é para poucos raros) no modo como navegante rumo ao desconhecido, ao infinito, torna-se mar, ou seja, supremamente forte, posto que seu exercício manifesta-se como “a suprema força de sentir/reunir tudo aquilo que é tido como imperfeito, sofredor como *necessário* (eternamente digno de retorno) a partir do transbordamento de uma *força de criação*”⁴⁹ – de uma força artística.

⁴⁴ Ibidem.

⁴⁵ NIETZSCHE, 2015, p. 16. Prólogo. §4. Cumpre destacar que fazemos aqui uma opção diferente a do tradutor da obra no tange ao termo “super-homem” justamente para destacar o preceito da *Rangordnung*, da *primeira natureza*, para além das palavras, portanto, para além-do-homem.

⁴⁶ Ibidem.

⁴⁷ Assim como o *eterno retorno* também é um grande perigo.

⁴⁸ NIETZSCHE, 2015, p. 14. Prólogo. §3.

⁴⁹ NIETZSCHE, 1884, 26 [243]. Obtido via internet em: <http://www.nietzschesource.org/#eKGWB/NF-1884,26>. Acesso em: 02 de setembro de 2017. Tradução não oficial de Oswaldo Giacoia Junior. (com alterações e grifos nossos).

É esse excesso de força que inquieta e faz o *homem saudável*, o herói, o *poeta trágico* escolher percorrer os caminhos mais tortuosos, mais difíceis, mais excêntricos. Ele tem de dar vazão a elementos e forças ainda que só potencialmente existem. É a partir dele ou de seu *declínio* que novas auroras são possíveis, pois tal excesso de força não é um transbordamento qualquer, mas, sim, a manifestação ou o jogo de um *ímpeto criador* que dá plasticidade e dinamicidade aos afetos e possibilidades de afetação, de sentir.

Um homem com uma dor é muito mais elegante. Caminha assim de lado como se chegando atrasado chegasse mais adiante. Carrega o peso da dor como se portasse medalhas, uma coroa, um milhão de dólares ou coisa que os valha. Ópios, edens, analgésicos, não me toquem nessa dor. Ela é tudo o que me sobra! Sofrer vai ser a minha última obra!⁵⁰

“Era isso a vida? *Ok. Da capo!*” Ter a dor, o sofrimento, os dias nublados, a escuridão da tempestade como algo necessário transvalora um possível “mau encontro”, pois o coloca como parte da totalidade Vida, por isso indispensável e digno de retorno. Não há outra legitimidade, outra finalidade ou justificativa para o sofrimento senão a própria Vida, senão sentir aquilo que é tido como imperfeito como perfeito. Essa é a *suprema força (Höchste Kraft)* afirmativa, assimilativa e transvalorativa de um corpo rico em saúde que tem a Vida como *o valor dos valores*. Nem mesmo a angústia pode suplantar o seu processo de criação.

Por cada muro un lamento, en Jerusalén la dorada, y mil vidas malgastadas por cada mandamiento. Yo soy polvo de tu viento y aunque sangro de tu herida, y cada piedra querida guarda mi amor más profundo. No hay una piedra en el mundo que valga lo que una vida. Yo soy un moro judío que vive con los cristianos. No sé que dios es el mío, ni cuales son mis hermanos.

No hay muerto que no me duela, no hay un bando ganador. No hay nada más que dolor y otra vida que se vuela. La guerra es muy mala escuela – no importa el disfraz que viste. Perdonen que no me aliste bajo ninguna bandera. Vale más cualquier quimera que un trozo de tela triste. Yo soy un moro judío que vive con los cristianos. No sé que dios es el mío, ni cuales son mis hermanos.

Y a nadie le dí permiso para matar en mi nombre. Un hombre no es más que un hombre y si hay dios, así lo quiso. El mismo suelo que piso seguirá, yo me habré ido rumbo también del olvido. No hay doctrina que no vaya y no hay pueblo que no se haya creído el pueblo elegido. Yo soy un moro judío que vive con los cristianos. No sé que dios es el mío, ni cuales son mis hermanos.⁵¹

“A guerra é uma péssima escola! Não importa o disfarce que vista. Perdoem que não me aliste debaixo de nenhuma bandeira. Vale mais qualquer quimera que um pedaço de pano

⁵⁰ LEMINSKI, P. Dor elegante. Poema. Obtido via internet em: https://www.pensador.com/poemas_paulo_leminski/. Acesso em: 04 de setembro de 2017.

⁵¹ DREXLER, 2004.

triste”⁵². Como disposto no capítulo anterior os *processos formativos* têm como bastião trazer uma finalidade para a vida humana. Finalidade esta que encarnada se transveste num lema ou numa bandeira a ser defendida e tida como o supremo refúgio e proteção de um *corpo* doente e amedrontado. Dela advém “a verdade” e uma crença extremada que tem de ser acastelada, pois sua ruína corresponde à ruína daqueles que nela creem e que a partir dela se constituem enquanto sujeitos.

Já os *processos educativos* não têm um objetivo, uma finalidade, a não ser alimentar a Cultura (essa que vem ao encontro dos sedentos de espírito) a fim de que ela assopre elementos (dê de beber) àquele que deseja brincar, que ambiciona ser ainda mais feliz, que almeja crescer, que anseia *poder acontecer* e *dançar* enquanto um *experimento de si*. Tais processos fomentam uma *psicologia trágica* e *traços* de um poema trágico ao qual “temos de continuamente parir nossos pensamentos em meio a nossa dor. Dando-lhes maternalmente todo o sangue, coração, fogo, prazer, paixão, tormento, consciência, destino e fatalidade que há em nós”⁵³. “Yo soy polvo de tu viento”⁵⁴ – canta o personagem da canção de Drexler.

Alguém que caminha por um *processo educativo* está, antes de tudo, *aprendendo a amar* e isso o implica na necessária doação de si, enquanto hospitalidade com a noite e suas criaturas, à espera por uma nova aurora – que se apresenta como *uma nova e indizível beleza*⁵⁵; *um iluminado presente* que lhe reafirma que não se tem o direito, a legitimidade, as condições ou a probidade intelectual para exterminar nada da Vida! Não se pode querer torná-la superficial, por medo ou preguiça, pois a suprema *força criativa* vem do corpo, do Si-Próprio, do não dito, da história a contrapelo, das ressignificações, da arte, da tragédia. Este é o professor: “o homem trágico como o homem nomeado para ser *professor* dos homens”⁵⁶.

Vale destacar que apenas a faceta *criança* do espírito tem o poder de deixar *acontecer* – no sentido daquilo que surge, que vem à tona e afeta de um modo diferente ao já assimilado de outrora. E é a partir dessas afetações que algo se cria com leveza, com novas e felizes articulações, posto que seja um ato com um fim em si mesmo; um brincar autotélico – uma

⁵² Ibidem. (tradução livre)

⁵³ NIETZSCHE, 2009a, p. 13. Prólogo. §3.

⁵⁴ DREXLER, 2004.

⁵⁵ NIETZSCHE, 2009a, p.222. Alusão ao aforismo 334 (*É preciso aprender a amar*).

⁵⁶ NIETZSCHE, F. *Sabedoria para depois de amanhã*. Seleção dos fragmentos póstumos por Heinz Friedrich. Tradução de Karina Jannini. São Paulo: Martins Fontes, 2005, p. 08.

roda em eterno girar. Aliás, “inocência é a criança, e esquecimento; um novo começo, um jogo, uma roda a girar por si mesma, um primeiro movimento, um sagrado dizer-sim. Sim, para o jogo da criação, meus irmãos, é preciso um sagrado dizer-sim”⁵⁷.

A espera criança

Eu apenas queria que você soubesse que aquela alegria ainda está comigo e que a minha ternura não ficou na estrada, não ficou no tempo presa na poeira. Eu apenas queria que você soubesse que esta menina hoje é uma mulher. E que esta mulher é uma menina que colheu **seu** fruto flor do **seu** carinho.

Eu apenas queria dizer a todo mundo que me gosta que hoje eu me gosto muito mais, porque me entendo muito mais também. E que a atitude de recomeçar é todo dia toda hora. É se respeitar na sua força e fé e **se olhar bem fundo** até o dedão do pé.

Eu apenas queira que você soubesse que **essa criança brinca nesta roda e não teme o corte de novas feridas, pois tem a saúde que aprendeu com a vida...**⁵⁸.

A faceta criança do espírito, assim como a criança que brinca na canção de Gonzaguinha, *tem a saúde que aprendeu com a vida*, pois tal aprendizado é a travessia e a assimilação de muitas doenças e conhecimentos que a fizeram cada vez mais sublimemente forte ao lhe aprofundar a alma na vivência e cultivo de *estados de tensionais limites* e de afetos e afetações incomuns ou impalatáveis à maioria dos humanos. Para tanto foi *necessária*, antes, uma *bendita coragem* para, primeiro, ser *camelo*, ou seja, ser resistente e reverente ao “Tu deves” da moral, do “Comportamento geral” no qual, como é dito noutra canção de Gonzaguinha que “você deve notar que não tem mais tutu e dizer que não está preocupado, você deve lutar pela xepa da feira e dizer que está recompensado, você deve estampar sempre um ar de alegria e dizer: ‘tudo tem melhorado’, você deve rezar pelo bem do patrão e esquecer que está desempregado”⁵⁹. Afinal, a sedução de maioria das moralinas trabalha a fim de que entendas que “você merece! Tudo vai bem, tudo legal”⁶⁰; e, depois, ter sido *leão*, a fim de libertar-se, de “capturar a liberdade em relação ao seu amor”⁶¹, conquistar

⁵⁷ NIETZSCHE, 2015, pp. 27-9. #Das três transmutações do espírito.

⁵⁸ GONZAGINHA. Eu apenas queria que você soubesse. Em: Gonzaguinha. Álbum: *Geral*. Gravadora: EMI, 1987. (grifos nossos)

⁵⁹ GONZAGUINHA, 1973.

⁶⁰ *Ibidem*.

⁶¹ NIETZSCHE, 2015, p. 28. #Das três transmutações do espírito.

o direito de ser e estar no mundo segundo perspectivas outras que não aquelas pré-estabelecidas como um “dever” e cultivar para si e em si a “liberdade para nova criação”⁶².

Manhã, despontando lá fora. Manhã, já é sol, já é hora. E os campos se abrindo em flor que é preciso coragem, que a vida é viagem, destino do amor. Abre o peito, coragem, irmão! Faz do amor sua imagem, irmão. Quem à vida se entrega a sorte não nega seu braço, seu chão. O rumo, a raça, a roda, o rodeio, o rio, a relva, o risco, a razão. Mas quem à vida se entrega a sorte não nega seu braço, seu chão. Irmão é preciso coragem... Irmão é preciso coragem!⁶³

Tomada sem aviso a canção “Irmãos coragem” trazida supra poderia ser confundida com um cântico de Zaratustra, um aforismo de Aurora ou algum fragmento póstumo sobre a transvaloração de todos os valores, pois traz, além de uma exortação à coragem, uma *inversão* (*Umkehrung*) que coloca a vida como *viagem* e ao mesmo tempo como *destino do amor*. Ou seja, o destino daquele que ama é viver... e mais amar e mais viver. E viver, um *bem-viver*, como temos aqui disposto, é fazer de si um experimento de vida ou da Vida. Afinal, como destaca Paulinho Moska: “só se vive no amor. E o amor é o desconhecido – a força luminosa que ao mesmo tempo cega e nos dá uma nova visão”⁶⁴.

A nosso ver o poder de tal *inversão* está atrelado ao “sagrado dizer-sim” do jogo realizado pelo espírito criança, de sua disponibilidade de acolhimento e assimilação do *acontecimento*, da “sorte” do vir-a-ser e do deixar vir. É por isso que consideramos o amor como a melhor possibilidade de *viragem* do medo, pois, antes, a inversão da *coragem* (do excesso, do ato enquanto excedente de força) é a *covardia* e a finalidade da covardia é controlar e erradicar o desconhecido, o acaso e tudo aquilo que pode ficar fora de seu controle e lhe causar dor. Este tem sido um *traço* indelével na história humana escrita por aqueles que não sabem amar e pretendem controlar o futuro e as pessoas nele. Afinal, tal como já expresseo no capítulo anterior, “o medo promoveu mais a compreensão geral dos homens que o amor, pois o medo quer descobrir quem é o outro, o que ele pode, o que ele quer: enganar-se nisto seria perigoso e desvantajoso”⁶⁵.

A covardia busca antever os percalços e sofrimentos da Vida. “Qual a vantagem da dor?”, pergunta ela piscando os olhos. Por isso ela quase nunca espera – é perigoso,

⁶² Ibidem.

⁶³ BUZAR, N. e TAPAJÓS, P. Irmãos coragem. Em: Jair Rodrigues. Álbum: *O Talento e Bossa de Jair Rodrigues*. Gravadora: Philips, 1970.

⁶⁴ MOSKA, 2001a.

⁶⁵ NIETZSCHE, 2016, p. 173. #309.

desvantajoso, um dispêndio desnecessário de energia. E quando o faz é apenas enquanto tocaia, armadilha, uma espécie de cálculo perverso. Ela nunca é *uma espera criança* – aquilo que sabe suportar e ser suporte para algo ou alguém, que sabe prezar e desprezar, deixar acontecer e criar. Entretanto, cumpre destacar que, por mais que o termo “espera criança” seja um trocadilho ou uma semelhança com a palavra “esperança”, ele foi cunhado juntamente para se distanciar desta, tendo em vista que a base afetiva (ou o significante mestre) dela e do medo é a mesma: a expectativa. Segundo Safatle⁶⁶, o medo é a expectativa de que algo ruim aconteça, enquanto a esperança é a expectativa de que algo bom aconteça.

A *espera criança* busca distanciar-se das expectativas a fim de evitar colocar a vivência do tempo presente em um ritmo frenético a serviço de um futuro específico, projetado, milimetricamente arquitetado e envolvido na lógica dos investimentos e recuperação dos lucros, das causas e efeitos, dos cálculos e controles das possibilidades. “Faz do amor tua imagem, irmão”, diz a canção. E a imagem do amor que tal espera traz é da *doação*, posto que seja um *ato feliz* em si e não um investimento, uma promessa de um futuro ensolarado, de recompensas futuras que narcotizam o presente e, sobretudo, o que há nele de dor, angústia, sofrimento, desamparo e mal-estar.

Doar/amar denota desprendimento, fartura, *mais-de-força*, a taça transbordante que, ao mesmo tempo é grata ao seu passado e *cuidadosa* com o seu futuro a partir daquilo que no seu presente é necessário e não pode ser feito de outro modo. “Meus pensamentos”, disse o andarilho a sua sombra, “devem me anunciar onde estou; não devem me revelar *para onde vou*. Eu amo a ignorância a respeito do futuro e não quero perecer de impaciência e do antegozo de coisas prometidas”⁶⁷.

A *espera criança*, então, primeiro, é um tipo de vivência *grata* ao seu passado ao invés de apenas tê-lo no esquecimento, pois sem cada pedacinho dele, cada encontro e desencontro dele, cada sabor e dissabor seu, o espírito, a pessoa, não seria na dimensão presente aquilo que é. Por sua vez, essa espera, essa *leitura vagarosa* de si, daquilo que lhe faz ser o que é, traz um tipo de implicação e responsabilização de si em tais atos que, aconteça o que acontecer,

⁶⁶ SAFATLE, V. A lógica do condomínio. Palestra. Em: Café filosófico. Gravado em Campinas no espaço CPFL Cultura. Obtido via internet em: <http://www.institutocpfl.org.br/podcast/a-logica-do-condominio-com-vladimir-safatle/>. Acesso em maio de 2017.

⁶⁷ NIETZSCHE, 2009a, p. 194. #287.

isso será amado, pois será mais um estímulo a vontade de poder, ao mais-de-força, a capacidade de assimilação. Eis o amor ao destino, ao que vier, o amor ao fado, o *amor fati*.

E para onde queremos ir, então? Queremos transpor o mar? Para onde se arrasta esse poderoso deleite [cf. OGJ], que para nós vale mais que qualquer outro prazer [cf. OGJ]? Por que justamente nessa direção, para ali onde até hoje todos os sóis da humanidade se puseram, desapareceram? Dirão as pessoas, algum dia, que também nós, rumando para o Ocidente, esperávamos alcançar as Índias – mas que nosso destino era naufragar no infinito? Ou então, meus irmãos? Ou?⁶⁸

Diz a canção que “longe se vai sonhando demais”. Entretanto ela mesma questiona: “mas aonde se chega assim?” Ao invés de ensaiarmos uma resposta ousamos integrar outras questões a esta da canção: Que importa o lugar, que importa aonde, desde que sejamos nós mesmos e os nossos filhos nosso próprio destino? Que importa o que dirão a nosso respeito? Afinal, “quanto mais alto nos elevamos, tanto menores parecemos àqueles que não podem voar”⁶⁹.

Mas é certo que, como todo herói, estaremos nós um dia fatigados de nossas navegações e batalhas. Mas, jamais estaremos entregues à morte sob a forma da resignação, pois não nos falta a coragem para, depois de extenuadas todas as nossas forças, dispormos nossos ossos como sementes ou adubo numa ilhota remota qualquer. Talvez esta seja nossa derradeira crença – fruto de nosso niilismo ativo. Mas em função de quê?, poderia alguém objetar. E nossa resposta seria: em função da Vida, do todo da Vida no qual nossos pensamentos, portanto, nosso viver e amar, são *apenas mais uma* manifestação desse todo. Não nos paralisa a angústia de não saber se naufragaremos no Infinito ou se junto ou a partir de nós surgirá uma nova aurora.

Todos esses ousados pássaros que voam para longe – é claro! em algum lugar não poderão mais prosseguir e pousarão num mastro ou num recife – e ainda estarão agradecidos por essa mísera acomodação! Mas quem poderia concluir que à sua frente não há mais uma imensa via livre, que voaram tão longe quanto é possível voar? Todos os nossos grandes mestres e precursores pararam, afinal, e não é com o gesto mais nobre e elegante que a fadiga se detém: assim será comigo e com você! Mas que importa a mim e a você?⁷⁰

⁶⁸ NIETZSCHE, 2016, p. 251. #575. De acordo com o professor Oswaldo Giacoia Júnior as palavras “deleite” e “prazer” podem ser tomadas como alternativas às escolhas do tradutor – “avidez” e “desejo”, respectivamente.

⁶⁹ NIETZSCHE, 2016, p. 251. #574.

⁷⁰ NIETZSCHE, 2016, p. 251. #575.

Por derradeiro neste trabalho havemos de destacar o pressuposto de que, a partir do nihilismo ativo, ao colocarmos sob suspeita a importância de nossa própria existência, a importância de nossas e de outras vivências, de nossa psicofisiologia, e sendo estas partes do todo da Vida, colocamos, por lógica, a própria Vida como um problema. Problema este que impossibilita à Vida o estatuto de ser algo para além (suprassensível, metafísica) das vivências dos animais falantes ou não falantes que habitam o planeta Terra. Se repararmos bem, essa é a mesma lógica destitutiva atribuída às noções de *essência humana*, princípio sagrado e fundamental da Vida, realidade etc. Todos esses *grandes artigos de fé* encontram-se em derrocada, visto que, após esses...

...longos e perigosos exercícios de autodomínio retornamos uma outra pessoa, com algumas interrogações mais, sobretudo com a *vontade* de ora em diante questionar mais, mais profundamente, severamente, duramente, maldosamente, silenciosamente do que até então se questionou. A confiança na vida se foi; a vida mesmo tornou-se um *problema*. – Mas não se creia que isso torne alguém necessariamente sombrio. Mesmo o amor à vida é ainda possível – apenas se ama diferente. É o amor a uma mulher da qual se duvida... Mas o fascínio de tudo que é problemático, a alegria com o X, nesses homens mais espirituais, mais espiritualizados, é muito grande para que essa alegria não torne sempre a assomar, num claro ardor, acima de toda a aflição do que é problemático, de todo o perigo da incerteza, e até do ciúme daquele que ama. Conhecemos uma nova felicidade.⁷¹

Assim, nessa fascinante toada da Vida, tal como canta Lenine, “não deixo a vida me levar. Levo o que vale do viver”, de modo que hoje, mais do que nunca, precisamos de uma educação heroica ou... algo que nos auxilie a sermos cada vez mais corajosos para mantermos em *eterno retorno* um processo educativo que nos ensine cada vez mais como aprender a amar... a fim de que “a imagem sedentária e cansada do amor”⁷², propalada pelos ressentidos, pelos compassivos, pelos malogrados psicofisiologicamente, pelos *últimos-homens*, pelos *formados* e pelos *formadores* de opinião não nos enfraqueça, não nos adoeça, “não nos domine”⁷³. Afinal,

Não podemos subestimar o amor, não podemos castrá-lo. O amor não é orgânico. Não é meu coração que sente o amor. É a minha alma que o saboreia. Não é no meu sangue que ele ferve. O amor faz sua fogueira dionisíaca no meu espírito. Sua força se mistura com a minha e nossas pequenas fagulhas ecoam pelo céu como se fossem novas estrelas recém-nascidas. O amor brilha. Como uma aurora colorida e misteriosa, como um crepúsculo inundado de beleza e despedida, o amor grita seu silêncio e nos dá sua música. Nós dançamos sua felicidade em delírio porque somos o alimento preferido do amor, se estivermos também a devorá-lo. O amor, eu não

⁷¹ NIETZSCHE, 2009a, pp. 13-4. Prólogo 3.

⁷² MOSKA, 2001.

⁷³ Ibidem.

conheço. E é exatamente por isso que o desejo e me jogo do seu abismo, me aventurando ao seu encontro. A vida só existe quando o amor a navega. Morrer de amor é a substância de que a Vida é feita. Ou melhor, só se Vive no amor. E a língua do amor é a língua que eu falo e escuto.⁷⁴

Que o verbo amar e atos amorosos sejam a melhor atitude trágica e artística de um educador heroico que, junto do enfrentamento de sua indelével condição de desamparo, sabiamente auxilia a todos na superação dos seus medos, na avaliação e cultivo daquilo que lhes traz a grandeza e a abundância da Vida, bem como, no desenvolvimento de habilidades, tal como *uma responsabilidade com o cuidado de si e do outro*, contra os modos e modelos educacionais que insistem em formar/domar/domesticar seres humanos malogrados e ressentidos. Afinal, o amor pode ser experimentado como a capacidade de cuidar e a arte de fazer laço com o outro⁷⁵ diante de *um tempo espera*, diante de um tempo de cultivo e maturação que se basta em si... que brinca, que luta, que dança. É assim que se coloca *para além de um pedaço de pano triste* e brada o seu cântico que diz:

Que a força do medo que tenho não me impeça de ver o que anseio
 Que a morte de tudo em que acredito não me tape os ouvidos e a boca
 Porque metade de mim é o que eu grito, mas a outra metade é silêncio.

Que a música que ouço ao longe seja linda ainda que tristeza
 Que a mulher que amo seja pra sempre amada mesmo que distante
 Pois metade de mim é partida, mas a outra metade é saudade.

Que as palavras que falo não sejam ouvidas como prece, nem repetidas com fervor.
 Apenas respeitadas como a única coisa que resta a um homem inundado de sentimentos. Porque metade de mim é o que ouço, mas a outra metade é o que calo.

Que essa minha vontade de ir embora se transforme na calma e na paz que mereço
 Que essa tensão que me corrói por dentro seja um dia recompensada
 Que o espelho reflita em meu rosto um doce sorriso
 Que eu me lembro ter dado na infância
 Porque metade de mim é a lembrança do que fui, mas a outra metade, não sei.

Que não seja preciso mais do que uma simples alegria
 Pra me fazer aquietar o espírito
 E que o teu silêncio me fale cada vez mais
 Porque metade de mim é abrigo, mas a outra metade é cansaço

Que a arte nos aponte uma resposta, mesmo que ela mesma não saiba
 E que ninguém a tente complicar porque é preciso simplicidade pra fazê-la florescer
 Porque metade de mim é plateia, mas a outra metade é canção
 E que a minha loucura seja perdoada!
 Pois metade de mim é amor e a outra metade também!⁷⁶

⁷⁴ Ibidem.

⁷⁵ A música é a via régia para o estabelecimento de *laços amorosos* com “os outros” a partir daquilo que nos seres humanos soa como singular, mas que também vibra como algo universal. Ela é uma experiência artística com uma inigualável e inestimável potência educadora – não apenas como criação e difusão de conhecimentos, mas, sim, como arma, artifício e disposição para acolher e ver beleza (dançar) nos *acontecimentos* da Vida.

⁷⁶ MONTENEGRO, O. *Metade*. Obtido via internet em: <https://www.youtube.com/watch?v=GLkQMFVg8V8>. Acessado em: 15/03/2018.

CONCLUSÃO

Agora vamos ter os girassóis do fim do ano e o calor vem desumano. Tudo irá se expandir; crescer com as águas. Quiçá, amores nos corações. E um santeiro, milagreiro, prevê a dor de terceiros e diz que a vida é feita de ilusão. E um santeiro, milagreiro, prevê a dor de terceiros e diz que a vida é feita de ilusão...

Aquela que um dia o fez sonhar se foi com o outro no dia em que os dois se casariam por amor. Ele aluou... Hoje o seu pesar cintila nos varais. Usou as sete vidas e não foi feliz jamais. Toda a imensidão passou pela vida e foi cair na solidão.

Mais um santo para esculpir é o que lhe vale pra evitar que o rancor suas ervas espalhe...¹

Amar não é a garantia de livrar-se do sofrimento, do erro e do errar, do triste vagar e da felicidade facilmente encontrar. Mas pode ser a possibilidade de se compor, se recompor, se decompor e tudo isso harmonizar numa organização dinâmica, ou seja, com movimento. Amando alguém vive a oportunidade do cultivo (*Zucht*) de uma psicofisiologia artística, transfigurativa e transvalorativa, que tece, fia, desfia, desafia e sublima para evitar, tal como expresso na canção acima, que “o rancor suas ervas espalhe” e coloque a perder, no mais sagrado instante – a vida de uma pessoa –, a abundância da Vida que sempre tende a resplandecer como novas auroras bailarinas, infinitas e brilhantes. É por isso que *amar* pode ser sinônimo de educar(-se) e/ou de cultivar(-se). Porque, tal como diz o refrão da canção a seguir, “amar é profundo e nele sempre cabem de vez todos os verbos do mundo”.²

Errar é útil. Sofrer é chato. Chorar é triste. Sorrir é rápido.
 Não ver é fácil. Trair é tático. Olhar é móvel. Falar é mágico.
 Calar é tático. Desfazer é árduo. Esperar é sábio. Refazer é ótimo.
 Amar é profundo e nele sempre cabem de vez todos os verbos do mundo.
 E nele sempre cabem de vez...

Abraçar é quente. Beijar é chama. Pensar é ser humano. Fantasiar também.
 Nascer é dar partida. Viver é ser alguém. Saudade é despedida. Morrer um dia vem.
 Mas amar é profundo e nele sempre cabem de vez todos os verbos do mundo.
 E nele sempre cabem de vez...

Heroico é este tipo de *amor profundo*. Um amor que bebe dos abismos e sombras da Vida, bem como, baila e se regozija naquilo que Nela é alto, raro e rarefeito. Nele pensar e viver se tornam indissociáveis – mesmo diante de um perigo, do risco, da carne e do espírito cravejados de dor. Este heroísmo vai além do “amor próprio” e do “amor ao próximo”. Ele é

¹ DJAVAN. Milagreiro. Em: Djavan. Álbum: *Milagreiro*. Gravadora: Epic Records, 2001.

² JENECCI, M.; DUNCAN, Z. Todos os verbos. Em: Zélia Duncan. Álbum: *Pelo sabor do gesto*. Gravadora: Biscoito Fino, 2011.

um amor menino, uma *espera criança*, um amor ao distante... um amor ao destino – um *amor fati*. Ele é abundante... e por isso se afirma como um pensamento que se banha nos líquidos da Vida, pois assim não se resseca, não se torna estéril, triste e desvalido de nobreza e poesia. Afinal, de que vale um pensamento que não dança?

Conhecer, saber, saborear... amar. Este é um dos possíveis veios para alguém conquistar ou cultivar sua liberdade, livrar-se do peso da culpa e nisso dar-se como inocente (*Unschuldige*), como vir-a-ser, como causa-imanente-de-si, experiência de si, de suas paixões e de seus impulsos... uma nova gravidade (*Schwerkewicht*), uma possibilidade de satelizar e/ou realinhar afetações e fetos num *eterno retorno* (*Ewige Wiederkunft*). E a nosso ver, didaticamente dispostos, é através dos *erros fundamentais* e o *impulso à verdade* que se pode compor uma salutar dinâmica cíclica de todos esses atos, pois o amor heroico é aquele que sabe dar e receber, prezar e desprezar, matar e morrer.

É por isso que em uma *educação heroica* o ato de conhecer é algo *necessário*, mas o conhecimento proveniente de tal ato, não. Conhecer e pensar não são se limitam a elucidar ou minimizar formas de composições de saberes, mas estabelecer novas relações entre eles e deixar-se atualizar neste exercício. É ter a coragem de colocar o valor dos valores em questão. É questionar o valor da própria existência – é tê-la como um problema a ser vivido de modo a “abrir o peito à força numa procura”³, a fim de perscrutar aquilo que o faz sentir e viver de tal e tal modo, posto que seus sentimentos e razões não têm nada de inatos, mas, sim, lhe foram inculcados, velada ou deflagradamente, de sua genética a seus valores morais.

Sobre essa questão última, não por acaso o peso e a força dos costumes foi deveras problematizado no decorrer deste texto. Fez-se uso sobremaneira da afirmação espinosana⁴ de que toda a nossa felicidade ou infelicidade depende da *qualidade do objeto que aderimos por amor*. O quê, por que, como e desde quando amamos algo (ou alguém)? O que nos fez e/ou faz apreendê-lo assim? Quais sentimentos foram implantados em mim? Quais razões derivaram de tais implantes?

Tais questionamentos são muitíssimos valiosos numa educação heroica, porque por processo educacional pode-se compreender um trabalho de inscrição de uma pessoa na Cultura – algo que visaria, teoricamente, ao aumento das perspectivas que ela possui sobre si

³ Em alusão à música “Caçador de mim” trazida no capítulo anterior.

⁴ ESPINOSA, 2015, p. 31.

e sobre outrem. Diz-se “em teoria”, pois é certo que muitos destes processos alargam algumas habilidades e gostos humanos, mas, em contrapartida, limitam tantos outros – em prol de interesses escusos. Foi a fim de distanciar-se de tais interesses perversos que o presente trabalho investiu no trato da diferença entre educação e formação: a primeira visando o cultivo de uma vida fértil, forte, abundante e sábia; e, a segunda, referindo-se aos modos de domesticação do animal humano.

Enquanto a *formação* diz o porquê (qual a finalidade) das pessoas e coisas no seio dos seus planos, a *educação*, por sua vez, transvalora, a partir de sua *força criativa*, as finalidades ou os tipos de relações estabelecidas pela formação como necessárias e essenciais. E é muito válido retomar aqui que, justamente, aquilo que é tido por uma pessoa como *necessário*, seja a relação com o objeto ou o próprio objeto, é o que direciona a descarga de suas forças (impulsos) e a intensidade dessa descarga. E é por isso que, nas palavras de Nietzsche, seu “olhar tornou-se cada vez mais agudo para a difícil e insidiosa *inferência regressiva*, com a qual se comete a maioria dos erros – a inferência que vai da obra ao autor, do ato ao agente, do ideal àquele que *dele necessita*, de todo modo de pensar e valorar à *necessidade* que por trás dele comanda”.⁵

No absurdo poético da aproximação de Nietzsche e Raul Seixas pode-se destacar que, alguns homens, nos seios de suas morais, “já são carrascos e vítimas do próprio mecanismo que criaram”⁶. Tendo o ódio e o desprezo e, antes destes, o medo, como traços fundamentais ou afetos dominantes em seus processos de subjetivação, lhes soam bem “a música ruim e os maus motivos, quando marcham sobre um inimigo”⁷. Entretanto, “nós outros, imoralistas,” (e educadores heroicos), “temos, ao inverso, nosso coração escancarado para toda espécie de entender, compreender, *chamar de bom*. Não negamos facilmente, procuramos a nossa honra em ser afirmativos”⁸.

Sim, afirmativos! Mas é que “depois de vinte anos na escola não é difícil perceber todas as manhas do seu jogo sujo”⁹. Nós fizemos o nosso “dever de casa”; fizemos nossa

⁵ NIETZSCHE, 2009a, p.273.

⁶ SEIXAS, R.; COELHO, P. As aventuras de Raul Seixas na cidade de Thor. Álbum: *Gita*. Gravadora: Philips Records, 1974.

⁷ NIETZSCHE, 2016, p. 246. #557. (com adaptações e grifos nossos)

⁸ NIETZSCHE, 1999, p. 379. §6.

⁹ RUSSO, R. Geração Coca Cola. Em: Legião Urbana. Álbum: *Mais do mesmo*. Gravadora: EMI, 1998.

peregrinação da *formação*! No entanto, junto de uma educação heroica, não somos mais os *filhos da revolução*, nem *burgueses sem religião*, nem mesmo *o futuro da nação*.¹⁰ Afinal, somos demais *décadent*. Todavia somos os frutos tardios, a aurora de uma lenta “contrapressão”¹¹ ao tipo de formação escravizante, enfraquecida e ressequida que aporta no século XXI. Somos o jogo que começa novamente, a roda da moral que gira sobre si. Assim, afinal, historicamente,

entre as forças que a moral cultivou estava a *veracidade*: esta se volta, por fim, contra a moral, descobre sua *teleologia*, sua consideração *interessada* – e agora o *discernimento* dessa longa mendacidade encarnada [nossa psicofisiologia, S.O.S.] – que desejamos afastar de nós – atua precisamente como estimulante. Para o niilismo. Constatamos agora em nós necessidades, implantadas pela duradoura interpretação moral, que agora nos parecem como necessidades do não verdadeiro: por outro lado, são aquelas nas que parece se apoiar o valor, pelas quais suportamos viver. Esse antagonismo: *não* apreciar o que conhecemos, e não mais *podemos* apreciar aquilo com o que gostaríamos de nos enganar – resulta num processo de dissolução.¹²

Em linhas conclusivas, não há que se trazer à baila um novo modelo educacional ou um novo modelo (de)formação e suas grades curriculares, pois isto seria apenas mais um sinal de apequenamento universal da humanidade. Tentamos com isso não sustentar a ilusão da possível chegada de certo modelo que tampone todas as angústias e necessidades humanas. Evitamos nisso a reposição de um *novo absoluto*. No entanto, trazemos um convite para vivências e experiências no campo da indissociabilidade entre educação, civilização e cultura que se façam junto da beleza e da força da *autossupressão* (*Selbestaufhebung*) no sentido do cultivo das paixões, daquilo que nos faz ser quem somos; e para a *transvaloração de todos os valores* (*Umwertung aller Werte*)¹³ que também nos fazem ser quem somos. Afinal, como diz Zaratustra, “grande, no homem, é ser ele uma ponte e não um objetivo: o que pode ser amado, no homem, é ser ele uma passagem e um declínio”.¹⁴

¹⁰ Ibidem. (com adaptações)

¹¹ Em referência ao aforismo 257 de Para Além de Bem e Mal (NIETZSCHE, 2017, p. 153).

¹² NIETZSCHE, F. Fragmento póstumo nº 5 [71], junho de 1887. Em: GIACOIA JUNIOR, 2002, p. 57. #02.

¹³ Resta claro que, por terem se tornado conceitos de grande importância no enredo criado para a presente tese, os conceitos “autossupressão” e “transvaloração de todos os valores” deveriam ter recebido melhor atenção e elaboração. Isso será realizado de bom grado nos 60 dias decorrentes da data da defesa tendo em vista o conteúdo advindo do curso realizado no semestre passado, nas dependências da Unicamp, com o professor Oswaldo Giacoia Júnior, justamente, ao redor desses conceitos. Cumpre destacar que estes e outros conceitos quais a banca inferir a necessidade de um melhor aprofundamento e/ou lapidação terão a imediata consideração.

¹⁴ NIETZSCHE, 2015, p. 16.

Por derradeiro, julga-se profícuo destacar que, mesmo que tenhamos falado aqui, neste trabalho, a todo instante de uma psicofisiologia/corpo que é um jogo de acumulações e esbanjamentos de forças conscientes e inconscientes, in/tenso metabolismo que traça as características de um processo de subjetivação, autocriação de um animal que se nominou humano, uma “passagem e declínio”, não implica ou caracteriza que tenhamos destacado um estado de *resignação*, de *conformação* com dadas condições de vida.

Como dito, heroica é a arte da assimilação e da transvaloração. E é de bom grado destacar que desde muito cedo neste trabalho veio à tona a difícil perspectiva nietzschiana na qual se afirma que “quem tem de ser um criador sempre destrói”¹⁵. E foi justamente a questão acerca da *legitimidade da destruição na criação* que tanto nos inquietou e nos angustiou. Inquietações, angústias e poeiras da estrada nos dispuseram uma perspectiva na qual olhamos para essa problemática por meio da interrogação acerca do tipo de psicofisiologia, ou mais especificamente, ao tipo de afeto ou sentimento que diz e constringe um corpo a uma *necessidade* específica – a um fazer, um viver, a uma estética, a objetos, objetivos e a formas de direcionamentos (e descargas) das forças que têm *necessariamente* de ser de certo modo.

Talvez, uma das principais acepções de uma *educação heroica*, seja a da responsabilidade de conduzir-se e conduzir o outro, um educando, afetiva e racionalmente, a um mergulho no abismo que existe entre aquilo que lhe foi transmitido de modo atávico ou manifesto e as razões que são construídas no decorrer de nossas vidas. Somente a partir de tal coragem torna-se possível *pensar diferente para sentir diferente*.

É aqui, para nós, que o conceito do *eterno retorno*, relacionado à *autossupressão* e à *transvaloração de todos os valores*, torna-se vital para a possibilidade de criação de uma existência saudável, poderosa e abundante de Vida, pois se pensado junto de certa psicofisiologia, o que retorna ou deve retornar não é “o mesmo”, mas, sim, aquilo que se faz *necessário* para um corpo. E, neste sentido, heroica é a coragem em des/cobrir o que nos faz sentir... para intensamente nos depararmos, cotidianamente, com *uma nova e indizível beleza* da Vida.

¹⁵ Idem, p.58.

REFERÊNCIAS ÁUDIO-VÍDEO-BIBLIOGRÁFICAS

AGAMBEN, G. *Infância e História: destruição da experiência e origem da história*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2005.

ANTUNES, A.; BRITTO, S.; REIS, N. Bichos escrotos. Em: Titãs. Álbum: *Cabeça dinossauro*. Gravadora: Warner Music Brasil, 1986.

BÍBLIA SAGRADA. Obtida via internet em: <https://www.bibliaonline.com.br/acf/1co/13>. Acesso em 28 de janeiro de 2017.

BUZAR, N. e TAPAJÓS, P. Irmãos coragem. Em: Jair Rodrigues. Álbum: *O Talento e Bossa de Jair Rodrigues*. Gravadora: Philips, 1970.

CAMPBELL, J. *O herói das mil faces*. 11ª reimpressão. Tradução de Adail Ubirajara Sobral. São Paulo: Cultrix/Pensamento, 2007, pp. 31-2. [EPÍGRAFE].

DELEUZE, G. Nietzsche e a filosofia. Tradução de Edmundo Fernando dias e Ruth Joffily Dias. Rio de Janeiro: Editora Rio, 1976.

DJAVAN. Boa noite. Em: Djavan. Álbum: *Coisa de acender*. Gravadora: Sony Music Entertainment, 1992.

_____ Milagreiro. Em: Djavan. Álbum: *Milagreiro*. Gravadora: Epic Records, 2001.

_____ Seduzir. Em: Djavan. Álbum: *Seduzir*. Gravadora: EMI Brazil, 1981.

DON JUAN DEMARCO. Direção: Jeremy Leven. Estados Unidos da América, 1994.

DREXLER, J. Milonga del moro judio. Em: Jorge Drexler. Álbum: *Eco*. Gravadora: Warner Music latina, 2004.

DUNCAN, Z.; MOSKA, P. Dor elegante. Em: Zélia Duncan. Álbum: *Pré-Pós-Tudo-Bossa-Band*. Gravadora: Universal Music, 2005.

ESCANDURRA, E. Flerte fatal. Em: Ira! Álbum: *MTV ao VIVO – IRA!* Gravadora: AbrilMusic, 2000.

ESPINOSA, B. Tratado da emenda do intelecto. Edição em latim e português. Tradução e nota introdutória de Cristiano Novaes de Rezende. *Coleção Fausto Castilho multilíngues de filosofia Unicamp*. Campinas: Editora Unicamp, 2015.

FOUCAULT, M. *A verdade e as formas jurídicas*. Rio de Janeiro. Ed. Nau. 1996.

_____ *História da sexualidade 2 – o uso dos prazeres*. 8ª Ed. Tradução: Maria Thereza da Costa Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1998.

_____ O que são as Luzes? Em: MOTTA, M. B. *Coleção Ditos e Escritos II – Arqueologia das Ciências e História dos Sistemas de Pensamento*. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

FREJAT, R.; NETO, A. Maior abandonado. Em: Barão Vermelho. Álbum: *Maior abandonado*. Gravadora: WEA Music, 1984.

FREUD, S. O mal-estar da civilização. Em: *Obras completas*, v. 18 – 1930-1936. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das letras, 2010.

_____ Novas conferências introdutórias à psicanálise – Conferência XXI: A dissecação da personalidade psíquica. Em: *Obras completas*, v. 18 – 1930-1936. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das letras, 2010b.

GIACOIA JUNIOR, O. *Friedrich Nietzsche: A “Grande Política” – fragmentos*. Clássicos da filosofia: Cadernos de tradução nº 3. Campinas: IFCH/UNICAMP – Setor de publicações, 2002.

_____ *Nietzsche*. 1ª ed. São Paulo: Publifolha, 2000.

_____ *Nietzsche x Kant: uma disputa permanente a respeito de liberdade, autonomia e dever*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra; São Paulo: Casa do Saber, 2012.

_____ O infinito campo hermenêutico. Em: *Ciência e Cultura*. Vol.67, nº1. Jan./Mar. 2015.

GONZAGA JÚNIOR, L. Eu apenas queria que você soubesse. Em: Gonzaguinha. Álbum: *Geral*. Gravadora: EMI, 1987. (grifos nossos)

_____ Comportamento geral. Em: Gonzaguinha. Álbum: *Luiz Gonzaga Jr.* Gravadora: EMI, 1973.

_____ Pacato cidadão. Em: Gonzaguinha. Álbum: *Coisa mais maior de grande – pessoa*. Gravadora: EMI, 1991.

HOLANDA, S. B. *Raízes do Brasil*. 26ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

JENECCI, M.; DUNCAN, Z. Todos os verbos. Em: Zélia Duncan. Álbum: *Pelo sabor do gesto*. Gravadora: Biscoito Fino, 2011.

LEMINSK, P. Dor elegante. Poema. Obtido via internet em: https://www.pensador.com/poemas_paulo_leminski/. Acesso em: 04 de setembro de 2017.

LENINE.; FALCÃO, D. Paciência. Em: Lenine. Álbum: *Acústico MTV*. Gravadora: Sony BMG, 2006.

_____ Simples assim. Em: Lenine. Álbum: *Carbono*. Gravadora: Universal Music, 2015.

LENINE.; GUERRA, P. Miedo. Em: Lenine. Álbum: *Acústico MTV*. Gravadora: Sony BGM, 2006.

LENINE; RENNÓ, C. Ecos do ão. Em: Lenine. Álbum: *Falange canibal*. Gravadora: Sony BMG, 2002.

_____ Vivo. Em: Lenine. Álbum: *In Cité (ao vivo)*. Gravadora: Sony BMG, 2002.

LINS, I.; MARTINS, V. Daquilo que eu sei. Em: Ivan Lins. Álbum: *Ivan Lins & The Metropole Orchestra*. Gravadora: Biscoito Fino, 2009.

MAGALHÃES, F.; GOFFI, G.; BARROS, M. Meus bons amigos. Em: Barão Vermelho. Álbum: *Carne crua*. Gravadora: Warner Music brasil, 1994.

MONTENEGRO, O. *Metade*. Vídeo/poema obtido via internet em: <https://www.youtube.com/watch?v=GLkQMFVg8V8>. Acessado em: 15/03/2018.

MORAES, V.; POWELL, B. Samba da benção. Em: Baden Powell. Álbum: *Le génie de Baden Powell*. Gravadora: Musidisc (França), 1990.

MOSKA, P. A idade do céu. Em: Paulinho Moska. Álbum: *Tudo novo de novo*. Versão em português da música “La edad del cielo” do uruguaio Jorge Drexler. Gravadora: EMI E, 2004.

_____ A seta e o alvo. Em: Paulinho Moska. Álbum: + *novo de novo*. Gravadora: EMI-Odeon, 2007.

_____ Não deveria se chamar amor. Em: Paulinho Moska. Álbum: Eu falso da minha vida o que eu quiser. Gravadora: EMI Brazil, 2001b.

_____ Venus / Do amor. Paulinho Moska. Álbum: *Eu falso da minha vida o que eu quiser*. Gravadora: EMI Brazil, 2001a.

NASCIMENTO, M. e VELOSO, C. Paula e Bebeto. Em: Milton Nascimento. Álbum: *Minas*. Gravadora: EMI Odeon Brazil, 1975.

NETO, A.; BRANDÃO, A, O tempo não para. Em: Cazuza. Álbum: *Cazuza – O tempo não para*. Gravadoras: Polygram e Universal Music, 1988.

NIETZSCHE, F. *A gaia ciência*. 5ª reimpr. Tradução, notas e posfácio: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2009a.

_____ *Além do bem e do mal: prelúdio de uma filosofia do futuro*. 17ª reimpr. Tradução, notas e posfácio de Paulo César de Souza. São Paulo: Cia de Bolso, 2017.

_____ *Assim falou Zaratustra: um livro para todos e para ninguém*. 2ª reimpres. Tradução, notas e posfácio de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

_____ *Assim falava Zaratustra – um livro para todos e para ninguém*. Tradução e notas Mário Ferreira dos Santos. 2ª ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2008.

_____ *Aurora: reflexões sobre os preconceitos morais*. 1ª ed. Tradução, notas e posfácio de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia de Bolso, 2016, pp. 208-9. #455.

_____ *Crepúsculo dos ídolos ou como filosofar com o martelo*. Em: Nietzsche. Coleção: *Os pensadores*. Seleção de textos Gérard Lebrun. Tradução e notas de Rubens Rodrigues Torres Filho. Posfácio de Antônio Cândido. São Paulo: Editora Nova Cultural Ltda, 1999, p. 377. Moral como contranatureza. §2.

_____ *Crepúsculo dos ídolos ou como se filosofa com o martelo*. 4ª reimpressão. Tradução, notas e posfácio de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

_____ *Ecce Homo: como alguém se torna o que é*. 1ª reimpres. Tradução, notas e posfácio de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia de Bolso, 2009b, p. 16.

_____ *Genealogia da moral: uma polêmica*. 10ª reimpressão. Tradução, notas e posfácio de Paulo César Souza. São Paulo: Cia da Letras, 2007.

_____ *Genealogia da moral: uma polêmica*. Tradução, notas e posfácio: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia de Bolso, 2009c.

_____ *Incursões de um extemporâneo*. Em: Nietzsche. Coleção: *Os pensadores*. Seleção de textos Gérard Lebrun. Tradução e notas de Rubens Rodrigues Torres Filho. Posfácio de Antônio Cândido. São Paulo: Editora Nova Cultural Ltda, 1999.

_____ *Nachgelassene Fragmente 1881-1882, Frühjahr-Herbst, MIII1*. Em: *Werke: kritische Gesamtausgabe*. T. V.2. Berlin, de Gruyter, 1977.

_____ *O anticristo: maldição ao cristianismo*. 1ª reimp. Tradução, notas e posfácio de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das letras, 2009d.

_____ *Sabedoria para depois de amanhã*. Seleção dos fragmentos póstumos por Heinz Friedrich. Tradução de Karina Jannini. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

PESSOA, F. *Mar salgado*. Obtido via internet em: <https://www.youtube.com/watch?v=6iHHvNI6OKQ>. Acesso em: 27/08/2017.

RAMALHO, Z. Chão de giz. Em: Zé Ramalho. Álbum: *Zé Ramalho*. Gravadora: Epic, 1978.

RUSSO, R. Geração Coca Cola. Em: Legião Urbana. Álbum: *Mais do mesmo*. Gravadora: EMI, 1998.

RUSSO, R.; VENTURINI, F. Mais uma vez. Em: Renato Russo. Álbum: *Presente*. Gravadora: EMI, 2003.

RUSSO, R. Monte Castelo. Em: Legião Urbana. Álbum: *As quatro estações*. Gravadora: EMI, 1989.

RUSSO, R.; VILLA-LOBOS, D.; BONFÁ, M. Perfeição. Em: Legião Urbana. Álbum: *O Descobrimento do Brasil*. Gravadora EMI Brasil, 1993.

SÁ; MAGRÃO, S. Caçador de mim. Em: 14 Bis. Álbum: *14 Bis ao vivo*. Gravadora Sony BMG, 2007.

SAFATLE, V. *A lógica do condomínio*. Palestra. Em: Café filosófico. Gravado em Campinas no espaço CPFL Cultura. Obtido via internet em: <http://www.institutocpfl.org.br/podcast/a-logica-do-condominio-com-vladimir-safatle/>. Acesso em maio de 2017.

_____ *O circuito dos afetos: corpos políticos, desamparo e o fim do indivíduo*. 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016.

SANTOS, L. Minha vida. Em: Lulu Santos. Álbum: *Lulu*. Gravadora: RCA Records, 1986.

SANTOS, S. O. Me cansei daqui (vou cuidar de mim). *Música autoral*. Em estúdio de gravação. Previsão de lançamento: abril de 2019.

SEIXAS, R.; COELHO, P. As aventuras de Raul Seixas na cidade de Thor. Álbum: *Gita*. Gravadora: Philips Records, 1974.

_____ *Rock do Diabo*. Em: Raul Seixas. Álbum: *Eu Raul Seixas*. Gravadora: Philips Records, 1991.

THE JOKER. (Diálogos). Em: *Batman: Dark Night*. (filme) Direção Christopher Nolan, 2008.

VALENÇA, A.; RAMALHO, Z. Admirável gado novo. Em: Zé Ramalho. Álbum: *Zé Ramalho 2*. Gravadora: Epic, 1979.

VERCILLO, J. Eu e a vida. Em: Jorge Vercillo. Álbum: *Jorge Vercillo*. Gravadora: EMI Brazil, 2006.

Žižek, S. *Žižek!* Direção: Astra Taylor. Nova York: Zeitgeist Films, 2005.

1 – SANGRANDO

(Gonzaguinha)

Quando eu soltar a minha voz, por favor, entenda
Que palavra por palavra eis aqui uma pessoa se entregando
Coração na boca, peito aberto, vou sangrando
São as lutas dessa nossa vida que eu estou cantando

Quando eu abrir minha garganta essa força tanta
Tudo que você ouvir, esteja certa que estarei vivendo
Veja o brilho nos meus olhos e o tremor nas minhas mãos
E o meu corpo tão suado, transbordando toda raça e emoção

E se eu chorar e o sol molhar o meu sorriso
Não se espante, cante
Que o teu canto é minha força pra cantar
Quando eu soltar a minha voz, por favor, entenda
É apenas o meu jeito de viver
O que é amar...

2 – A MEDIDA DA PAIXÃO

(Lenine)

É como se a gente não soubesse pra que lado foi a vida.
Por que tanta solidão? E não é a dor que me entristece...
É não ter uma saída, nem medida na paixão...

Foi. O amor se foi perdido
Foi tão distraído que nem me avisou
Foi. O amor se foi calado, tão desesperado que me machucou

3 – PACATO CIDADÃO

(Gonzaguinha)

E eu nem atino, mas, todos os dias,
Calmamente, assassino meu vizinho de cima.
E, pela cidade, sem qualquer maldade,
Mato, tranquilamente,
Que se me ponha na frente.
Através dos suores, humores e gestos e olhares
(Atitudes que a barra da vida põe em nossas mentes).

E, assim, de repente, deixei de ser gente,
Sou mais um bicho na rua pra vencer qualquer batalha.
Um novo Cristo se malha num poste, amarrado,
Pra lavar nossas dores desses dias tão pesados.
Mais um pacifista se iguala à policia e ao ladrão,
Um pai de família: pacato cidadão,
Que não nota que o filho
Só ouve e repete
Simplesmente
A palavra... Não.

4 – ECOS DO ÃO

(Lenine)

Rebenta na Febem rebelião
Um vem com um refém e um facão
A mãe aflita grita logo: não!
E gruda as mãos na grade do portão

Aqui no caos total do cu do mundo cão
Tal a pobreza, tal a podridão
Que assim nosso destino e direção
São um enigma, uma interrogação

Ecos do ão

Pra transcender a densa dimensão
Da mágoa imensa então, somente então
Passar além da dor da condição
De inferno e céu nossa contradição

Nós temos que fazer com precisão
Entre projeto e sonho a distinção
Para sonhar enfim sem ilusão
O sonho luminoso da razão

Ecos do ão

Porque não somos só intuição
Nem só pé-de-chinelo, pé no chão
Nós temos violência e perversão
Mas temos o talento e a invenção

Desejos de beleza em profusão
Ideias na cabeça, coração
A singeleza e a sofisticação
O choro, a bossa, o samba e o violão

Ecos do ão

Mas, se nós temos planos, e eles são
O fim da fome e da difamação
Por que não pô-los logo em ação?
Tal seja agora a inauguração
Da nova nossa civilização
Tão singular igual ao nosso ão
E sejam belos, livres, luminosos
Os nossos sonhos de nação.

Ecos do ão

5 – ME CANSEI DAQUI (VOU CUIDAR DE MIM)

(Sérgio de Oliveira Santos)

Vou sair me cansei daqui. Vou sair me cansei daqui...
Vagar devagar... Caminho é onde o coração quer estar

Pra onde vou não cabe muito do que fui e sou
Mas o melhor que há em nós me grita: fique aqui!

Razão já não tem razão
Mas nem todo deserto nos traz solidão.

Caio fora, pois o tempo me devora se eu lutar
Se invisto contra aquilo que eu não posso nunca evitar

Caio fora, pois a Vida me devora se eu ficar
Estou farto de lamento, de ressentimento, de mendigar amor

Vou cuidar de mim...

6 – A MINHA ALMA (A paz que eu não quero)

(Marcelo Yuka)

A minha alma está armada e apontada para a cara do sossego
Pois paz sem voz, paz sem voz, não é paz. É medo!

Às vezes eu falo com a Vida

Às vezes é Ela quem diz

Qual a paz que eu não quero conservar para tentar ser feliz

As grades do condomínio são para trazer proteção

Mas também trazem a dúvida

Se é você quem está nessa prisão

Me abrace e me dê um beijo. Faça um filho comigo

Mas não me deixe sentar na poltrona no dia de domingo

Procurando novas drogas de aluguel nesse vídeo coagido

É pela paz que eu não quero seguir admitindo

7 – EU QUERO SER FELIZ AGORA

(Oswaldo Montenegro)

Se alguém disser pra você não cantar

Deixar teu sonho ali pr'uma outra hora

Que a segurança exige medo

Que quem tem medo Deus adora

Se alguém disser pra você não dançar

Que nessa festa você tá de fora

Que você volte pro rebanho.

Não acredite, grite, sem demora...

Eu quero ser feliz Agora!

Se alguém vier com papo perigoso

De dizer que é preciso paciência pra viver.

Que andando ali quieto comportado, limitado

Só, coitado, você não vai se perder

Que manso imitando uma boiada

Você vai boca fechada pro curral sem merecer

Que Deus só manda ajuda a quem se ferra

E quando o guarda-chuva emperra certamente vai chover.

Se joga na primeira ousadia

Que tá pra nascer o dia do futuro que te adora.

E bota o microfone na lapela, olha pra vida e diz pra ela...

Eu quero ser feliz agora

8 – LÁGRIMAS DE DIAMANTE

(Paulinho Moska)

Não se preocupe mais com minha imperfeição

Não se pergunte mais porque me disse não

Se eu não procuro agora o que encontramos antes

É só porque a noite chora lágrimas de diamantes

Lágrimas de diamantes. À noite lágrimas de diamantes

De dia lágrimas, à noite amantes. Lágrimas de diamantes

9 – DISTRAÇÃO

(Zélia Duncan)

Se você não se distrai, o amor não chega

A sua música não toca

O acaso vira espera e sufoca

A alegria vira ansiedade

E quebra o encanto doce de te surpreender de verdade

Se você não se distrai, a estrela não cai

O elevador não chega e as horas não passam

O dia não nasce, a lua não cresce

A paixão vira peste, o abraço, armadilha

Hoje eu vou brincar de ser criança

E nessa dança, quero encontrar você

Distraído, querido

Perdido em muitos sorrisos

Sem nenhuma razão de ser

Se você não se distrai não descobre uma nova trilha,

Não dá um passeio, não ri de você mesmo.

A vida fica mais dura, o tempo passa doendo

E qualquer trovão mete medo

Se você está sempre temendo a fúria da tempestade

Hoje eu vou brincar de ser criança

E nessa dança, quero encontrar você

Distraído, querido

Perdido em muitos sorrisos

Sem nenhuma razão de ser

Olhando o céu, chutando lata

E assoviando Beatles na praça

Olhando o céu, chutando lata

Hoje eu quero encontrar você

Hoje eu quero encontrar...

10 – DAQUILO QUE EU SEI

(Ivan Lins)

Daquilo que eu sei, nem tudo me deu clareza

Nem tudo foi permitido, nem tudo me deu certeza

Daquilo que eu sei, nem tudo foi proibido

Nem tudo me foi possível, nem tudo foi concebido

Não fechei os olhos... Não tapei os ouvidos

Cheirei, toquei, provei... Ah eu usei todos os sentidos

Só não lavei as mãos e é por isso que eu me sinto

Cada vez mais limpo! Cada vez mais limpo! Cada vez mais limpo!

ANEXO II

DVD com a apresentação do Segundo Ato.

